

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

EDER MALTA

IDENTIDADES E PRÁTICAS CULTURAIS JUVENIS: AS
REPÚBLICAS ESTUDANTIS DE OURO PRETO

São Cristóvão – Sergipe
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

EDER MALTA

**IDENTIDADES E PRÁTICAS CULTURAIS JUVENIS: AS
REPÚBLICAS ESTUDANTIS DE OURO PRETO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe, com Área de Concentração – “Cultura e Cidadania”.

ORIENTADOR:
Prof. Dr. Rogerio Proença Leite

São Cristóvão – Sergipe
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

M261i Malta, Eder
Identidades e práticas culturais juvenis : as repúblicas
estudantis de Ouro Preto / Eder Claudio Malta Souza. – São
Cristóvão, 2010.
155 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Núcleo de Pós-
Graduação em Ciências Sociais, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e
Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2010.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Proença Leite.

1. Sociologia urbana. 2. Juventude – Ouro Preto (MG) I.
Souza, Eder Claudio Malta. I. Título.

CDU 316.334.56-053.6

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de esforços múltiplos, sem dúvida. Logo, no percurso da pesquisa acadêmica, a motivação e a leveza de compartilhar situações são realmente visíveis ao entendimento deste trabalho. Para tanto, agradeço a todos que compartilharam, direta ou indiretamente, de todos os meus questionamentos ao longo do percurso deste trabalho.

Agradeço primeiramente aos repúblicos ouro-pretanos que, sem a disponibilidade e atenção prestada, eu não poderia concluir este trabalho. Especial menção aos moradores das Repúblicas Nômades, Nau Sem Rumo, Xeque-Mate, Aquarius, Virada pra Lua, Lumiar, Indignação, Saudade da Mamãe e Marragolo, os quais conferiram grande atenção.

Não seria possível realizar este trabalho sem as contribuições de muitas pessoas a quem devo agradecer:

A minha família, por todo apoio e confiança.

Ao professor e orientador Dr. Rogerio Proença Leite, a quem devo a fundamental colaboração para o projeto e desenvolvimento de minha carreira acadêmica.

Ao programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da UFS e a CAPES pelo fomento da pesquisa.

Aos membros da banca, Dr. Ernesto Seidl e Dr^a Isabela Tamasso, que ao participarem da avaliação deste projeto, colaboraram com considerações importantes e estimulantes para novas inserções desta pesquisa. E ao prof. Dr. Carlos Fortuna, que participou na qualificação deste projeto, contribuindo com grandes questionamentos e sugestões.

A socióloga e amiga Carina Gomes, que contribuiu bastante para meu conhecimento sobre a cidade de Coimbra, além de todo o apoio conferido.

Aos amigos e companheiros, em diversos e difíceis momentos, que muito contribuíram para ajudar-me a não perder a motivação deste trabalho: Ayalla, Raone, Hudson, Lorena, Presunto, Nina, João, Aretha, Igor, Tati, Ébano, Alysson, Natelson e Ranniery.

Por fim, aos meus colegas de mestrado da turma de 2008, pelas conversas esclarecedoras e estimulantes, além das sociais realizadas durante os períodos letivos.

Agradeço a todos!

Ouro Preto, 17 de novembro de 1935

*Estudantes da República Vaticano
Rua Nova, nº 7*

Essa república colocou à vista do público uma placa pintada sobre uma caixa de descarga representando o acrobata Farnésio subindo aos céus num trapézio e o Padre Eterno segurando o globo terrestre e apontando o céu com o dedo do destino. Tal Símbolo atenta contra a religiosidade da nossa gente e, por isso, estão intimados a retirá-lo ou modificá-lo, de modo a descaracterizar os motivos da repulsa popular.

*(a) Dr. José da Costa Carvalho
Bacharel Delegado Regional de Ouro Preto.*

(Dequech, 1985, p.130)

RESUMO

A histórica e patrimonial cidade de Ouro Preto, Minas Gerais/Brasil, tem uma forte característica de vida juvenil universitária, a exemplo de outras cidades históricas, como Coimbra, em Portugal. A presença da Universidade imprimiu novos hábitos e formas diferenciadas de culturas urbanas, marcadas pela instalação das repúblicas estudantis. Esta dissertação, resultante de pesquisa realizada no âmbito do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe, propõe-se a discutir essas sociabilidades juvenis, em vista a observar as práticas culturais dos universitários de Ouro Preto. Analisamos como as diferentes identidades urbanas apropriam-se dos espaços e manifestam estilos de vida distintos, demarcando *lugares* na cidade. Nosso argumento é que tanto as repúblicas universitárias quanto certos espaços da cidade podem ser qualificados como espaços híbridos ou fragmentários, ao enunciarem usos que os transformam em *lócus* de sociabilidades públicas. O recorte empírico compreende tanto as repúblicas tradicionais – circunscritas à área patrimonial do centro histórico de Ouro Preto – quanto às novas habitações que surgiram em espaços não centrais da cidade; assim como ruas e praças nas quais se observam manifestações culturais típicas da cultura urbana juvenil. O que se conclui, como sugestão analítica, é que a forte inscrição sociossimbólica que essa cultura imprime à vida urbana cotidiana de Ouro Preto faz da cidade um espaço identitário dissonante de práticas sociais e sociabilidades diversas.

Palavras-chave: Identidades Urbanas, Práticas Culturais, Sociabilidade Juvenil, Ouro Preto

ABSTRACT

The historic and patrimonial city of Ouro Preto, Minas Gerais/Brazil, has a strong characteristic of youthful university life, like other historic towns such as Coimbra, Portugal. The presence of the University printed new habits and forms of urban cultures, marked by the installation of the houses of students. This work, resulting from research conducted within the Center for Graduate Studies and Research in Social Sciences, Federal University of Sergipe, it is proposed to discuss these youthful sociability, in order to observe the cultural practices of the University of Ouro Preto. We analyze how the different identities appropriate the urban space and enunciate different lifestyles, pointing out places in this city. Our argument is that both the university and certain republics of the city spaces can be characterized as hybrid spaces or fragmentary, to enunciate that uses the locus of social change into public. The empirical comprises both traditional republics - are limited to the assets of the old town area of Ouro Preto - for new dwellings that have arisen in non central city, as well as streets and squares in which cultural manifestations are observed typical urban youth culture. What follows, as analytical suggestion is that the strong enrollment social and symbolic that culture gives to everyday urban life of Ouro Preto is a city space dissonant identity of different social practices and sociability.

Key-words: Urban Identities, Cultural Practices, Youth Sociability, Ouro Preto.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01.....	52
Imagem 02.....	53
Imagem 03.....	58
Imagem 04.....	68
Imagem 05.....	68
Imagem 06.....	78
Imagem 07.....	78
Imagem 08.....	98
Imagem 09.....	98
Imagem 10.....	99
Imagem 11.....	100
Imagem 12.....	100
Imagem 13.....	101
Imagem 14.....	102
Imagem 15.....	102
Imagem 16.....	103
Imagem 17.....	105
Imagem 18.....	105
Imagem 19.....	106
Imagem 20.....	107
Imagem 21.....	108
Imagem 22.....	108
Imagem 23.....	111
Imagem 24.....	111
Imagem 25.....	122
Imagem 26.....	123
Imagem 27.....	126
Imagem 28.....	126

LISTA DE QUADROS

Quadro 01.....	74
Quadro 02.....	124

LISTA DE SIGLAS

- ALCAN** - Aluminium Limited do Canadá
- CAEM** – Centro Acadêmico da Escola de Minas
- CCCS** – Centre for Contemporary Cultural Studies
- CEEM** – Casa do Estudante da Escola de Minas
- CEOP** – Casa do Estudante de Ouro Preto
- CUNI** – Conselho Universitário da Universidade Federal de Ouro Preto
- ENEN** – Exame Nacional do Ensino Médio
- FAMOP** – Federação das Associações de Moradores de Ouro Preto
- IHGB** – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
- IPHAN** – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- MDME** – Movimento de Democratização da Moradia Estudantil
- MEC** – Ministério da Educação
- PROUNI** – Programa Universidade para Todos
- REFOP** – Associações dos Moradores de Repúblicas Federais
- SPHAN** – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- UC** – Universidade de Coimbra
- UFOP** – Universidade Federal de Ouro Preto
- UNESCO** – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Metodologia.....	18
2. CIDADES, IDENTIDADES E DIFERENÇA: A FORMAÇÃO DOS LUGARES.....	23
2.1 Espacialidades e lugares.....	32
2.2 A identidade atribuída à paisagem urbana de Ouro Preto.....	36
2.3 A identidade nacional como recurso da patrimonialização de Ouro Preto.....	42
3. OURO PRETO: “A CIDADE DAS REPÚBLICAS”.....	45
3.1 A fundação da Escola de Minas.....	45
3.2 Constituição das repúblicas de Ouro Preto e a influência de Coimbra.....	48
3.3 A Cidade dos Estudantes.....	54
4. INSCRIÇÃO DAS TRADIÇÕES ESTUDANTIS DE OURO PRETO.....	63
5.1 A cidade das repúblicas e as práticas rituais.....	64
5. CULTURAS E IDENTIDADES JUVENIS.....	81
5.1 Categorização das culturas juvenis.....	81
5.2 Identidades Urbanas Juvenis.....	88
6. AS REPÚBLICAS UNIVERSITÁRIAS DE OURO PRETO: LUGAR DE MORADIA, FESTAS E SOCIABILIDADES.....	95
6.1 Conflitos e articulações entre as repúblicas e a cidade.....	113
6.2 Práticas socioculturais e usos dos espaços: <i>Rock</i> e Sociais.....	118
6.2.1 O <i>Rock</i> de Ouro Preto.....	118
6.2.2 Fazer Social.....	124
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
8. REFERÊNCIAS.....	136
9. ANEXOS.....	143
ANEXO 01: QUADRO DE REPÚBLICAS FEDERAIS DE OURO PRETO.....	144
ANEXO 02: TABELA UFOP.....	146
ANEXO 03: QUADRO DE ITENS LEXICAIS ESPECIAIS DOS UNIVERSITÁRIOS.....	147
ANEXO 04: ESTATUTO DAS REPÚBLICAS FEDERAIS.....	149

1. INTRODUÇÃO

Uma antiga crença se instalou sobre a história da cidade de Ouro Preto: disseram, em outros tempos, que ela não poderia mais crescer. No entanto, os especialistas e intelectuais da fase heroica do Iphan, de 1937 a 1967, não prescreveram essa crença e a orientação política de preservação do patrimônio nem sempre corresponde às manifestações práticas e usos cotidianos de seus habitantes. Como refere Félix Guattari, “*toda apreensão autêntica do passado implica sempre uma recriação, uma reinvenção radical*” (1992, p.158). Os vestígios do passado, as heranças de uma época, expressam as articulações entre passado e presente, ainda que desterritorialize os antigos espaços de referência dos sujeitos. A cidade foi se expandindo e sua paisagem transformava-se à medida que as inovações na imagem urbana foram sendo construídas através de diversos agenciamentos, usos e apropriações de seus espaços.

Desta forma, a produção socioespacial de Ouro Preto, no curso de sua longa trajetória, foi ao mesmo tempo atributo 1) do período colonial, quando se consolidou seu centro histórico; 2) do legado modernista do Iphan na construção da paisagem política da cidade através das ações de preservação do patrimônio histórico e cultural e, posteriormente, consolidou o tombamento do acervo de bens como Patrimônio Mundial da Humanidade; 3) por fim, do turismo, quando a circulação de pessoas, signos e capital intensificou-se e inscreveu novas imagens e usos dos espaços através do consumo cultural e redes virtuais de comunicação, com ofertas de bens e serviços. Entretanto, decorre além destes diversos fatores o fluxo cotidiano e transformador enunciado pelos jovens estudantes universitários, os quais, de maneira muitas vezes irreverente, imprimiram novos usos aos velhos casarões e às antigas ruas ouro-pretanas permeadas de tradições.

A criação da Escola de Minas, em 12 de outubro de 1876, demarca um período de fortes mudanças na educação superior brasileira e sobretudo na vida urbana ouro-pretana (CARVALHO, 1978). A partir da instalação das repúblicas estudantis novos usos enunciaram a transformação do espaço público urbano da cidade, inscreveram modos de vida e cultura urbana diferenciada¹. Mais tarde, com a fundação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em 21 de agosto de 1969, foram incorporadas as Escolas de Minas e de Farmácia. A partir desta época ocorreu o aumento do número de alunos, que teve como consequência maior diversificação das repúblicas universitárias, visto que exprimiram novas formas de

¹ Embora já existisse a Escola de Farmácia, cuja fundação data de 4 de abril de 1839, o número reduzido de alunos não possibilitou a criação de repúblicas, visto que os estudantes viviam em casas de família.

habitar e vivenciar a cidade, com suas práticas e tradições que nem sempre convergem com a identidade tradicional atribuída à cidade.

O conceito de “tradição” remete-nos à ideia de que os valores tradicionais vigentes nas sociedades pressupõem a persistência de uma “*integridade e continuidade que resistem ao contratempo da mudança*” (GIDDENS, 2001, p. 31). As tradições estão em constante mutação, ao mesmo tempo em que são estruturadas por elementos como a crença, a memória e a continuidade de práticas sociais coletivas vinculadas ao passado. Para Stuart Hall (2003), as tradições não são completamente estruturadas, pois são relocalizadas e traduzidas no contexto contemporâneo. O resultado da *tradução* de diversas tradições concorre à hibridação. Há uma articulação, um cruzamento, uma mistura entre várias práticas sociais e culturais que se complementam entre identidade e diferença. Junto a essa mistura, as identidades dos sujeitos tornam-se descentradas de referenciais fixos, estando suspensas, em *transição*. Tal transição permite mobilidade e fortes mudanças na identidade dos grupos sociais e traduz novos estilos de vida, transcorrendo diferentes tradições e inovações culturais.

De maneira que circunscreve as práticas enquanto modos de fazer, de enunciação e significação da cultura, Michel De Certeau postula que “*não basta ser autor de práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza*” (1995, p.141) de modo que “*ela consiste não em receber, mas em exercer a ação pela qual cada um marca aquilo que outros lhe dão para viver e pensar*” (CERTEAU, 1995, p.143). Se levarmos em consideração a fragmentação dos sentidos atribuídos pelos sujeitos aos espaços urbanos e como eles o praticam ao elaborarem os lugares de sociabilidade pública, suas ações consistem na formação de socioespacialidades inscritas de modo multipolarizado pelos *usos* ou pelo que Rogerio P. Leite (2007) chamou de *contra-usos* da cidade.

Tais práticas são “maneiras de fazer” advindas, portanto, da criatividade e de invenções cotidianas, as quais podem significar movimentos contraditórios inscritos nos espaços urbanos ou não percebidos sob um olhar panóptico. Por exemplo, a arquitetura civil e religiosa que constitui a *paisagem política* (ARANTES, 2000) de Ouro Preto parece conformar uma paisagem disjuntiva em relação às muitas práticas cotidianas de seus moradores. Mas o que ocorre são as articulações da paisagem com a importância da Universidade e das práticas estudantis que elaboram na identidade da “cidade tradicional” uma “cidade universitária”². Estas articulações estão a expressar, conforme Antonio F. Costa (2002), o efeito das

² Refiro-me à ideia de Ouro Preto ser não somente uma cidade patrimonial ou turística, mas universitária também. Esta categoria “cidade universitária” é usada aqui simbolicamente para designar aspectos identitários sobre Ouro Preto, e de modo diferente às demais universidades brasileiras chamadas institucionalmente de cidades ou *campus* universitários referente ao seu espaço específico, como é o caso da USP e da própria UFOP.

dinâmicas identitárias. Isto significa falar em *sobreposição desfocada* entre as identidades culturais experimentadas no curso cotidiano das pessoas e das instituições, como daquelas atribuídas às unidades de mapeamento da paisagem social das cidades.

Em Ouro Preto, a presença da Universidade imprimiu novos hábitos e formas diferenciadas de culturas urbanas, marcadas pela instalação das repúblicas estudantis. Em seu espaço articulam-se também a fragmentação dos estilos de vida e dos lugares de sociabilidade; a interconexão de sistemas de comunicação; a produção de novas imagens, novos serviços e consumidores. Não são estas atividades privilégio das atividades turísticas, mas da inscrição sociossimbólica dos estudantes, nem turistas nem “nativos”, mas *repúblicos* ouro-pretanos. Novas sociabilidades e formas de consumo, por exemplo, advêm da presença do estudante e de suas relações com os próprios turistas e nativos.

As práticas cotidianas e as tradições estudantis advêm da criação, da organização e da continuidade das repúblicas. Em Ouro Preto, das mais de 400 repúblicas criadas, o primeiro registro que se tem conhecido é anterior ao ano de 1919, quando foram criadas a “Castelo dos Nobres” e a “Humaitá”, sendo que apenas a primeira continua a existir. Diversas são as formas como a cultura universitária, “*esta configuração complexa de práticas rituais, formais e festivas, acompanhada de uma constelação de imagens, de objectos e de mitos, confere ostensivamente à Universidade os sinais de uma singularidade reivindicada e de uma exemplaridade muito pouco estudada*” (FRIAS, 2003, p. 81). Desde então, podemos entender a inscrição sociossimbólica das repúblicas estudantis na produção sociocultural do espaço público ouro-pretano através das novas temporalidades, usos das casas antigas e ruídos no espaço urbano, indissociando-se, neste caso, da *imagem urbana* (LEITE, 2008) atribuída a Ouro Preto desde o redescobrimento do barroco mineiro.

Neste sentido, esta pesquisa objetivou à compreensão da “cidade histórica e universitária” e teve como foco principal a observação do modo de vida dos repúblicos e da sociabilidade urbana juvenil contemporânea. Situamos aqui a enunciação das diferenças, dos processos de identificação com os lugares, da inserção das práticas socioculturais e espaciais dos estudantes nos espaços da cidade e das formas de consumo cultural. Tendo em vista que um dos aspectos constitutivos para a compreensão destas categorias reside no entendimento sobre a construção dos *lugares* e do *espaço público* (LEITE, 2007, 2009), atentamos também para os possíveis conflitos identitários, demarcados pela publicização das diferenças que se estabelecem no curso das interações públicas entre os estudantes e também com alguns setores da sociedade ouro-pretana.

Compreendemos ainda que as práticas culturais dos repúblicos, a exemplo dos trotes³, mesmo que articuladas à imagem urbana de Ouro Preto, estão situadas em um espaço-tempo fragmentário, visto que a maioria destes jovens desloca-se de outros Estados e do interior de Minas Gerais, para estudar na UFOP. Embora estabeleça um entremeio de fronteiras culturais e processos descentrados, de possibilidades diversas de sentidos – racionais ou inconscientes – a sociabilidade estudantil produz a *enunciação híbrida dos lugares* (BHABHA, 1998). Adriana A. França (2008) observou os reflexos do contato linguístico entre eles e demonstrou que os modos de falar e as escolhas dos nomes de algumas repúblicas provêm da interação e comunicação cotidiana. Queremos dizer que não há necessariamente um fechamento entre o estilo de vida dos estudantes e dos ouro-pretanos, o que desconstrói qualquer tentativa de polarização das identidades em questão.

Esta articulação complexa entre eu/outro demarca a noção contemporânea das identidades. Um exemplo, bem assinalado por M. Margulis e M. Urresti (2000) e José Machado Pais (2003), destaca a articulação da classificação etária jovem/adulto, visto que as teorias contemporâneas criticam a noção de juventude como uma “fase da vida” de caráter transitório, dotada de representações como “irresponsabilidades”, “rebeldias” e “instabilidades” em contraposição ao *status* de estabilidade atribuído à vida adulta. Desta forma, a identidade “*repúblico*”⁴ parece corresponder a esta percepção, pois, mesmo sendo um espaço juvenil, as repúblicas podem ser consideradas uma família – sem pais e mães –, à medida que os jovens se inserem nestas casas e adquirem diversas responsabilidades da vida adulta, sendo eles os próprios mantenedores.

Estas responsabilidades são informadas através dos relatos de ex-moradores de repúblicas, de quem visitou ou morou por um curto período, como também circulam diversas informações na internet. Em sua grande maioria os enunciados convergem com a ideia de que “morar em república é uma aprendizado para toda a vida”; “a república é uma Escola de vida”. Ingressar na Universidade torna-se então um dos mais importantes momentos de transição da vida de muitos jovens, pois é no ensino superior que encontramos maior

³ Como veremos, os trotes geralmente são formas de inserir os calouros (bixo) no estilo de vida da república. O calouro deve usar placas quando sai às ruas, tem seus cabelos cortados à maneira que os moradores desejam. Ocorre também o “vento”; “varal”; “bixo pelado”; “baldada”; “amantegado” e “capote”. Tais situações são bastante contestadas e geram os movimentos anti-trote. Acrescentemos que a grafia “bixo” (referência ao calouro) é utilizada pelos repúblicos, enquanto que podemos encontrar também a grafia “bicho” em outros meios de informação. Descreveremos de modo mais detalhado no capítulo 4.

⁴ Adotaremos o termo “repúblico” ao invés de “republicano” comumente chamado pelos próprios moradores. Esta distinção serve para, à luz deste texto, evitar imprecisões com o termo usado para designar a identidade política de um Estado republicano. O termo “republicano” é também usado por Aníbal Frias (2003), autor citado neste trabalho.

liberdade de escolha para um futuro pessoal e profissional, mesmo ao lado de grandes inquietações, ainda mais se vamos estudar e morar longe de casa com outras pessoas, até então desconhecidas, por pelo menos 4 ou 5 anos. Este período demarca fortemente a pós-adolescência. É quando os jovens experimentam novas identidades, transitam para outras visões de mundo (políticas e socioculturais) decorrentes não só de novos contatos, mas da própria vinculação ao mundo acadêmico.

Observamos, tanto em forma teórica quanto através da nossa imersão em campo, as práticas culturais estudantis nos diversos espaços da cidade. Ocorrem através dos usos e apropriações dos antigos sobrados como lugar de moradia e lazer, principalmente no centro histórico, onde há maior interação com o fluxo de turistas da cidade, visto que estes se hospedam também nas repúblicas. Sabemos que, por um lado, as práticas dos estudantes em Ouro Preto estão muitas vezes articuladas à Universidade, que promove famosos eventos anuais, tais como o Festival de Inverno, a Semana de Arte e Literatura e o Festival de Jazz. Por outro lado, há também os novos usos do patrimônio arquitetônico e histórico, através de práticas culturais e espaciais: o Carnaval de Ouro Preto, organizado e realizado também pelos estudantes, a criação de boates nos porões ou quartos dos antigos sobrados e a apropriação de diversos espaços da casa para a realização de festas.

Embora o Movimento Estudantil seja uma importante prática política, não nos deteremos neste assunto. Mas não podemos deixar de mencionar que esta prática entre os repúblicos norteou a formação de uma esfera pública e na articulação dos interesses dos estudantes para questões de fins estudantis. A mediação política entre as repúblicas e os estudantes, como também com a sociedade e instituições públicas e privadas de Ouro Preto, ocorre através de Associações dos Moradores de Repúblicas Federais (Refop) e do Centro Acadêmico da Escola de Minas (CAEM), fundado em 1915 e instalado no antigo fórum da cidade, onde funciona o restaurante universitário da Escola de Minas. Devemos também adicionar que este mesmo espaço torna-se lugar para o lazer noturno, ao funcionar como local para todo tipo de festas e *shows* musicais, rodas de capoeira, teatros, formatura etc.

Do exposto acima, levantamos as seguintes indagações: Como se enunciam as práticas socioculturais das repúblicas estudantis de Ouro Preto? Como e por que tornam-se as repúblicas um lugar de sociabilidade(s) pública(s) entre diferentes identidades? Quais as diferenças e as identificações entre os repúblicos e como constitui o espaço público da “cidade universitária”?

Além destas questões, devemos atentar também para os conflitos intra e intergeracionais, visto que as repúblicas são formadas majoritariamente por jovens e

adolescentes. Neste sentido lançamos mão da seguinte e não menos importante questão: Quais os conflitos geracionais que se estendem em usos no espaço interno das repúblicas e como eles também se enunciam no espaço urbano da cidade?

Nesse sentido, através da leitura feita a partir de diversos autores (CERTEAU, 1994; FEATHERSTONE, 1995; BHABHA, 1998; COSTA, 2002; CANCLINI, 2006; LEITE, 2007), partimos da premissa de que *as identidades e culturas urbanas juvenis são enunciadoras de lugares híbridos e fragmentados, como de novas mediações culturais. Assim, em um cenário global ou local, as identidades urbanas inscrevem práticas culturais e espaciais através de suas inserções no espaço público, produzindo diferenças e desigualdades, decorrentes dos modos de vida experimentados. As identidades urbanas juvenis interagem de maneira diversa e compreendem as relações intra e intersociais que dão forma e expressão às práticas e à sociabilidade contemporânea. Sugere-se então que as identidades culturais juvenis enunciam e elaboram formas diferenciadas e dissonantes de culturas urbanas.*

Desse modo, ao associarmos estas premissas ao objeto de estudo aqui apresentado, inferimos que *as repúblicas estudantis enunciam-se enquanto lugares híbridos ou fragmentários no contexto relacional de Ouro Preto, as quais inscrevem um conjunto significativo de relações sociais e espaços identitários que demarcam fronteiras culturais. Ao passo em que elaboram práticas sociais, permeadas de tradições, rituais lúdicos e sociabilidades localizadas, a cultura universitária articula-se à globalidade das identidades culturais juvenis. Sua singularidade compreende as manifestações dos movimentos estudantis e politizados às práticas inscritas em culturas e imagens urbanas disseminadas e diferenciadas.*

Para defender a hipótese aqui sugerida adequamos o marco teórico à realidade estudada. As reflexões acima nos mostram que a realidade contemporânea pode ser entendida pela fragmentação da identidade política e cultural dos sujeitos tanto em contextos globais quanto locais (KUMAR, 1997; HALL, 2006). Com isto, através dos processos advindos da inscrição socio simbólica dos lugares, é evidente entender como os jovens fazem com que se ressaltem as intensas mudanças culturais. Estes não só têm alterado Ouro Preto: mas alteram a própria conformação social, o próprio entendimento daquela paisagem social, daquele cotidiano elaborado através de novas e cada vez mais complexas formas de sociabilidade juvenil.

Para responder a tais questões buscamos abordar a temática e articular marco teórico, categorias e conceitos. Descrevemos também nossas premissas sobre a cultura juvenil e consideramos os debates atuais sobre práticas culturais e identidades urbanas. Justificamos a escolha do objeto, destacando a importância atual que a cidade de Ouro Preto tem para as

pesquisas urbanas. A escolha da patrimonial e histórica cidade de Ouro Preto como objeto desta pesquisa justifica-se não somente por ser uma cidade que se inscreve no fluxo global, mas por verificarmos, diante de muitas pesquisas científicas na área de humanas e sociais, a pouca exploração de estudos que tenham por determinação argumentativa outros fatores além da identidade política (aspectos históricos da identidade nacional), arquitetônica (planejamento urbano e modernismo) e turística (enobrecimento urbano e oferta de bens).

1.1. Metodologia

O trabalho de campo parte da análise com um plano baseado na observação direta. Esta pesquisa segue o modelo qualitativo, priorizando os aspectos ou elementos que incorporaram os significados da vida social e culturas modernas que possam adequadamente colaborar com os nossos objetivos, ao ter em vista as identidades e diferenças que constroem o jogo da sociabilidade. Assim, tivemos como objetivo geral apreender e analisar, a partir de um campo de observação sistemática, os fatores relacionados ao processo de enunciação da cultura universitária e à sociabilidade nas repúblicas estudantis de Ouro Preto, descrevendo a prática cultural como forma de expressão socioespacial.

Assim sendo, inserimos o tema em questão dentro de um contexto específico relacionado à noção de prática sociocultural e à noção de lugares identitários das pessoas que os experimentam. Procuramos compreender a dimensão simbólica das práticas e dos lugares da cidade de Ouro Preto em diferentes episódios, a partir do método indutivo, para acompanhar os novos contextos de mudança social, diferenciação e novas perspectivas socioculturais. Propomos, enquanto corte teórico, a teoria pós-moderna, pós-estruturalista e pós-colonial, portanto, não seguimos à risca a *Grounded Theory*. Deste modo, entendemos conforme Uwe Flick (2009) que as narrativas precisam ser justapostas em termos locais, temporais e situacionais, mas articuladas à inscrição dos processos globais que relocalizam as práticas dos sujeitos.

Este tipo de pesquisa obriga o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletar e analisar os dados que objetivem a compreensão de particularidades de um fenômeno (GOLDENBERG, 2005). Segundo Flick, a adoção do modelo qualitativo permite ao pesquisador desconcentrar os estudos empíricos de um dado objeto das questões abstratas e universais. Para isso, lançamos mão dos seguintes procedimentos para a produção de informações:

- Levantamento e revisão de literatura especializada nas temáticas urbanas relacionadas a este estudo, a fim de nos proporcionar um embasamento teórico considerável sobre o tema estudado;
- Levantamento iconográfico, que proporcionou a criação de um banco de imagens para fornecer perspectivas de análise sobre nosso objeto e um amplo quadro de representações visuais do centro histórico de Ouro Preto em diversas fases de sua história;
- Pesquisa de campo, através da observação direta, realizadas em diferentes dias e horários, onde observamos as sociabilidades públicas desenvolvidas no espaço a ser estudado, identificando assim as diversas práticas e modos de vida dos sujeitos;
- Entrevistas semi-estruturadas, não estruturadas e focais, através das quais levantamos importantes informações contidas na fala dos informantes;
- Pesquisa de informações veiculada pela mídia na internet, em sites de relacionamento e nos sites e blogs das repúblicas. Foi realizado também o levantamento de dados visuais e eletrônicos, através do exame de vídeos capturados em diversos sites.

A partir destes procedimentos argumentamos que a problemática deve estar relacionada ao tema e não necessariamente ao método de pesquisa o qual deve ser flexível para que se alcancem os dados formais do trabalho, pelos quais a realidade social é enunciada pelo objeto da pesquisa. Para realizar os citados procedimentos, a investigação partiu de três importantes dimensões: 1) a identificação das espacialidades das repúblicas; 2) a identificação das práticas socioculturais através da sondagem direta e de pesquisas *online*; 3) a análise da “cidade dos estudantes” através da enunciação das formas e dos conteúdos das imagens e narrativas criadas e disseminadas local e nacionalmente.

Como estratégia de observação fizemos duas incursões em campo entre 2009 e 2010. A primeira incursão ocorreu no período de férias dos estudantes durante o mês de Julho, em 2009, na alta estação da cidade, quando fizemos o primeiro reconhecimento de campo. Nesta incursão tivemos acesso à hospedagem oferecida por repúblicas, de modo que pudemos visualizar alguns aspectos que constituem a vida republicana e sua organização. Para a hospedagem foi feita uma sondagem por *email* com diversas repúblicas masculinas e femininas e em todas havia vagas para passar pelo menos uma semana. Os estudantes foram bastante receptivos, explicando como funciona a hospedagem e quais os procedimentos para

pagamento da diária, refeições e horários. A hospedagem foi feita tanto em república masculina quanto feminina, quando elaborou-se as primeiras impressões acerca do objeto.

Para tanto, a incursão durante o retorno do período de aulas, já em 2010, foi necessário para observar como os estudantes conformam a cultura universitária em Ouro Preto ao praticar os espaços, ao construir lugares de sociabilidade pública. Durante o período de aula, a pesquisa foi aprofundada de maneira que possibilitou compreender alguns enunciados dispostos na literatura sobre o tema. Entretanto, durante este período tivemos grande dificuldade em conseguir vagas, visto que estavam em época de provas. Assim, preferimos a hospedagem em albergues no Centro da cidade, quando tivemos contatos com os jovens turistas, o que possibilitou refazer alguns procedimentos de pesquisa. Ocorreu que em um primeiro momento foi pensado em fazer um trabalho restrito às repúblicas, mas neste segundo momento pensou-se no contexto relacional de Ouro Preto em seus diversos espaços e agenciamentos.

Deste modo, o procedimento de entrada no campo ocorreu através da triangulação dos sujeitos observados: Os repúblicos, os turistas e os moradores “nativos”. A partir deles procuramos analisar problemas temporalmente situados em vez de presumi-los e tentar testar a validade das informações obtidas nas pesquisas literárias e *online*, pois consideramos que as hipóteses de pesquisa devem ser processadas pela circularidade dos conceitos-chave (FLICK, 2009). Pelo contrário, procuramos acompanhar em dias e horários diferentes, de modo cambiante, ora com turistas, ora com repúblicos ou nativos. Dentre estes elementos, é não só evidente – como é o tema da pesquisa – que a maior parte da observação focalizou as repúblicas e a inscrição da cultura e das identidades juvenis formadas pelos repúblicos nos espaços da cidade.

Por fim, as entrevistas foram realizadas com os repúblicos ora em suas casas ora nos lugares da cidade. Foram escolhidas 17 repúblicas (8 masculinas, 8 femininas, 1 mista), sendo 12 localizadas no Centro Histórico e as demais no Morro do Cruzeiro. O critério de escolha baseou-se 1) no tempo de existência da república; 2) ser federal ou particular; 3) possuir número elevado de moradores (em média 10); 4) possuir algum morador ligado a associações ou qualquer entidade representativa das repúblicas e; 5) permissão dos moradores. Algumas dificuldades surgiram para efetivar estes critérios. A permissão dos moradores foi um fator considerável para o desenvolvimento da pesquisa pois, de algum modo, nem sempre foi possível ter acesso às repúblicas mais antigas ou maiores, assim como não tivemos acesso à única república mista da cidade. Uma saída para esta dificuldade foi a

indicação dos próprios repúblicos e obtivemos os primeiros contatos ou a comunicação direta entre as casas.

As entrevistas com os turistas e os “nativos”, aconteciam nas ruas, à medida que explorávamos os lugares do Centro Histórico mais frequentados pelos jovens. Conhecer alguns moradores ouro-pretanos foi um passo importante para o tratamento das informações levantadas em entrevistas com os repúblicos e turistas. As impressões relatadas por eles acerca do que são as repúblicas na cidade divergiam a partir do tipo de interação cada sujeito teve com os estudantes. Aqueles que convivem com os repúblicos (sendo morador ou amigo, estudante ou não) foram elucidativos para que o entendimento sobre os conflitos e as articulações.

Notamos, então, a necessidade de uma abordagem na esfera cultural e socioespacial, ao compreendermos a espacialidade das relações sociais que demarcam a identidade cultural de uma cidade. Ouro Preto ganha essa percepção através da inscrição da vida universitária e das repúblicas estudantis, sutilmente narrada pela literatura sobre a cidade⁵. Ressaltamos então que se pretende um estudo que elucidie os usos contemporâneos forjados na cidade colonial; da sociabilidade pública que se desenrolou nesta cidade histórica; e da enunciação de novas identidades e culturas diversas, e dos lugares híbridos ou fragmentários (LEITE, 2007, 2008) de uma cidade já também moderna. Estas categorias são verificadas em correspondência aos usos que os sujeitos sociais fazem dos espaços, como criam e elaboram cotidianamente os lugares de sociabilidade pública. É neste sentido que argumentamos a importância de estudar as práticas e a identidade cultural verificando, no nosso caso, a sociabilidade juvenil decorrente da existência das repúblicas estudantis, dado o tempo de existência delas na produção social do espaço ouro-pretano.

Entretanto, à guisa de revisão da literatura, avaliamos que por estar inscrita no fluxo atual do consumo cultural, do turismo e por ter uma paisagem arquitetônica de grande relevo para entendermos as práticas de enobrecimento no Brasil, os estudos sobre Ouro Preto pouco destacaram análises sobre modos de vida na cidade. Assim, como campo amostral, observamos a cultura universitária ouro-pretana. Tivemos como ponto de partida 1) a análise sobre as identidades juvenis, 2) a construção de fronteiras e 3) lugares e as práticas culturais dos moradores de repúblicas.

⁵ O “Guia de Ouro Preto” (a primeira edição data de 1938), de Manuel Bandeira, é um dos exemplos de obra que pouco confere a existência das Repúblicas na cidade. Outro livro, mas que compreende época anterior à formação da Escola de Minas é o clássico “Romanceiro da Inconfidência”, de Cecília Meireles, no qual a autora trata da história e da identidade política de Ouro Preto.

Para discorrer sobre a articulação entre cidade, identidade e diferença, desenvolvemos no capítulo 2 a discussão acerca da formação social do espaço ouro-pretano. A abordagem leva em consideração alguns aspectos históricos sobre a identidade política, arquitetônica e turística da cidade, que são bastante discutidas nos trabalhos acadêmicos. Entretanto, nossa ênfase é sobre a identidade experimentada pelos jovens nos espaços públicos das cidades. O capítulo 3 discute a formação das repúblicas universitárias em Ouro Preto, a fundação da Escola de Minas e contextualizamos, com base na literatura especializada sobre o tema, os processos políticos e sociais que perpassaram a sua criação. Também apresentamos nesta parte o tópico sobre a constituição das repúblicas de Ouro Preto e o desenvolvimento das relações entre as repúblicas e a Escola de Minas, bem como a influência das repúblicas de Coimbra na elaboração das tradições das repúblicas ouro-pretanas.

No capítulo 5 a discussão versa sobre as identidades juvenis. Neste capítulo (que introduz para o capítulo seguinte a noção que adotamos sobre cultura juvenil), descrevemos os desdobramentos teóricos e temáticos sobre a cultura juvenil, considerando a crítica contemporânea de desconstrução das noções empregadas à cultura juvenil como uma realidade unitária, as quais consideram a juventude como um conjunto social homogêneo. Através da desconstrução dessas premissas, utilizamos as categorias que lançam mão do debate sobre a cultura juvenil através da diferenciação inter e intrageracional com vistas à compreensão das identidades dos sujeitos jovens. Para essa discussão abordamos os estudos as práticas cotidianas, usos do tempo, estilos de vida, globalização etc.

Nos capítulos 4 e 6 apresentamos nossa incursão no campo realizada através da observação direta e do levantamento da arte. O Capítulo 4 levanta uma discussão sobre as tradições e as práticas “rituais” dos repúblicos. Atentamos para os significados destas práticas para aqueles que vivenciam a cultura universitária em Ouro Preto. Destacamos as impressões acerca dos estilos de vida dos jovens universitários em torno de “tradições acadêmicas”, que evidenciam diversos aspectos da sociabilidade contemporânea nos espaços que conformam as repúblicas estudantis. Observamos as práticas cotidianas, usos e apropriações do patrimônio (as antigas casas transformadas em repúblicas). Também, no que concerne à sociabilidade pública, observamos a formação das identidades culturais, os conflitos e as articulações entre as repúblicas federais e particulares, assim como entre a “cidade dos estudantes” e a “cidade nativa”.

2. CIDADES, IDENTIDADES E DIFERENÇA: A FORMAÇÃO DOS LUGARES

Segundo a análise de Georg Simmel (1997), a sociabilidade típica da modernidade é eminentemente urbana. Com a eclosão das grandes cidades e metrópoles capitalistas novas formas de produção e consumo fizeram emergir espaços fragmentários, comportamentos e atitudes em que a indiferença e a reserva pessoal fizeram-se notar ao lado do crescimento da racionalização e do expressivo individualismo da vida moderna. Por outro lado estas novas formas contribuíram para a diversificação dos grupos sociais, despontando as diferentes culturas urbanas e formas de sociabilidades.

Para Savage e Warde (2002), Simmel concebe que não há na natureza da modernidade a possibilidade de identificarmos um “modo de vida” coerente para todos. Com a pluralidade de estímulos que se apresentam nas cidades, somos tentados a experimentar o que é “novo”, no âmbito da fragmentação e diversidade da vida moderna. Desses “estímulos”, podemos relacioná-los aos elementos visuais que ganham relevo especial na cultura urbana associados ao desenvolvimento da forma urbana moderna.

É neste sentido que para Simmel existe a *diferenciação* dos modos de vida, a qual tem início na autonomização dos conteúdos (códigos culturais, signos, linguagem etc) e ocorre com base na “interpretação de realidades” dos indivíduos (ou dos grupos sociais):

Com base nas condições e nas necessidades práticas, nossa inteligência, vontade, criatividade e os movimentos afetivos, elaboramos o material que tomamos do mundo. De acordo com nossos propósitos, damos a esses materiais determinadas formas, e apenas com tais formas esse material é usado como elemento de nossas vidas. Mas essas forças e esses interesses se liberam, de um modo peculiar, do serviço à vida que os havia gerado e aos quais estavam originalmente presos. Tornam-se autônomos, no sentido de que não se podem mais separar do objeto que formaram exclusivamente para seu próprio funcionamento e realização (SIMMEL, 2006, p. 61).

Por meio desse pressuposto é que o autor fundamenta a noção de *sociabilidade*, segundo o qual é uma *forma autônoma ou lúdica de sociação*. A sociabilidade é a forma pela qual ocorre conjuntamente a interação dos indivíduos ou grupos sociais em razão de seus interesses diversos, podendo ser efêmeros ou não, mas que, no entanto, é da ação recíproca dos atores sociais que esta interação se constitui em “unidade”⁶. No limiar da sociabilidade as relações se formam de acordo com as motivações e relações cambiantes que se desprendem do cotidiano.

⁶ “Unidade” corresponde para este autor o mesmo que “sociedade” ou “grupos sociais”.

Uma segunda noção, a *diferença*, elaborada por Simmel, põe em questão aspectos importantes que demarcam a sociabilidade. Para este autor, “*o significado prático do ser humano é determinado por meio da semelhança e da diferença*” (SIMMEL, 2006, p.45). O autor enfatiza que o interesse pela diferenciação perpassa o cotidiano das pessoas e se estende às atividades práticas, assim como a observação contínua das diferenças tem por base as ações sociais que não levam em conta as semelhanças que caracterizam os grupos exteriores. De outro modo, ao falarmos da constituição das identidades, a semelhança passa a ser um componente importante para se perceber a solidariedade interna entre os grupos.

Acrescente-se ainda o novo escopo teórico das teorias contemporâneas que se desdobram em duas esferas conceituais: 1) a teoria social moderna: o modernismo e o estruturalismo; e, em contrapartida, 2) os estudos pós-coloniais e pós-estruturalistas e a teoria pós-moderna da cultura. Através de suas diferenças conceituais “a cidade” foi concebida como um laboratório de pesquisa ao postular-se, por um lado, como alegam as teorias modernas, que as ações – ou a *praxis* – dos sujeitos são o meio de transformação social econômica e ideológica da realidade, enquanto que os espaços urbanos estruturam as posições dos indivíduos na sociedade, a exemplo das *comunidades identitárias* que estratificam as relações sociais (no caso dos estudos urbanos o *gueto*, o subúrbio, os distintos bairros etc). Por outro lado, o pós-modernismo creditou à cultura a prática enunciatória de formas de produção do espaço e das relações sociais (não exatamente estratificadas, visto que os indivíduos se movem e constroem diferentes trajetórias nas cidades, cruzando caminhos). Esta prática é melhor entendida nesta literatura através da *fragmentação social e espacial* através dos diferentes modos de vida e das formas de identificação dos sujeitos decorrentes da contingência e da reflexividade sociocultural.

As duas teorias preocupam-se em creditar à urbanidade ou à cultura urbana os aspectos de uma transformação social que impulsionou o período da modernidade, principalmente nos períodos pós-revoluções (industriais, políticas, tecnológicas e culturais). Ambas aludem, no campo da sociologia urbana, as cidades como foco de observação considerando-as o *locus* dos principais desdobramentos dos eventos da modernidade e do capitalismo (SAVAGE E WARDE, 1993). Portanto, seja através dos movimentos sociais urbanos e do ativismo político ou cultural, seja devido à intermediação do mercado e do consumo, o “modo de vida urbano” foi gradativamente desconstruindo as identidades tradicionais resultantes da separação campo-cidade e resultou em novas formas de associação e sociabilidades entre os indivíduos – que articulam, para o pós-modernismo, o dualismo campo-cidade.

A modernização urbana, como apontam Giddens (2001), Harvey (2008), Hall (2006) e Bhabha (1998), em suas diferentes análises, caracterizou as cidades – com todas suas tradições – como espaços de produção do capitalismo de consumo, da democratização da política e de disseminação de culturas. Ao mesmo tempo em que produziu formas de sociabilidades diversas entre os indivíduos, fragmentou os espaços urbanos e a sociabilidade pública. Por isso, como consequência do crescimento populacional e geográfico, os graus de pertencimento às comunidades tradicionais perderam força. No entanto, além desse crescimento físico, essa passagem do tradicional para o moderno compreende o sentido simbólico, geracional e cultural da própria cidade, espacializada cada vez mais em múltiplas redes sociais e identidades culturais como assistimos hoje por intermédio da globalização (CANCLINI, 2006).

Homi Bhabha (1998) postula que a cultura não se resume nem se traduz por referência às tradições “autênticas” de uma nação ou comunidade. Ela se tornou transnacional e circunscrita ao deslocamento cultural⁷, o que implica possibilidades de um processo de articulação de novas diferenças entre as identidades, no sentido estético, político, moral etc. A cultura, por ser fragmentada, também é tida como tradutória: não é um modo de vida global em si, embora o deslocamento cultural acompanhe o processo de globalização das novas tecnologias em suas diversas esferas, redes e instituições, constituindo lugares híbridos.

A cultura transforma-se em uma prática enunciativa de temporalidades, significações, narrativas e espacialidades (espaços narrativos) indeterminadas, pelo que deixa de ser um objeto epistemológico totalizante:

Se a cultura como epistemologia se concentra na função e na intenção, então a cultura como enunciação se concentra na significação e na institucionalização; se o epistemológico tende para uma *reflexão* de seu referente ou objeto empírico, o enunciativo tenta repetidamente reinscrever e relocalar a reivindicação política de prioridade e hierarquias culturais (alto/baixo, nosso/deles) na instituição social da atividade de significação (BHABHA, 1998, p. 248)

A enunciação reinscreve de maneira dialógica as oposições binárias (Primeiro/Terceiro Mundo; público/privado; nós/eles etc.). Logo, ela reloca estas oposições como lugares híbridos com outros “tempos” de significação cultural. Revisam-se os discursos, as narrativas, a racionalidade hegemônica e o centramento do sujeito. Bhabha reitera a noção do sujeito, o qual não fica, na perspectiva pós-colonial, comprimido às estruturas discursivas da teoria

⁷ O autor se refere ao deslocamento promovido pela migração de pessoas e signos do Terceiro Mundo para o Ocidente durante o pós-guerra. Entretanto, adequaremos para o que o objeto desta pesquisa permite, quebrando qualquer pretensão de sobrecarregar a realidade estudada em teorias de amplo escopo. Trataremos sobretudo do deslocamento dos jovens de diversas cidades do país para Ouro Preto.

ocidental. Ao invés de ser um objeto de reflexão da epistemologia teórica, o sujeito se constitui nas práticas e nos lugares de enunciação e articulação global/local da cultura, no qual ele é o próprio sujeito; não é o objeto empírico para a descrição da história e experiência de uma sociedade, pois

O epistemológico está preso dentro do círculo hermenêutico, na descrição de elementos culturais em sua tendência a uma totalidade. O enunciativo é um processo mais dialógico que tenta rastrear deslocamentos e articulações culturais – subvertendo a razão do momento hegemônico e recolocando lugares híbridos, alternativos, de negociação cultural (BHABHA, 1998, p. 248).

Nesta perspectiva, Garcia Canclini argumenta que “*a cultura é um processo de montagem multinacional, uma articulação flexível de partes, uma colagem de traços que qualquer cidadão de qualquer país, religião e ideologia pode ler e utilizar*” (2006, p. 32). Esta “colagem” permite tanto a hibridação das identidades (se considerarmos como a globalização incorpora diferentes nações), quanto relacionar estas identidades a culturas locais e regionais. Os novos estilos de vida, a produção cultural, o uso e a prática espacial juvenil ou os movimentos sociais relacionados a gêneros, etnias e migrantes como novas expressões da sociedade civil, por exemplo, chama-nos a atenção pelo seu alcance na constituição de sociabilidades que, devido às novas condições em que se apresentam, podem se chamar de *descentradas*.

A condição contemporânea referencia, mesmo no contexto fragmentário da vida em sociedade, a impossibilidade de fechamento de uma população em um espaço comunitário. É bem visto que os processos de *deslocamento cultural* são consequência da globalização que se dissemina através da mídia, da internet, da literatura geral e acadêmica etc. e manifesta-se em formas e paisagens locais. Mas esta articulação é também fruto da inscrição do “estranho” nos lugares e contribui para a abertura e a *tradução* entre diferentes culturas, identidades e modos de vida – ainda que algumas vezes traduzidas de maneira conflitiva. Através destes postulados, queremos dizer que, no caso de Ouro Preto, a interação entre jovens de várias partes do país produz um espaço da diferença, tanto no âmbito interno das repúblicas quanto nas sociabilidades públicas.

Se estivermos contextualizados *dentro* da cultura pós-moderna precisamos encontrar um lugar que a enuncie para que se possam observar as identidades culturais de pessoas e grupos descentrados. Dizer que estamos vivendo transformações radicais da modernidade para a pós-modernidade tornou-se um impasse que requer argumentos com características bem delimitadas. Mas, o que se pode ressaltar são as intensas mudanças culturais que têm

alterado a paisagem social cotidiana da contemporaneidade. O foco deste argumento requer o exame do *deslocamento* da linguagem, da cultura e dos signos que, ao descerrarem as fronteiras, assinalam novos estilos de vida no espaço social contemporâneo. O deslocamento produz, no espaço-tempo, uma situação nova de *diferença cultural* entre as identidades (ou nos processos de identificação dos sujeitos) que perpassa as fronteiras culturais (BHABHA, 1998). Ele inscreve no âmbito da cultura urbana, por exemplo, as práticas juvenis em escala global e local ao articular movimentos sociais, culturas de consumo e sociabilidades.

Decerto que as identidades juvenis estão inscritas na esfera do consumo e do lazer, faz-se necessária a observação do uso, da apropriação e do consumo dos espaços para a análise da inserção das identidades culturais nos lugares. Neste sentido, como afirma Leite, “*a cultura urbana contemporânea é uma realidade sobrecarregada de recursos e apelos visuais*” (2008, p. 171) e expressa-se em dimensões materiais e imateriais através da inserção das cidades contemporâneas na esfera da “cultura de consumo” (FEATHERSTONE, 1995). Tais processos, que envolvem a cultura juvenil, ganharam foco com a recuperação dos centros urbanos antigos e a sobreposição de novas imagens culturais (HOLLANDS, 1997), sendo este o caso de Ouro Preto.

As identidades enunciam-se nos espaços da diferença, nos lugares híbridos, em que na sociabilidade pública a interação conflitiva pode estar mais visível – as repúblicas enunciam importantes diferenças de estilos de vida, organização e relação com a cidade. As *diferenças identitárias* (BHABHA, 1998) fragmentam a cultura urbana e estabelecem fronteiras socioespaciais e culturais que podem ser percebidas nas diferenças dos modos de vida individuais ou grupais, ao menos no que concerne aos aspectos econômicos, culturais e políticos.

No caso das culturas jovens, a articulação de diversos espaços urbanos como redes de fluxos – de passagem, de uso e consumo, de interações efêmeras – compreende uma abertura que não finda/fecha a identidade de um lugar e não situa seus usuários em necessária oposição identitária “eu/outro” – ou jovem ou adulto, por exemplo. Os próprios adultos, podemos ressaltar, têm buscado uma juvenilização do cotidiano, ao consumirem também, por exemplo, artefatos estéticos, músicas e lugares preditos para jovens (FEIXA, 2006). Ao passo em que as *identidades culturais* diferenciam-se sem necessariamente excluir a outra, principalmente os grupos juvenis, dada a flexibilidade e maior interação com espaços de fluxo que os adultos, há também a abertura para uma *sociabilidade pública baseada no conflito, quando os códigos e normas de um espaço é demarcado por outros* (LEITE, 2007).

O conflito cultural decorre das diferenças dos estilos de vida das pessoas e não necessariamente pelas diferenças geracionais. As identidades juvenis publicizam muitas formas de ser ou expressões de si, ou demarcam ou reapropriam um lugar para usos e socialização – a exemplo de bares ou praças frequentados por adultos que foram, aos poucos, apropriados por jovens. Assim, sem generalizar, a “vida adulta” está carregada de obrigações profissionais e familiares, em que certos espaços da cidade tornam-se mais uma espécie de fuga de fins de semana, principalmente aquelas paisagens que não condizem com os percursos rotineiros. Como defendem Pam Nilan e Carles Feixa (2006), as divisões etárias são o que menos influencia na compreensão destas diferenças, pois tanto uma quanto a outra pode coabitar papéis inversos. Os jovens estudam e trabalham, os adultos divertem-se. Por isso a passagem para a vida adulta não necessariamente transcende a identidade jovem.

Segundo essas premissas, os estudos sobre a cultura juvenil contemporânea têm inserido novas perspectivas e interpelações sociológicas para compreender as sociabilidades públicas nas cidades. A inserção de novos modos de vida e identidades culturais incide reflexivamente no cotidiano dos sujeitos e no modo como atribuem sentidos aos espaços urbanos, ao construir uma paisagem social dinâmica e estilizada. Dessa forma, as pesquisas urbanas têm dado atenção não só às regularidades, mas também às contingências das relações sociais entre os jovens e produzem mudanças nos discursos e teorias sobre a concepção dessa categoria (HOLLANDS, 1997; ALMEIDA e TRACY, 2003; PAIS, 2003; COSTA, 2006a; NILAN e FEIXA, 2006; WELLER, 2006; MAGNANI e SOUZA, 2007; PAIS e BLASS, 2007).

Acerca do crescimento do campo dos estudos urbanos e culturais sobre culturas juvenis, tem-se feito das grandes cidades e metrópoles um objeto privilegiado de interlocução e crítica. Este esforço tem se dedicado a observar como se condensam as múltiplas sociabilidades, práticas espaciais e culturais dos jovens fragmentadas nos espaços urbanos, tais como os movimentos *punks*, *rappers*, *skaters* e *graffiteiros* etc. Assim, as metrópoles, ao apresentarem um cenário criativo e polissêmico devido às suas próprias dimensões populacionais, geográficas e simbólicas, representam, desde os desdobramentos dos ensaios de Georg Simmel e Walter Benjamin na sociologia urbana, o lugar de enunciação da cultura juvenil contemporânea.

Benjamin (1994, 1997) percebeu tanto a cidade como a arte; a reprodução dos modelos técnicos e também os modos de vida; quanto às novas inscrições culturais – ou movimentos, transformações –, estas a partir da modernização urbana e dos processos de racionalização, elaborados no entretempo da mudança da vida tradicional para a moderna. Entre os temas que sobressaíram dos estudos de Benjamin, a indústria cultural – a exemplo da

música, do cinema, da moda etc. – é, certamente, um dos tópicos mais bem elaborados. Foi, inclusive, o estudo de um destes temas que enunciou o uso e a transformação de equipamentos culturais e sua reprodução técnica (de filmes, instrumentos musicais, adereços etc), o que muito importa para a configuração da cidade e dos usos dos espaços públicos por jovens.

Em estudos posteriores, a indústria cultural foi fortemente observada a partir da inserção dos “sujeitos” nos espaços públicos. Diferente de outras áreas que debateram sobre a massificação dos bens culturais, a sociologia urbana direcionou suas análises para os movimentos contraculturais e para a crise da cultura capitalista, em que avaliava a mudança de vida dos sujeitos (é importante lembrar que, no entanto, como se exprime na própria tela dos filmes e nas inovações musicais, estes são geralmente jovens). No fim dos anos 60 as culturas juvenis ganharam espaço nas pesquisas científicas, em que, devedores dos estudos de Walter Benjamin e Theodor Adorno, os novos temas ganharam contornos diferenciados, acreditando-se mais na invenção incessante e criativa de equipamentos que em sua reprodução.

Desde os anos ‘80 é notável a crescente publicação de novos temas e pesquisas no Brasil sobre estilos de vida, consumo, produção e mediação cultural, políticas públicas, identidades urbanas e práticas espaciais juvenis em grandes cidades. O objetos privilegiados de estudo são Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Salvador, e em âmbito internacional, Cidade do México, Nova York, Los Angeles, Londres, Paris, Berlim e Lisboa. Isto se deve, principalmente, à entrada das cidades no fluxo global de capital, de signos e de consumo, o que ressignificou o modo de vida, o cotidiano e a cultura urbana das novas gerações.

Ao mesmo tempo, além das mudanças na vida e cultura urbana, evidencia-se a crescente estratificação e intensificação das assimetrias que incorporam e reforçam as desigualdades sociais entre os indivíduos. É através da distribuição desigual das camadas sociais e da localização em diversas escalas quanto a interesses, oportunidades e estilos de vida próprios que estas assimetrias se revelam. Entretanto, não somente os problemas enfrentados pelos jovens das grandes cidades – violência e delinquência juvenil, desemprego e exclusão – ou problemas de ordem estrutural que atingem a vida de muitos jovens – precariedade habitacional, ambiental e de saneamento – incrementam as pesquisas urbanas atuais. Mesmo diante da suma importância destes problemas sociológicos e sociais, devemos observar outros fatores, como a expansão dos meios de comunicação, da TV, da internet, dos novos bens culturais, processos de estetização, produções artísticas e movimentos expressivos

do mundo jovem, que têm alcançado grande importância para compreendermos as articulações das práticas contemporâneas em escala global.

Também é pertinente a crítica de Carlos Fortuna de que a concentração de pesquisas nas metrópoles ou cidades globais (neste caso, independente de suas dimensões) tem assentado referências tomadas a partir dos grandes núcleos urbanos, privilegiando “*determinadas geografias de centralidade e de privilégio sócio-económico*” (FORTUNA, 2008, p. 21). Deste modo, a sociologia urbana tradicional pouco legitimou os estudos sobre as pequenas cidades ou, como tem chamado, as “cidades normais”. Tais estudos relegaram a este tipo de cidade a invisibilidade na renovação das agendas acadêmicas ao privilegiar as grandes cidades. Pois estas representam a experiência do desenvolvimento urbano da modernidade através da compressão espaço-tempo, assim como o desenvolvimento tecnológico, financeiro, empresarial e de serviços especializados, além das cidades paradigmas do cosmopolitismo urbano em torno do fluxo de pessoas e bens culturais.

Nosso objeto de pesquisa, então, não é uma metrópole, a exemplo das cidades citadas acima, mas uma cidade que se insere no fluxo global de bens, pessoas e capital. Ouro Preto avança sobre suas dimensões físicas e demográficas⁸ ao entrar no fluxo turístico e nos processos de “concorrência inter-cidades” (FORTUNA, 1997) através de dois fatores: a consolidação de seu patrimônio histórico como “Patrimônio Cultural da Humanidade”, conferido pela UNESCO em 1980 e as intervenções urbanísticas, que resultou enobrecimento (*gentrification*) de seu centro histórico.

Cabe-nos destacar que o pano de fundo dessa discussão perpassa os processos de *enobrecimento urbano*, tema sobre o qual diversos especialistas dos estudos urbanos tem debruçado análises para a compreensão das cidades históricas revitalizadas e para a interpretação sobre sua cultura urbana contemporânea. Por isso também é importante ressaltar que Ouro Preto tem, além de forte apelo paisagístico urbano e natural, outras características que a diferem, por exemplo, de muitas outras cidades de menor porte no Brasil, através da sua inserção nas redes de ofertas de serviços e informação que conectam a cidade ao fluxo turístico: comunicação visual em sites, nas redes hoteleiras e hospedagens, nos postos turísticos, *outdoors*, rodoviária e aeroporto, e, claro, nas universidades.

Segundo G. Cifelli (2005), as políticas públicas urbanas em Ouro Preto empreenderam ao patrimônio sentido mercadológico voltado ao turismo, com alterações à espacialidade dos usos residenciais do centro histórico para uso comercial. Para esta autora, mesmo com esta

⁸ A população estimada de Ouro Preto, segundo o senso do IBGE, em 2009, é de 69.495 hab. (IBGE CIDADES)

orientação política voltada para o turismo, a cidade constitui-se uma exceção ao modelo de *enobrecimento* adotado no país, já que seu núcleo urbano central sempre fora ocupado pelas camadas mais abastadas. Devemos ressaltar que, em menor escala, ainda há residentes neste lugar. No entanto é possível observar o “refúgio dos nativos” orientado para os morros.

Em Ouro Preto atualmente existem, por um lado, os bairros centrais ocupados para as funções turísticas e residenciais, como os bairros Antônio Dias, Pilar, Rosário e Lages, que são ocupados por moradores idosos e estudantes. De outro modo, não é difícil observar o grande número de morros, a exemplo do Morro de Sant’anna e São Sebastião, os quais são habitados por uma população de menor poder aquisitivo. Já o Bairro Bauxita – que fica no Morro do Cruzeiro, região da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) – é diferente do Centro, que é habitado por estudantes e por uma população de trabalhadores de uma importante indústria local, a ALCAN.

As políticas de enobrecimento tem alterado os sentidos conferidos ao patrimônio cultural, material e simbólico de diversos sítios históricos brasileiros. Estas políticas realocizam grande parte dos atrativos, principalmente os monumentos civis e religiosos que são transformados em museus, casas de cultura, hotéis restaurantes, *pubs*, cafés, cinemas etc, por meio da reapropriação das áreas centrais urbanas, atendo-se ao perímetro tombado. Apesar de formar *lugares de consumo*, nos quais tem se formado uma forte cultura urbana local através da oferta de equipamentos e serviços diferenciados de outros bairros da cidade, grande parte destas intervenções destina-se ao fluxo turístico. Este processo designou à paisagem urbana do centro histórico um modelo de *Shopping Center* a céu aberto (um centro comercial de serviços e bens diversos para a cidade), que criou uma multiplicidade de lugares turísticos para suprir as necessidades da demanda externa e local. No entanto, tal demanda é formada, em parte, pelos próprios moradores desta área, habitada predominantemente por estudantes e por moradores idosos pertencentes às camadas sociais mais abastadas da cidade.

Assim, com o turismo, a circulação de pessoas, signos e capital intensificou-se a disseminação de novas imagens urbanas e usos dos espaços através do consumo cultural e das redes virtuais de comunicação, com ofertas de bens e serviços. São diversas as atrações turísticas voltadas para diferentes grupos: o turismo das agências de viagens, o turismo relacionado às festividades e eventos da cidade, e o turismo “estudantil”. Como consequência do crescimento populacional e do fluxo de pessoas diversos conflitos passaram a coexistir nos espaços da cidade (CIFELLI, 2005). Segundo Sayegh (2009), os conflitos socioespaciais foram gerados a partir da patrimonialização da cidade, do turismo, da atividade industrial e das transformações cotidianas em decorrência do crescimento da Universidade. Quanto a esta

última, há diversas formas com as quais podemos tratar dos conflitos em Ouro Preto, principalmente devido ao aumento do número de estudantes e de repúblicas na cidade. Com a forte presença e usos dos espaços pelos estudantes para festas e eventos, os conflitos identitários entre “repúblicas” e “nativos” deve-se também em razão das demandas dos novos estilos de vida.

Assim sendo, após esta breve explanação sobre cultura, sociabilidade, tradição, disjunção, entre outros temas, cremos estar já introduzidos no intento de articulação entre conceitos como “cidade”, “identidade e diferença”, de modo que cabe-nos agora fazer avaliações mais específicas sobre o tema. Isto significa que passaremos a perguntar-nos sobre a composição específica dos “lugares” de Ouro Preto.

2.1. Espacialidades e lugares

Em discussão sobre “as noites cambiantes dos jovens”, em que bares, lojas de conveniências ou salas de cinema conformam os lugares flutuantes do Rio de Janeiro, Almeida e Tracy (2003) argumentam não haver centralidades determinantes do espaço urbano. Para as autoras que partem da proposição foucaultiana dos “espaços outros”, noção que desperta os sentidos da produção espacial em detrimento de localizações físicas da metrópole “*esses espaços seriam ‘diferentes’ dos espaços culturais ordinários nos quais vivemos, e Foucault propõe chamá-los ‘heterotópicos’ para diferenciá-los dos espaços ‘utópicos’*” (p.26). As espacialidades justapõem redes de informações e inovações culturais que elaboram nas cidades a diversidade, a sociabilidade e a própria virtualização de suas paisagens e imagens. Além de romperem com o tempo tradicional supõe-se configurar os lugares descentrados, estes espaços diferenciados, ao mesmo tempo em que tencionam um fechamento entre alguns grupos sociais, abre-se simultaneamente para outros instaurando um duplo processo de fragmentação e recombinação dos signos e identidades culturais⁹.

Neste entender, as espacialidades contemporâneas configuram-se pelos excessivos nomadismos e performances sociais pluralizadas e polifônicas. Produzem-se, então, na interação entre as diversas e diferentes pessoas, informações e imagens, uma superabundância espacial que dissolve os principais eixos de referência e caracterizam as experiências culturais

⁹ Desta forma, os espaços heterotópicos não vêm a ser definidos por uma “*diferença de representação em torno de formas alternativas de organização espacial. As heterotopias definem-se fundamentalmente por práticas espacializantes, a um só tempo concretas e simbólicas, que não se encontram, necessariamente, localizadas*” (2003, p. 27).

contemporâneas. Estas são a forma como a sociabilidade juvenil e seus novos regimes de experimentação despontam, ao provocar, assim, uma implosão das territorialidades subjetivas. Deste modo, Almeida e Tracy (2003, p.33) argumentam que devido a este intenso fluxo e ao deslocamento acelerado na metrópole a sociabilidade juvenil pode ser descrita como “*sem lugares*”. Isto acontece porque os processos de identificação estão em deslize, são efêmeros e residuais, o que põe em colapso a existência dos espaços públicos de significação, ao passo que coexistem os espaços de comunicação virtuais, as linguagens e a estética subjetivas.

Partindo de outra análise, Rogerio P. Leite (2007, 2009) compreende que o suposto colapso do espaço público contemporâneo decorrente da fragmentação da cultura e do descentramento do sujeito deve ser revisto através de novas bases conceituais. Estas dão sentido a uma *compreensão descentrada dos espaços públicos pós-modernos*. Para o autor, a cultura urbana contemporânea, ao invés de aniquilar, deu suporte aos espaços públicos fragmentando-os em diferentes lugares de sociabilidade. Refere este autor

aos processos cotidianos que dão suporte espacial às manifestações da cultura urbana nas cidades, sem os quais as diferenças não podem se afirmar publicamente. A despeito da crescente possibilidade virtual de comunicabilidade social, as pessoas ainda necessitam agendar, no curso rotineiro de suas vidas cotidianas, experimentações e interações concretas que implicam formas distintas de contato com o outro. Em outras palavras, as marcas corporais da diferenciação, as práticas de consumo e a publicização da diferença necessitam de visibilidades públicas que são recorrentes no curso cotidiano da vida pública (LEITE, 2009, p. 197).

Segundo este autor, o espaço público é então constituído pelas práticas cotidianas que atribuem sentidos diferenciados e estruturam os lugares. Nas cidades contemporâneas os *lugares* estão delimitados pela convergência simbólica e pela demarcação de fronteiras, e implicam a existência de conteúdos culturais reconhecidos e compartilhados reflexivamente pelos sujeitos mediante alguma possibilidade de entendimento sobre as significações dos espaços. São, então, demarcações espaciais em que se imprimem ações simbólicas capazes “*de agregar sociabilidades que se assemelhem*” (LEITE, 2007, p. 286).

Deste modo, a existência de fronteiras espaciais configuram os lugares. Entretanto, não são elas necessariamente fixas. Pelo contrário, tais fronteiras são flexíveis, pois permitem interações públicas entre diferentes identidades, visto que no processo de negociação cotidiana as identidades urbanas convergem sentidos e tendem a afirmar dissensões, e por vezes consensos, entre os estilos de vida. O conceito de “lugar” é então definido como “*determinada demarcação física e/ou simbólica no espaço, cujos usos o qualificam e lhe*

atribuem sentidos diferenciados, orientando ações sociais e sendo por estas delimitado reflexivamente” (LEITE, 2007, p.284).

Para um entendimento claro do que vem sendo proposto neste trabalho, ao considerarmos, de acordo com as proposições de R. P. Leite, que tanto as repúblicas quanto certos espaços de Ouro Preto podem ser qualificados como *lócus* de sociabilidades públicas, precisamos ainda compreender a distinção dos lugares segundo duas classificações:

A consistência de um lugar depende, portanto, do modo como espaço e ação exercem influência recíproca. Essa relação, entretanto, não tem, e nem poderia ter – na experiência urbana contemporânea – caráter exclusivista. [...] Pode ser *híbrida*, quando mais de um conjunto de ações diferentes atuam na significação de um mesmo espaço (transformando-o em diferentes *lugares* para “grupos” distintos); ou *fragmentária*, quando um único conjunto de significação opera na qualificação de mais de um espaço (quando um *lugar* passa a existir concomitantemente, e de modo espacialmente cambiante, em diferentes espaços de significação) (LEITE, 2007, p. 293-294, grifos do autor).

De modo análogo, a apropriação dos espaços públicos, a formação de lugares e fronteiras de diferenciação (CERTEAU, 1994; BHABHA, 1998; LEITE, 2007) e as sociabilidades advindas da cultura de consumo (FEATHERSTONE, 1995) são exemplos de como a noção de descentramento do sujeito atualiza tendências e imagens, assim como as liminaridades culturais na paisagem urbana das metrópoles e das grandes ou pequenas cidades pós-modernas. Para Featherstone a compreensão da situação pós-moderna de fragmentação envolve três aspectos que se interrelacionam reflexivamente no cotidiano das pessoas e demarcam novos estilos de vida urbanos.

Para este último autor, em primeiro lugar, os campos artísticos, intelectuais e acadêmicos não se constituem como esferas únicas de mudança social. Articula-se, em segundo lugar, às inovações na esfera cultural, que circunscrevem também os modos de produção, circulação e disseminação de bens simbólicos, ao alterar relações sociais, econômicas e de poder nos diferentes grupos e em níveis intra e intersocial. Por fim, as mudanças ocorridas nas práticas e experiências cotidianas envolvem diferentes identidades culturais. Essas mudanças abrangem os campos do saber e da esfera cultural, já que estes promovem novos regimes de significação para a concepção das relações sociais, do consumo, das cidades e do próprio Estado-nação.

Conforme Canclini (2008), as mudanças nas culturas populares urbanas decorrem de processos simbólicos atípicos através das migrações, fluxos de jovens dissidentes e signos. Como consequência existe uma mescla das “*coleções organizadas pelos sistemas culturais*”,

que gera a desterritorialização dos processos simbólicos em torno da expansão dos bens híbridos ou impuros. Para este autor

A expansão urbana é uma das causas que intensificaram a hibridação cultural [...] Passamos de sociedades dispersas em milhares de comunidades rurais com culturas tradicionais, locais e homogêneas, em algumas regiões com fortes raízes indígenas, com pouca comunicação com o resto de cada nação, a uma trama majoritariamente urbana, em que se dispõe de uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação (CANCLINI, 2008, p. 285).

Portanto, as mudanças de pensamento e hábitos da vida urbana, as formas seletivas de sociabilidade e a marcante presença da mídia eletrônica nas casas conectam os indivíduos diretamente com os novos e diferentes artefatos modernos. Além disso, registra-se uma forte mudança nas estruturas urbanas constituídas na primeira metade do século XIX: o clube, o café, a associação de vizinhos, a biblioteca, o comitê político – que interligavam a vida imediata com as transformações que se buscavam na sociedade e no Estado. Como veremos, em Ouro Preto existem tênues conflitos identitários entre antigos moradores de repúblicas e os atuais, visto que a mudança geracional é produzida também das demandas da vida moderna e dos novos estilos de vida.

Estes processos de mudanças envolvem a proliferação de signos, imagens, bens culturais, tecnologias, informações e mercados para todos os grupos sociais, ao criar importantes mediações socioculturais na vida das pessoas em suas práticas cotidianas. Desse modo “*a tendência é que os grupos sociais procurem classificar e ordenar suas situações sociais e usar os bens culturais como meios de demarcação, como comunicadores que estabelecem barreiras entre algumas pessoas e constroem pontes com outras*” (FEATHERSTONE, 1995, p.94). Em relação à articulação desses processos de mudança social e cultural não se deve desprezar como os modos de transmissão e consumos são intermediados pelas práticas de especialistas que disseminam os signos culturais.

De todo modo, o pós-modernismo não reitera radicalmente as descontinuidades do modernismo, pois promove a compressão do espaço e do tempo e realocaliza muitas tradições ao fazer uma “colagem” de fragmentos das formas passadas para os usos correntes e efêmeros da contemporaneidade (HARVEY, 2008). Para Krishan Kumar,

em vez de imposição autocrática de um gosto monolítico, aceita uma diversidade de “culturas de gosto”, cujas necessidades tenta satisfazer, oferecendo uma pluralidade de estilos... há a suposição de que não só pessoas diferentes vão querer coisas diferentes,

mas que as mesmas pessoas, em ocasiões diferentes, vão querer coisas diferentes (KUMAR, 1997, p. 117-118).

A descrição da cidade contemporânea não está somente no tipo de ambiente edificado, mas na incursão das pessoas nos espaços urbanos através de suas práticas e modos de vida espacializantes (CERTEAU, 1994). É neste sentido que De Certeau postula sobre as tramas do espaço urbano e o que fazem seus praticantes. Neste conjunto, podem-se detectar as práticas cotidianas e as espacialidades constituídas pelos diferentes sujeitos cidadãos. Podem também estas práticas ser “estranhas” mas enunciam os lugares para além do que foi imposto pelo planejamento geográfico ou político dos espaços da cidade. Os usos dos lugares são descolados do “artefato” urbano, ou seja, da existência da racionalidade urbanística. Embora a aglomeração urbana preceda de determinados elementos que intervêm ou se desdobram no sentido da organização e estrutura da urbanização, “*planejar a cidade é ao mesmo tempo pensar a própria pluralidade do real e dar efetividade a este pensamento do plural: é saber e poder articular*” (CERTEAU, 1994, p.172).

No entremeio da preservação e da pluralidade de usos do patrimônio de Ouro Preto é considerável ressaltar que esta dinamicidade entre práticas, usos e apropriações plurais dos lugares, deve-se ao grande número de jovens que se deslocam de outras regiões para ingressar na UFOP. Através desta informação, pretendemos abordar o contexto contemporâneo, não nos reportando ao debate sobre a *identidade designada* no curso da história política e das intervenções urbanas do patrimônio colonial da antiga Vila Rica: nossa investigação dar-se-á através daquelas pessoas, oriundas de várias partes do país, que vão se instalar na cidade com fins estudantis e intensificar novas *experiências identitárias*, compartilhando as novas espacialidades, uma nova cultura e construir socialmente novas identidades. A “cidade universitária” é, portanto, constituída de repúblicas estudantis, lugares e identidades juvenis inscritas em um vasto conjunto de relações sociais e “*incidências identitárias significativas*” (COSTA, 2002).

2.2. A identidade atribuída à paisagem urbana de Ouro Preto

“Uma paisagem ou um quadro podem ao mesmo tempo adquirir uma consistência estrutural de caráter estético e me interrogar, me encarar fixamente de um ponto de vista ético e afetivo que submerge toda discursividade espacial” (GUATTARI, 1992, p.154)

As paisagens urbanas relacionam-se a importantes espaços da cidade e possibilitam a compreensão de diferentes relações sociais e agenciamentos. As paisagens estão inscritas em diversos espaços da cidade e representam diferentes características de um lugar, esteja ele disposto em ambiente natural ou urbano. Ao incidir reflexivamente na produção do espaço urbano, a paisagem sociocultural influi de modo significativo na construção de sua imagem simbólica através das construções edificadas, de seu estilo estético e dos usos cotidianos e modos como os usuários se apropriam de certos espaços. Conforme Guattari (1992), o caráter de inseparabilidade entre o espaço e o corpo induz o observador a lançar subjetivamente seu olhar para uma polifonia de (in)formações na paisagem urbana. Os *espaços construídos* de Ouro Preto enunciam os *agenciamentos de subjetivação* tais como expressos nas intervenções urbanísticas realizadas pelo Iphan, que constituíram a tentativa de atribuição da identidade nacional orientada pelo processo de patrimonialização de seus bens culturais.

Segundo Sharon Zukin (2000), “*a paisagem é, em grande parte uma construção material, mas também é uma representação simbólica das relações sociais e espaciais [...] A paisagem é uma poderosa expressão das restrições estruturais de uma cidade*” (p. 106). Deste modo, para a autora, a paisagem expressa um tipo de “ordem espacial” importante na estrutura urbana. Conformam também relações entre os diferentes grupos sociais, que se estabelecem e se diferenciam através do poder político, do poder econômico e de diferenças culturais. Deste modo, a construção – simbólica ou material – da paisagem, seja um monumento cultural e histórico ou um ambiente natural e conservado, torna-se um elemento importante para compreendermos a transformação espacial das cidades. Neste sentido, partimos da definição de Antonio F. Costa, segundo a qual

As identidades designadas, ou atribuídas, por seu turno, reportam-se a construções discursivas ou icônicas de entidades coletivas, com as quais aqueles que as produzem não têm relação subjetiva de pertença. Ou, pelo menos, não é a esse título nem sobre essa base que tais formas de identidade cultural são elaboradas simbolicamente como unidades de mapeamento da paisagem social (2002, p.27).

O centro histórico de Ouro Preto registra o período da colonização portuguesa no território brasileiro, pois representa o traçado inicial da cidade e uma paisagem que manifesta, como refere Rósio Baca Salcedo (2007), tanto as categorias urbanas e ambientais, arquitetônicas e administrativas, quanto as manifestações políticas, econômicas, socioculturais e tecnológicas em diferentes períodos históricos. Segundo a autora, “*entende-se histórico como tudo aquilo que expressa relevância na vida social e cultural de uma comunidade, e não somente os fragmentos mais antigos ou aqueles vinculados a um acontecimento*

“*histórico*”, *mas também aqueles relacionados com o cotidiano*” (SALCEDO, 2007, p.23). Neste sentido, voltamos a Guattari (1992): os projetos urbanísticos deveriam conceber o alcance dos espaços construídos, agenciados, de modo menos restritivo às estruturas visíveis e funcionais, visto que os espaços são produtores de subjetividades individuais e coletivas.

As transformações do espaço urbano correspondem às estruturas unitárias ou fragmentárias, o que permite construir a trajetória que articula as gerações passadas às contemporâneas, por isso enfatiza-se a importância de sua salvaguarda (SALCEDO, 2007). O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) foi criado pela Lei nº 378, de janeiro de 1937, e pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro do mesmo ano, durante os desdobramentos do Movimento Modernista no Brasil¹⁰. Neste entretempo de reflexão e revisão dos conceitos de cultura do país, as concepções sobre os problemas culturais, que deveu-se em grande parte ao trabalho de Rodrigo Mello Franco de Andrade, foram abordadas através de novos posicionamentos técnicos de preservação e do envolvimento de uma parcela da sociedade.

A noção de patrimônio foi revisada a partir de novos fundamentos (que não se restringiam mais aos aspectos estéticos) entendidos segundo critérios estilísticos, mas que abrangem a historicidade pertinente à construção sócio-espacial dos centros históricos, assim como seu caráter documental, sua trajetória e seus diversos componentes como expressão cultural (MOTTA, 1987). Neste sentido, a política de patrimônio orientava-se pela construção de uma identidade nacional para o país, tendo em vista a salvaguarda dos vestígios do passado. Era a chamada política cultural de “pedra e cal”, executada principalmente pelo Estatuto do tombamento.

Segundo Lúcia Lippi Oliveira (2008) os patrimônios históricos e artísticos representam simbolicamente a identidade e a memória nacional, assim como o pertencimento de uma comunidade a determinadas noções do conjunto de bens: relíquias, monumentos, cidades históricas, etc. Conforme esta autora, a cidade de Ouro Preto torna-se exemplar em 1934, quando foi criada a Inspeção de Monumentos Nacionais, no Museu Histórico Nacional, localizado no Rio de Janeiro (então o primeiro órgão federal de proteção ao patrimônio), a qual é “*considerada desde 1933 a principal relíquia do passado nacional a ser preservada*” (OLIVEIRA, 2008, p.114). Com a criação do Serviço, a Inspeção foi desativada,

¹⁰ Segundo Antonio Arantes (1997), as práticas preservacionistas dos modernistas têm sido bastante criticadas pela literatura da área, sendo consideradas uma extensão da ideologia do Estado de construção de uma comunidade nacional coesa e legitimadora das instituições, *status* e relações de autoridade. Para o autor, nem sempre tais posicionamentos e práticas reforçam ou legitimam a concepção institucional, homogeneizadora e hierárquica de nação. Voltaremos a este debate ao discutirmos a relação das práticas cotidianas do estudantes com o patrimônio de Ouro Preto, no Capítulo 5.

constituindo-se, desde então, o Sphan o mais significativo órgão de proteção e preservação dos bens nacionais.

Lúcio Costa, arquiteto que idealizou o Plano Piloto para a construção de Brasília, executada mais tarde por Oscar Niemeyer, foi também um dos responsáveis por imprimir a Ouro Preto a noção de cidade idealizada como obra de arte, ao designar uma identidade patrimonial que evidencia também a atuação do órgão em diversas outras cidades¹¹. Estagnada economicamente por quase meio século, desde a transferência da capital de Minas Gerais para Belo Horizonte em 1897, Ouro Preto sofreu também um grande esvaziamento populacional, fator que contribuiu para a atuação do Sphan em diversas escalas. Primeiro visou-se a recuperação do traçado urbano edificado através da conservação e restauração, visto que muitas casas entraram em processo de deterioração.

A preocupação maior do Sphan foi a de “*ajustar melhor a arquitetura nova ao quadro antigo, diminuindo o contraste entre o passado e o presente sem reproduzir as velhas construções*” (MOTTA, 1987, p. 111). Neste caso, utilizaram o uso de linhas ou elementos tipológicos da arquitetura tradicional que harmonizassem a paisagem urbana da cidade, a exemplo da marcação dos esteios do pau-a-pique colonial. Lia Motta (1897) destaca que em um primeiro momento poucos eram os projetos de reforma ou construção de casas pela população. O controle era casuístico, mas com o tempo os pedidos aumentaram, o que impossibilitou o controle particular de cada caso. Então foi necessário normatizar as construções e as fachadas de acordo com as exigências caracterizadas pelos critérios estéticos do órgão, definindo o “estilo Patrimônio”, que era empregado também nas novas áreas que se formavam na periferia e morros.

Em segundo momento, foi também motivo de novas inscrições arquitetônicas, superando a arquitetura eclética do século XIX, sobretudo pelos projetos de estilo neocoloniais do início do século XX. Contudo, o Sphan teve como referência a nova arquitetura modernista, a exemplo da construção do Grande Hotel de Ouro Preto, projeto modernista de Oscar Niemeyer no início dos anos 40. Assim sendo, os critérios de conservação do Sphan tornaram-se complexos, pois valorizaram mais as fachadas de tipo colonial das casas em detrimento dos lotes e do modo como “deveriam” estar dispostos. Segundo Lia Motta, as consequências dessa atuação descaracterizou a paisagem urbana através da falsificação do conjunto devido à persistência no controle das fachadas coloniais,

¹¹ As candidaturas e aprovações de Olinda, Bom Jesus dos Matosinhos, Salvador, São Luís do Maranhão e Diamantina são, em parte, tributárias, vistas do ângulo da UNESCO, da afirmação de Ouro Preto – principal representante da *civilização mineira*, como dizia Rodrigo M.F. de Andrade – diante do Comitê do Patrimônio (SILVA, 2003, p. 83).

produzindo ainda uma arquitetura híbrida. Este tipo de atuação deveu-se à crença dos técnicos do órgão de que Ouro Preto não teria possibilidade de crescer mais.

Como expressa a já citada autora, “*a cidade foi usada como matéria-prima para um laboratório de nacionalidade de inspiração modernista, deixando as populações que lá moravam a esta visão idealizada, não sendo elas sequer motivo de referência* (MOTTA, 1987, p.110), visto que um dos objetivos era enquadrar o “bom gosto” da arquitetura modernista. Partindo-se do pressuposto de que a arquitetura residencial manifesta social e culturalmente o modo de vida das gerações anteriores e contemporâneas (SALCEDO, 2007), esta concepção estabeleceu o traçado urbanístico ouro-pretano, velando, de certa forma, os “*tipos intermediários de habitação caracteristicamente brasileiros: as pequenas casas térreas da roça e das cidades, com sua variedade de aparência e de plano*” – como frisou Gilberto Freyre (2004, p.52)¹². Desse modo, a criação do Sphan deve ser compreendida e articulada à redescoberta das cidades barrocas mineiras, o que orientou politicamente a concepção estética:

Para historiar a criação do serviço federal de patrimônio, é preciso retornar às cidades coloniais de Minas Gerais. Essas cidades barrocas foram sendo redescobertas ao longo da Primeira República. [...] As viagens a Minas Gerais começaram a ganhar status de experiência de conversão à brasilidade, de redescoberta do Brasil. O mesmo se aplica ao encontro dos modernistas paulistas com os mineiros em 1924. Essa viagem a Minas constitui um relevante capítulo da história do movimento modernista no Brasil (OLIVEIRA, 2008, p115).¹³

Salcedo (2007) recorda que o barroco influenciou principalmente a arquitetura religiosa e oficial e com menor intensidade a arquitetura residencial. No entanto, as residências individuais apresentam traçado simples, não sendo significativa, mas o seu conjunto lhes conferia uma monumentalidade de expressão autêntica “*em razão dos volumes, das fachadas que, de forma escalonada, representam o urbanismo barroco, com características próprias de lugar, como consequência da topografia, do código de obras, das*

¹² Para o autor, o conhecimento sociológico da época contribuiu para essa separação do estudo da *casa* correspondente ao tipo dominante de família desde o século XVI, acenando para as expressões de *status* da família patriarcal, que predominava e reconstituía a paisagem socioespacial e cultural brasileira até o início do século XX. Entretanto, conforme ainda aponta Freyre (2004, p.55) “dentro desse sistema muita comunicação houve entre casas-grandes e senzalas, entre sobrados e mucambos e não apenas separação e diferenciação. [...] Nem se explicaria de outro modo o relevo que vêm tomando, entre nós, manifestações híbridas não só de cultura com de tipo físico” – diga-se de passagem, a mestiçagem. Por fim, Salcedo (2007) aponta que muitas casas das populações de menor poder aquisitivo tiveram suas construções feitas a partir do modelo predominante. A diferença estava nos equipamentos internos às casas, por exemplo, a ausência de banheiros.

¹³ O grupo de intelectuais modernistas era composto por Gustavo Capanema, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, entre outros.

técnicas construtivas, da cultura (...) de singular beleza” (SALCEDO, 2007, p.125). Por isso que as cidades mineiras, a exemplo de Ouro Preto, Mariana, Diamantina, São João Del-Rei, entre outras, tornaram-se referências sobre o passado colonial do Brasil.

A queda da produção aurífera que ocorreu nos fim do século XVIII, acompanhada ainda com a mudança da capital, em 1897, acarretou a transferência do funcionalismo público estadual, de serviços especializados para Belo Horizonte e provocou ainda forte declínio econômico e populacional. Somente com o seu reconhecimento enquanto cidade monumento, e mais tarde como sítio urbano a ser preservado, Ouro Preto volta a ter importância no cenário nacional. Ao ser declarada Monumento Nacional em 1933, e mais tarde com a fase de industrialização do país é implantada, em 1950, a ALCAN, uma indústria de fabricação de alumínio, dinamizando assim a economia local no chamado “ciclo do alumínio”. Segundo Lia Motta (1987), a fase de industrialização de Ouro Preto tornou-se problemática para o modelo de conservação idealizado por Lúcio Costa, pois novas formas de morar e uma nova relação casa/rua induziu uma arquitetura bastante diferente da tradicional. Para a autora,

a cidade, já não mais obra de arte, retomou seu processo de crescimento, as fronteiras se romperam, a periferia foi ocupada e os espaços do centro histórico se valorizaram também economicamente para ocupação. Não eram pedidas mais apenas uma ou outra construção e sim sucessivas residências, para atender a uma nova demanda social (MOTTA, 1987, p.113)

Além disso, o turismo começa a ser uma alternativa à cidade monumento, empregando importante parcela da mão de obra, como também a migração temporal de estudantes para estudar na Escola de Minas. Com o crescimento populacional na década de ‘70, iniciaram-se os primeiros trabalhos urbanísticos para o planejamento da estrutura urbana de Ouro Preto, o qual incluiu também a cidade de Mariana¹⁴. Elaborados pelo arquiteto português Alfredo Viana de Lima, “*esses trabalhos subsidiariam o Plano da Fundação João Pinheiro e orientariam a decisão da Unesco de conferir à cidade o título de Patrimônio da Humanidade*” (SALCEDO, 2007, p.135).

Segundo Antonio Arantes (1997, 2000), as políticas públicas de intervenção urbana investem, para cada época, diferentes visões e modos de apropriação dos espaços e de transformação da paisagem, o que amplia o sentido conferido (pela sociedade) aos “*projetos de recuperação de áreas urbanas ou de estruturas arquitetônicas de valor patrimonial*” (ARANTES, 2000, p.152). Foi a partir destas intervenções que o Iphan atribuiu a Ouro Preto

¹⁴ A área físico-territorial foi subdividida em quatro setores: paisagismo, restauração, estrutura urbana e legislação. O documento “Consolidação das Leis Urbanas” compreendeu também uma legislação urbana para as duas cidades composta de leis de uso do solo, códigos de obras e códigos de posturas (QUEIROZ, 1984).

sua identidade histórica, cultural e espacial, tomando como referência a salvaguarda da herança colonial. Neste sentido, os projetos urbanísticos são meios de disciplinar os “usos que os habitantes fazem da cidade”, pois avançam sobre os sentidos referenciais e atribuídos à construção e ressignificação do espaço na experiência urbana.

2.3. A identidade nacional como recurso da patrimonialização de Ouro Preto.

O Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Ouro Preto, a exemplo das cidades que compõem a lista do Patrimônio Mundial, conferida pela UNESCO, como os Centros Históricos de Olinda (1982), Salvador (1985), São Luís (1997) e o Centro Histórico de Diamantina (1999), entre outros, está entre os monumentos que remontam ao período colonial e imperial do Brasil. Eles constituem o discurso da Identidade Nacional brasileira através de sua significativa representação da colonização portuguesa, além de serem locais convergentes da cultura europeia e africana no Brasil (UNESCO, 2010).

Devido principalmente aos aspectos como o traçado das vias, as edificações e os bens culturais “*Ouro Preto e outras ‘cidades históricas’ de Minas são usadas como espaço simbólico que dão concretude e autenticam os celebrados eventos da Inconfidência Mineira*” (GONÇALVES, 1996, p.122). Foi com estes elementos que o Brasil conseguiu inscrever em 1980 o sítio histórico preservado na lista do Patrimônio Mundial da UNESCO. Ouro Preto foi a primeira cidade brasileira a receber o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, e desde 1938 foi considerada Monumento Nacional¹⁵.

Conforme Fernando F. Silva (2003, p.87) diante da Convenção da UNESCO em 1972 foram definidos bens pertencentes à categoria de patrimônio cultural: 1) os monumentos (grupos de elementos que tenham um valor excepcional do ponto de vista da história, da arte e da ciência); 2) os conjuntos (grupos de construções isoladas ou reunidas que tenham um valor excepcional do ponto de vista da história, da arte e da ciência) e; 3) os lugares notáveis (obras humanas, naturais ou arqueológicas que tenham um valor excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico). Neste sentido, o Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Ouro Preto (datado de 05/09/1980) atendeu à classificação e critérios adotados

¹⁵ Fundada em 1698, por bandeirantes paulistas no local onde já corria a fama de haver ouro em abundância, a povoação logo ganhou o status de vila, sendo chamada de Vila Rica. Após a independência, em 1823, já como cidade, recebeu o nome de Imperial Cidade de Ouro Preto e tornou-se a capital da Província de Minas Gerais até 1897, ano da inauguração de Belo Horizonte.

pela Convenção, sendo considerada uma “cidade histórica viva” por possuir vestígios do passado em confluência às funções contemporâneas.

Os critérios utilizados pela Unesco são:

- Valor universal excepcional, representatividade e seletividade: representa uma realização humana única; obra-prima que exerce uma influência, por um período de tempo ou dentro de uma área cultural específica do mundo. Isto envolve o modelo de paisagens e o planejamento de uma cidade; deve estar associado a tradições, valores, ideia e crenças;

- “Autenticidade”: são os bens que atendem a sua concepção original em “modelo, material, artesanato ou ambiente”;

- A proteção nacional dos bens: tombamento pelo Decreto-lei nº 25/1937¹⁶.

Deste modo, Ouro Preto foi inscrita na Lista do Patrimônio Mundial “*por representar um dos mais importantes centros históricos do estilo barroco do século XVIII, cujo período foi denominado ‘Idade do Ouro’*” (SILVA, 2003, p.100). Além disso, seu estilo barroco é peculiar em relação a outras áreas do país, sua história é importante para a compreensão da colonização portuguesa e sua região é testemunho importante do ciclo de mineração e do ouro. Seu acervo cultural abrange obras artísticas, como as do Aleijadinho, e literárias, a exemplo da literatura existente durante e após o período inconfidente e, posteriormente, no período modernista como ilustraram os escritores Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Manuel Bandeira.

A cidade, a partir de 1980, torna-se um importante centro de turismo, de serviços e indústria, inscrevendo-a no que Carlos Fortuna (1997) chama de “concorrência inter-cidades”. Sendo reconhecida em nível internacional, nacional e regional, o fluxo de pessoas aumenta e torna-se um importante desafio para o gerenciamento e preservação do patrimônio. Por um lado, o patrimônio material e imaterial ouro-pretano ultrapassa suas dimensões locais e entra no processo de articulação com a globalização dos bens culturais. Por outro, evitar a “degradação” do patrimônio, das casas e ruas tornar-se-ia um dos discursos que constrói o que Gonçalves (1996) chamou de “Retórica da Perda”.

Como já indicamos, para A.F.Costa (2002), os processos de atribuição identitária de um lugar, apesar de serem construções discursivas, não se referem necessariamente às

¹⁶ “Em 1986, Ouro Preto foi inscrita no Tombamento dos Livros Históricos, Arqueológicos e Etnográficos e Paisagísticos, e em 1989 foi definida e inscrita a delimitação do perímetro de tombamento da cidade” (SALCEDO, 2007, p.135).

relações subjetivas de pertença de uma comunidade. Segundo este autor, a “reificação histórico-patrimonialista”, em contrapartida, pode inverter e desconstruir as narrativas e representações tradicionais. Estes projetos têm como base relacionar a conservação do patrimônio histórico ou vernacular ao modelo de planejamento urbano, conhecido na atualidade como “planejamento estratégico”. Desta forma, a noção atribuída às paisagens torna-se central para a compreensão das transformações espaciais no contexto das políticas de enobrecimento do espaço urbano e de recuperação e conservação do patrimônio.

Paulo Peixoto (2004) compreende que as políticas públicas urbanas partilham de um mesmo sentido as noções de patrimônio e identidade. Constroem assim uma metalinguagem que inverte, muitas vezes, o significado dos bens culturais, tornando-os uma representação espetacularizada e performativa, o que acaba constituindo a identidade como recurso metonímico de processos de patrimonialização. Como consequência importantes categorias poderão ser utilizadas para referenciar as intervenções: o espaço público, a qualidade de vida, a auto-estima e a identificação local os objetos e bens que compõem a cidade.

Por fim, conforme expôs Queiroz (1984), a forma de gerenciamento do patrimônio da cidade de Ouro Preto foi o alvo preterido pelo discurso de intelectuais da cultura nacional, arquitetos e militantes preservacionistas do que da própria população, a qual é em grande parte desassistida pelo poder público. Ao lado disto está a população da cidade, formada pela população flutuante de estudantes e trabalhadores sazonais, o que dificulta a mobilização da população para elaboração de plano com metas sociais. Este autor questiona então: como pode uma população “*se apropriar de uma cidade sem ter a propriedade dela, sem que essa propriedade não tenha o crivo social?*” (QUEIROZ, 1984, p.203).

Tão válida e importante quanto esta pergunta é o esforço de respondê-la. Ao transformar os sítios históricos em espaços selecionados e de visibilidade pública, o argumento que justifica as atuais políticas de intervenção fundamenta-se na ideia de tradição. De algum modo, a ideia de tradição está aliada às práticas de preservação e poderia ser concebida como uma forma de articular várias gerações e criar “*vínculos entre os cidadãos por fazer referência aos símbolos que são representativos da coletividade, ou bens coletivos*” (TAMASO, 2005, p. 14). Segundo Leite (2007), esses processos resultam em diversas ocasiões menos em prática de cidadania e orienta-se por uma *relocalização estética do passado*. Este critério torna o patrimônio passível de ser reapropriado por alguns segmentos da população e visitantes. Neste sentido, para Carlos Fortuna (1997), tanto a tradição quanto a inovação, são referenciados como mensagens culturais que relocalizam os elementos do passado para os usos do presente.

3. OURO PRETO: “A CIDADE DAS REPÚBLICAS”

3.1. A fundação da Escola de Minas

Para compreendermos a fundação das repúblicas de Ouro Preto é preciso indissociá-las da criação da Escola de Minas, que ocorreu em uma época de fortes conflitos políticos no país, no período da transição do Segundo Reinado do Império brasileiro para o regime Republicano. Antes da Escola de Minas, já havia sido fundada a Escola de Farmácia, que data de 04 de Abril de 1839, através da Lei nº 140. Esta instituição foi a primeira do país e da América Latina a oferecer um curso naquela área de conhecimento (SAYEGH, 2009).

A Escola de Minas foi criada pela Lei n.º 2.670, de 20/10/1875 e pelo Decreto n.º 6.026, de 06/11/1875, sendo fundada em 12 de outubro de 1876, 43 anos após sua idealização através de um projeto de Lei em 1832¹⁷. A iniciativa da criação partiu de Dom Pedro II, durante viagem para a Europa em busca de conhecimentos técnicos de exploração de riquezas minerais do Brasil¹⁸. O monarca entrou em contato com Auguste Daubrée, diretor da Escola de Minas de Paris, que indicou Claude Henri Gorceix “*o qual possuía grandes requisitos para desenvolver essa tarefa. Em julho de 1874 ele chega ao Rio de Janeiro, trazendo consigo uma personalidade própria, a qual ficou conhecida como o ‘Espírito de Gorceix’*” (CARVALHO, 1978, p. 25).

A Escola de Minas, ao lado do Instituto Oswaldo Cruz, foi fundada em torno do conhecimento e da ciência europeia da época, principalmente nas pesquisas geológicas e biológicas. Segundo José Murilo de Carvalho (1978), a fundação dessas duas instituições para a educação brasileira significou o ponto de passagem da ciência colonial para a ciência nacional. Antes, em 1838, Pedro II já havia fundado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) inspirado no Institut Historique de Paris. Mas é com a fundação da Escola de Minas e do Instituto Oswaldo Cruz que se iniciam as mudanças no sistema de pesquisa científica, anteriormente dependente de pesquisadores e centros de conhecimento estrangeiros. Um dos objetivos traçados por Gorceix para o desenvolvimento da Escola, e da pesquisa brasileira como um todo, foi a formação de pesquisadores nacionais aliada à obrigatoriedade do Estado em contratá-los após sua formatura.

¹⁷ A Escola de Minas teve sua primeira idealização através de um projeto de Lei em 1832, refletindo preocupações de cunho científico e técnico. O projeto visava desfazer a Província de Minas da decadência econômica, mas só foi efetivado 43 anos depois (CARVALHO, 1978, p. 16)

¹⁸ No final do século XIX, a economia de Minas passou a girar em torno do café e “o tipo de formação técnica que era exigido por esta economia era apenas a engenharia civil e militar”. (*idem, ibidem*, p. 21)

O primeiro edifício escolhido como sede da Escola situava-se na Rua das Mercês (atual Rua Padre Rolim), próximo à Igreja Nossa Senhora das Mercês, onde antes haviam funcionado repartições públicas, tais como o Liceu Mineiro e a Repartição das Obras Públicas (TEODORO, 2003, p. 17). Em 1897, com a mudança da capital da província de Minas Gerais de Ouro Preto para Belo Horizonte, foi a sede da Escola transferida para o Palácio dos Governadores, na Praça Tiradentes, onde hoje funciona o Museu de Mineralogia¹⁹.

José M. Carvalho aponta alguns fatores que contribuíram para a idealização da Escola bastante influenciada pela reforma pombalina da Universidade de Coimbra (“fundada” no dia 1º de Março de 1290, em Lisboa, pelo rei D. Dinis). Através dessa reforma o pensamento científico-iluminista, ainda que se preocupasse mais “*com problemas de natureza filosófica do que propriamente científica*” (1978, p.23), questiona o privilégio da teologia sobre outras áreas, ao focalizar a história natural, a botânica, a mineralogia e as ciências exatas (química, física e matemática). Entretanto, Gorceix era contrário ao modelo de ensino liberal que instituiu a faculdade livre, a frequência livre dos alunos e a livre-docência. Seu modelo, ao contrário, considerado revolucionário para os padrões da época, baseava-se na *École des Mines de Paris* e na *École des Mines de Saint-Étienne*²⁰, sendo este último adotado tendo em vista as circunstâncias do ensino brasileiro. Assim, Gorceix insistiu na obrigatoriedade de exames anuais e rigor nas avaliações dos alunos, tendo em vista a qualidade do ensino superior, que ele julgava fraca.

Segundo Carvalho, a estrutura pedagógica da Escola orientou-se pelo modelo de Saint-Étienne, por ter menor duração (2 anos), tempo integral entre professores e alunos, exame de seleção, além do número limitado de alunos por turma (para cada exame apenas 10 ou menos alunos eram escolhidos). Outros importantes itens foram exigidos por Gorceix, tais como boa remuneração de professores; intensa prática de laboratório e viagens de estudos; bolsas de estudos para os estudantes pobres, e para os melhores alunos aperfeiçoamento no exterior; contratação pelo Estado dos que melhor aproveitassem a viagem de aperfeiçoamento. Estes dispositivos poderiam resultar em retornos mais rápidos para investir no desenvolvimento da indústria mineira, com a participação dos engenheiros formados pela Escola de Minas.

No entanto, os métodos de ensino basearam-se no modelo da *École Normale*, como aponta Rosa Teodoro (2003): “*tal modelo enfatizava a necessidade de fusão entre teoria e*

¹⁹Cf. <http://www.em.ufop.br/em/inauguracao.php>, acessado em Fevereiro, 2010.

²⁰ A primeira de formação básica, de três anos, com disciplinas de engenharia pertencentes ao domínio da física e matemática. A segunda formava os alunos em dois anos e fornecia conhecimentos em mecânica das máquinas, metalurgia e exploração (CARVALHO, 1978, p.29).

prática, expressa no brasão e símbolo da Escola: cum mente et malleo, e a aproximação entre professores e alunos e entre estes e a Escola” (p. 18). Mesmo com o amplo apoio de Pedro II ao diretor da Escola, houve muitas resistências a esta concepção de ensino superior no Brasil. Tal filosofia de ensino chocou-se com a prática vigente no país, tornando-se alvo de severas críticas. O então diretor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, Visconde do Rio Branco, foi um dos maiores opositores ao sistema implantado por Gorceix, pois considerava o método adotado pouco funcional, como também duvidava da capacidade da Escola em manter seus alunos. Apesar da forte oposição os principais pontos do projeto foram aceitos, tendo seu regulamento definitivo promulgado pelo Decreto Lei de 6 de novembro de 1875. A única exceção foi a mudança do nome “Escola de Mineiros”, como queria Gorceix ao basear-se na prática como filosofia fundamental, para Escola de Minas (CARVALHO, 1978).

Outro aspecto a ser discutido versa sobre o processo de diferenciação dos princípios da Escola para com a tradição da cidade. Esta diferença assinalou certo fechamento, não necessariamente de maneira harmoniosa e como diz Stuart Hall (2003), isso ocorre ao articular vários discursos e práticas que não se constituem a partir do reconhecimento de uma origem comum. Neste caso, do reconhecimento da Escola de Minas fundada na cidade de Ouro Preto, a identidade da Escola apelava para a disjunção da identidade e da vida cotidiana da cidade.

José Murilo de Carvalho, em seu livro *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória* (1978), aponta para o conflito entre a identidade da Escola e da cidade através do memorial escrito em 1939 por Alberto Mazoni, na época professor do curso de Engenharia Civil da Escola:

O ponto central do memorial é a necessidade de separar a Escola de Minas da cidade de Ouro Preto. Pelo espírito que as anima, as duas são incompatíveis. A cidade é berço de tradições, volta-se para o passado e a ele deve ser mantida fiel. À Escola, pelo contrário, não cabe a guarda do passado, mas do futuro e para este deve projetar-se. ‘Contagiar-se da alma da cidade é o mal de que cumpre fugir’. As condições necessárias para a conservação da cidade são exatamente as que militam contra a vida da Escola. A cidade precisa de silêncio e paz, a Escola precisa do fervilhar das indústrias e das técnicas” (MAZONI, *apud* CARVALHO, 1978, p. 135).

Para Machado (2007), é neste sentido que a cidade de Ouro Preto, no século XX, parecia tornar-se o símbolo do atraso, da Monarquia e da antimodernização perante a sua tradição. Este aspecto é importante para a compreensão das mudanças nas relações entre os universitários e os moradores locais, visto que a Escola de Minas fecha-se em si mesma e construiu sua própria tradição. Parte desta crítica traduz-se também para a relação conflitiva

entre os repúblicos e a cidade-patrimônio. No entanto, esta “relação” resulta, ao mesmo tempo, de articulações e fechamentos simbólicos, ao passo que a inscrição dos lugares e tradições estudantis descerraram os espaços ouro-pretanos para um ambiente universitário.

3.2. Constituição das repúblicas de Ouro Preto e a influência de Coimbra

Os critérios de organização de uma república orientam-se pela centralização de leis e regras comuns. A formação das repúblicas estudantis pode ser considerada uma tática encontrada pelos estudantes para a permanência nas universidades, principalmente para aqueles que moram fora de suas cidades e conseqüentemente longe da família. Assim, a história das repúblicas estudantis brasileiras, mesmo que pouco conhecida, está articulada à história das próprias universidades. É neste sentido que as repúblicas estudantis compreendem a formação de um espaço democrático, configurando-se como um “lugar”, mesmo que permeado de conflitos e normas internas.

Quanto à denominação “república”, conforme Jaime A. Sardi (2000), a literatura brasileira tem atribuído três explicações para a adoção desta expressão em Ouro Preto. A primeira se refere ao fato de estas se considerarem soberanas e autônomas em relação à Universidade, gozando de autogestão administrativa. A segunda diz respeito ao fim da Monarquia no Brasil e à implantação do regime republicano, em 1889. Segundo o autor, os estudantes manifestaram-se contra a visita de representantes do gabinete parlamentar do Império, demonstrando a rejeição à Monarquia e fizeram cartazes com a palavra “República” nas fachadas das moradias estudantis. Por fim, a terceira hipótese, a que Otávio Luiz Machado (2007) também refere, é que na Idade Média, nas principais cidades da Europa, as moradias estudantis eram denominadas “repúblicas”, a exemplo de Coimbra. No entanto, conforme Aníbal Frias (2003), o nome *república*, em Portugal, aparece em textos somente no início do século XIX, sob a influência do liberalismo republicano, embora na cidade de Coimbra existissem as casas alugadas para estudantes desde o século XVI.

De qualquer modo, segundo o próprio Machado (2007b), a origem do termo no Brasil, e mais precisamente em Ouro Preto, está relacionada diretamente à influência de Coimbra, sendo primeiro conhecido no Brasil como Casa de Estudantes. A cultura urbana universitária ouro-pretana mantém forte relação sociossimbólica com as repúblicas coimbrãs. Ao passo que em Coimbra as repúblicas foram fundadas durante a Monarquia em Portugal (FRIAS, 2003),

em Ouro Preto surgem as primeiras repúblicas no início do século XX, quando o regime monárquico perdia força política no Brasil.

Como refere Liliane Sayegh (2009), as repúblicas de Ouro Preto são mais do que uma simples forma de moradia: ao criarem lugares e tradições elas articulam muitas semelhanças com as repúblicas estudantis de Coimbra, em Portugal. Segundo esta autora, desde o século XVIII estudantes brasileiros já faziam intercâmbio na Europa. Durante este século, Minas Gerais liderou a lista de intercâmbios para a Universidade de Coimbra (UC) que, junto com as universidades de Paris foram os principais destinos dos estudantes oriundos de famílias abastadas ou até mesmo filhos de famílias com menos condições.

Havia ainda o intercâmbio de estudantes entre os dois países, fato constatado nas obras de José M. Carvalho (1978) e David Dequech (1984), através das análises das cartas de Gorceix para o imperador e atas de reuniões e encontros acadêmicos, nos quais constam referências à presença de estudantes de Coimbra. Deste modo, consta que o retorno de estudantes para a província mineira era destinado geralmente para Ouro Preto, pois esta cidade foi um dos primeiros centros urbanos do país e, além disso, desde o movimento da Inconfidência já havia a ideia de implantar o ensino superior no Brasil (ideia suprimida junto com o movimento).

A dificuldade que se tem ao comparar as semelhanças e dessemelhanças da cultura universitária destas cidades é que são poucos os relatos e documentos, ou praticamente inexistem trabalhos acadêmicos que de modo geral sistematizem historicamente as articulações entre estas urbes. No entanto, já supõem que as repúblicas estudantis ouro-pretanas surgem, “*a partir da ocupação de casas centenárias por estudantes das Escolas de Minas e de Farmácia, que dividiam as despesas e tinham sistema de funcionamento semelhante ao de Coimbra*” (SAYEGH, 2009). Os trabalhos dos autores aqui citados²¹ esforçam-se por elucidar as características de intercâmbio entre estas cidades. Embora possam esclarecer muitos detalhes ainda há a falta de documentos (textuais e iconográficos) que possam elucidar as lacunas, visto também não haver estudos específicos sobre esta temática.

Por isso presumimos que em decorrência das práticas tradicionais, que conformam aspectos simbólicos e identitários da “cultura republicana” de Ouro Preto, estes são os principais indícios de que o sistema de repúblicas ouro-pretanas foi influenciado pelo modelo coimbrão. Tanto que a divisão de hierarquias das repúblicas e os rituais conferem fortes semelhanças, pois a constituição e as identidades das repúblicas de Ouro Preto giram em torno

²¹ Cf. os recentes trabalhos de H. Crivellari (1998); J. A. Sardi (2000, 2001); O. L. Machado (2003, 2007); R. Teodoro (2003) e G. Cifelli (2005).

de suas tradições e formas de gerenciamento, o que levantou hipóteses de alguns autores sobre a organização e seu marco político. Neste caso, a influência da *Praxe Académica* coimbrã é fortemente visível. Segundo Frias, ao designar as tradições e rituais estudantis,

a *Praxe Académica* constitui o registo cultural dos estudantes. Muitos dos seus elementos materiais e simbólicos derivam das práticas institucionais. Embora autónoma, a sociedade estudantil retira da Universidade uma parte de sua lógica social. Esta lógica é a de uma ordem hierárquica e distintiva (2003, p. 83).

O hábito de julgar no “dia da escolha”, os trotes, as festas, as gírias e os rituais coimbrãos imprimiram às repúblicas de Ouro Preto os modos de habitar a casa²². De acordo com este autor, estas práticas advêm do processo sócio-histórico do uso da palavra “*Praxe*” por volta de 1860, sendo que no universo acadêmico esta expressão sintetiza e emerge devido à concorrência da Universidade de Coimbra com outras então criadas em Lisboa e Porto. Entretanto, a *Praxe Académica* se traduz como um deslocamento de sentido da prática institucional e administrativa das universidades portuguesas (que inclui quadro burocrático, corpo docente e conforma a autogestão dos cursos e as hierarquias de cada departamento) e se configurou em sociabilidades lúdicas dos estudantes.

Da mesma forma, as tradições das repúblicas ouro-pretanas imprimiram discursos e hábitos que enunciam novas significações e modos de apropriação diversos. Neste sentido, a continuidade dos rituais coexiste com a inscrição contemporânea das culturas e identidades juvenis que ressignificam as heranças, a memória dos moradores mais antigos e a identidade das repúblicas. Porém, comparando as repúblicas de Ouro Preto à observação de Aníbal Frias sobre Coimbra, podemos inferir que:

Por seu lado, a *Praxe* académica viu o seu conteúdo e os seus contornos, o seu uso social e a sua significação, modificar-se ao longo dos tempos. Isto em conformidade com a própria dinâmica de toda uma herança material e imaterial. Mais ainda, foi a sua natureza que se transformou. De usos vividos e de costumes vulgares, ela passou ao tradicionalismo. Por este termo é necessário entender uma codificação dos comportamentos e uma vontade prescritiva, frequentemente exógena, de preservar, ou mesmo de “fabricar” aquilo que é designado como memória colectiva. Aqui trata-se das práticas académicas como dos usos camponeses, ou mesmo da arquitectura: encontram-se patrimonializados (2002, p. 01).

Mesmo não sendo tombadas como parte do acervo cultural de Ouro Preto as repúblicas são propriedades públicas da Escola de Minas e, portanto, seus usos são definidos por estatutos elaborados pela UFOP. Por um lado, as repúblicas adaptaram-se ao chamado

²² Trataremos destas práticas nos capítulos posteriores.

espírito de Gorceix e ao “espírito da tradição” através da manutenção de um sistema comunitário considerado soberano, e com o emprego de uma organização política calcada na democratização das decisões e na responsabilidade perante o rumo das casas. Em Ouro Preto, as repúblicas tornaram-se o maior patrimônio da Universidade e fazem parte do patrimônio cultural juvenil da cidade. Em Coimbra, segundo Elísio Estanque,

Desde o século XIII que, com a emergência das mais antigas universidades europeias, surgiram as primeiras casas comunitárias de estudantes, algumas delas baptizadas de "Nações", onde viviam conjuntamente estudantes e "mestres" oriundos de uma mesma região, nacionalidade ou até diocese. As Repúblicas de Coimbra surgem já no século XIX, sem dúvida associadas aos movimentos político-ideológicos de matriz republicana. Animadas pelo espírito de fraternidade, protecção mútua, convívio e boémia, as Repúblicas tiveram um papel decisivo na modelação da cultura universitária e na própria gestão da Universidade. Muitas gerações da elite intelectual portuguesa foram, directa ou indirectamente, tocadas pelo seu modo de vida (2005, não paginado).

É preciso levar em conta que a Universidade de Coimbra foi criada no ano de 1290, em Lisboa, pelo rei D. Dinis. A despeito de sua inscrição na cultura urbana da cidade o tempo aqui é considerável. Ao longo de 700 anos, a instituição conforma parte da imagem de Coimbra como cidade histórica, a qual tem papel relevante para o entendimento da história e da cultura portuguesa. Ela faz parte do cenário que constitui a paisagem arquitetônica e sociocultural da cidade que remonta importância no contexto nacional de Portugal. Segundo Carina Gomes (2008) a imagem de Coimbra como cidade histórica e universitária

aponta igualmente para uma vasta riqueza monumental, que lhe permite reunir um conjunto de interessantes testemunhos do passado. Para esta riqueza muito contribui outra imagem, a de cidade universitária, que resulta de uma universidade antiga e famosa que coloca Coimbra no centro das rotas do conhecimento e da cultura (2008, p. 70).

Para a autora, a inscrição sociossimbólica da Universidade na imagem urbana de Coimbra merece uma rubrica exclusiva. Em razão do espaço-tempo da existência da instituição é que se atribui a Coimbra a identificação de “*cidade dos estudantes*”. Como exemplo, C. Gomes lança mão de um estudo sobre o modo como a cidade é turisticamente imaginada e narrada para seus visitantes através de *Guias turísticos* e formas de intermediação cultural entre os lugares da cidade. Desse modo, para cada caso, Coimbra é imaginada e (re)criada sob diversos modos de produção turísticas que articulam as identidades atribuídas aos lugares e ao acervo histórico-patrimonial. A questão é que as identidades coimbrãs podem ser descritas a partir das representações sobre a cidade que ora é “*histórica, ora tradicional,*

ora universitária, ora dos estudantes, ora arquitectónica ora do fado e ora do Mondego”
(GOMES, 2008, p.69).

Imagem 01



Repúblicas Coimbrãs. Foto do autor, 2008

As diversas formas de narrar Coimbra referem às dimensões simbólicas da cultura urbana e ao acervo patrimonial que interessam nas promoções turísticas da cidade. Entre os elementos e recursos valorizados pelas empresas e intermediadores culturais a “Cidade Universitária” situa-se inscrita em seu fluxo narrativo. A imagem urbana promovida sobre a “*cidade dos estudantes*” favorece a inserção deste espaço na formação dos lugares de consumo cultural e sociabilidades juvenis, pois o que se enaltece são as tradições estudantis e como elaboram os lugares, a exemplo das repúblicas.

De qualquer modo, as repúblicas estudantis consistem e constituem espaços culturais e identitários da “cidade universitária”. Foi durante o reinado de D. Dinis, no século XVI, que surgiram os primeiros alojamentos de estudantes em Coimbra, enquanto que as repúblicas surgiram nos fins do século XIX. Para Elísio Estanque (2005), com protagonismos variados, as repúblicas coimbrãs enunciaram um ambiente de irreverência cultural e cívica demarcando

a vida estudantil desde a Idade Média²³. No entanto, este autor elucida que após o ano de 1969 ocorreu uma virada decisiva no papel das tradições das repúblicas de Coimbra. Ao passo que assumiram ao longo de sua trajetória como núcleo central dos movimentos estudantis, dos rituais e das práticas acadêmicas, atualmente os repúblicos vivem uma postura distinta. Em breve explicação, podemos inferir que após o regime salazarista (que está ligado diretamente à Universidade de Coimbra) as repúblicas, no início dos anos '80, aderiram ao movimento anti-praxista, o que ressignificou uma identidade experimentada por muitos anos ao assumirem um estilo de vida diferenciado da maioria dos estudantes coimbrãos, que aderiram crescentemente às praxes²⁴.

Imagem 02



Manifestação do Movimento Anti-Praxe das Repúblicas de Coimbra. Foto do autor 2008.

²³ Ressalte-se que desde este período histórico europeu as Universidades passaram a imprimir novas características às cidades. Cf. LE GOFF, Jacques. "Os intelectuais na Idade Média" (1989).

²⁴ Não é intento deste trabalho abordar as questões sociológicas para essa virada na cultura universitária em Coimbra. Por isso, destaquemos a importância de retomar a leitura dos artigos de Frias (2003) e Estanque (2005) para uma compreensão mais detalhada deste processo.

3.3. A cidade dos estudantes

Retomando a discussão sobre Ouro Preto e para entendermos o surgimento das primeiras moradias estudantis no Brasil, Machado (2007b) sugere observarmos a relação entre as cidades e as universidades (ou seja, evitar uma separação entre estas partes). Esta ideia é importante para entender o contexto das repúblicas universitárias e das casas de estudantes em diversos aspectos, sejam eles culturais, econômicos, sociais, políticos etc., como também discute a dificuldade que as cidades enfrentam para acompanhar o crescimento das universidades e a demanda por moradia.

Este autor cita (e é importante este exemplo) que a primeira moradia de estudantes conhecida no Brasil data do final dos anos de 1820 com a criação da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo. Na cidade de Olinda, em Pernambuco, também surgiram repúblicas com a criação da Faculdade de Direito de Olinda, em 1827. Em São Paulo, neste período, a cidade possuía uma média de 10 mil habitantes e não dispunha de muitos imóveis para estudantes. A partir de 1830, com o crescimento da Faculdade de Direito, ocorreram os primeiros problemas que somente foram solucionados quando os estudantes passaram a viver nos cubículos do Mosteiro da Ordem Seráfica de São Francisco, prédio de estilo barroco, inaugurado em 1647.

No caso de Ouro Preto, após a transferência da capital de Minas para Belo Horizonte, em 1897, a cidade passou a ser considerada a “cidade das repúblicas”. De acordo com Machado criou-se então um sistema de moradia através do qual “*as repúblicas assumiram papéis importantes na conservação e na divulgação do patrimônio histórico*” (2003, p. 197). A perda do título de capital da Província de Minas resultou como consequência a migração da população local, principalmente de funcionários públicos, militares, comerciantes e famílias inteiras, que partiram para Belo Horizonte e provocaram um esvaziamento de até 40% dos imóveis (RACIOPPI, 1940).

A educação superior e vida estudantil de Ouro Preto existem desde 1839, com a fundação da Escola de Farmácia, embora as repúblicas só viessem a se constituir, de fato, no período que estava em curso a consolidação da Escola de Minas. No início muitos estudantes alugavam quartos em casas de famílias. Posteriormente surgiram as primeiras casas de estudantes e somente após duas décadas, em 1919, surgem as duas primeiras repúblicas de que se tem conhecimento: a Castelo dos Nobres e a Humaitá. Nos anos seguintes surgiram as

repúblicas Arca de Noé (1927), Canaan (1930), Vaticano e Pureza (1932) e Sparta (1941)²⁵. As primeiras repúblicas existentes foram formadas através da socialização contínua dos estudantes; convém informar que tais locais de moradia foram mantidos através da solidariedade e da formação de um espaço universitário local. Conforme relata Machado, os universitários da Escola de Minas estavam

vivendo a sua grande maioria nas casas de estudantes, conhecidas por «Repúblicas», (nome adaptado a partir da influência da Universidade de Coimbra). Desta forma, houve, inclusive, intercâmbios entre estudantes de Ouro Preto e Coimbra, como em 1951, quando os estudantes de Coimbra visitaram Ouro Preto e foram recebidos pelos estudantes da Escola de Minas. Os coimbrãos estavam na solenidade usando capas pretas – os seus tradicionais trajes –, enquanto os estudantes de Ouro Preto, na ausência de uma vestimenta tradicional, improvisavam-se com simples lençóis brancos como forma de caracterização no evento (atas estudantis) (2003, p. 197).

Tal foi a influência que muitas práticas contemporâneas ainda estão associadas às repúblicas de Coimbra. O uso da placa nas ruas, a divisão de hierarquias das repúblicas e alguns ritos festivos são decorrentes deste deslocamento. A cultura universitária coimbrã, a exemplo da Queima das Fitas²⁶ e dos eventos que participam como a Feira Medieval e dos trotes que ocorrem no início de cada período enunciou-se fortemente em Ouro Preto que, por sua vez, traduziu alguns dos rituais, objetos, gírias, elementos sonoros, associações, etc. para uma cultura própria: Festa do 12, bailes, hinos, etc.

O fluxo migratório de estudantes e professores para Ouro Preto, primeiramente de engenharia e farmácia, contribuiu para o desenvolvimento urbano da cidade e abriu as fronteiras locais para a interação com o número cada vez mais elevado de pessoas de vários Estados do país e interior de Minas Gerais. Dentre os motivos, os estudantes se deslocavam para Ouro Preto por ser esta região um dos principais laboratórios de pesquisas para as escolas de engenharia (e continua a ser atualmente). Junto com a interação entre os estudantes foi criado também um fluxo de redes locais com a comunidade ouro-pretana (TEODORO, 2003), que muitas vezes alugavam quartos para os recém-chegados, até que casas inteiras passaram a ser alugadas, dando início à formação das residências estudantis.

²⁵ São repúblicas federais a Castelo dos Nobres e a Canaan. As demais (Arca de Noé, Vaticano, Pureza e Sparta) são particulares. A república Humaitá já não existe.

²⁶ Festividade estudantil das Universidades portuguesas que teve seu início em comemorações na Universidade de Coimbra. Desde o ano de 1899 a festa de Queima das Fitas se realiza como um importante evento cultural estudantil. A ideia geral nasce de um aspecto singular: o queimar das fitas que os alunos usavam nas pastas e eram indicadoras de sua condição de concluinte. O queimar das fitas transformou-se então em um ato simbólico enunciando o término do curso. No entanto, com o passar dos anos a festividade passou a ser um evento da própria cidade, cuja iniciativa pertencia aos estudantes. Atualmente ocorrem cerimônias, bailes e shows de grande porte. (Cf. <http://www.queimadasfitas.org>. Acessado em Julho de 2010).

Para Otávio L. Machado (2007) muitos imóveis localizados nos Bairros Antonio Dias, Centro e Pilar foram cedidos ou ocupados por estudantes que os mantiveram. Desta forma Ouro Preto tornou-se cidade ideal para morar e estudar, com fortes apelos para os indícios da formação de uma cultura universitária e da preservação do patrimônio da cidade, pois quanto às casas cedidas, as famílias preferiram liberá-las aos estudantes a ter que deixar desabá-las ou serem ocupadas por transeuntes. Além disso, é de se supor que a desvalorização dos imóveis levaria ao desestímulo dos antigos moradores quanto a quitarem os impostos, caso não compensassem frente ao valor de mercado da propriedade.

Nesta época a Escola de Farmácia e a de Minas tornaram-se referências em nível nacional e Ouro Preto passou a ser designada como local ideal para formação dos créditos educacionais e referência de empregos para os jovens estudantes. A cidade fornecia condições de moradia e permanência razoável durante todo o ano. Considerada tranquila, pequena, com clima e ambiente natural favorável à qualidade de vida, livre dos problemas de saúde disseminados pela varíola e seu baixo custo de vida comparado ao do Rio de Janeiro, a cidade tornou-se o principal núcleo estudantil do país formado por um sistema de repúblicas (RACIOPPI, 1940).

Ouro Preto tornou-se conhecida também pelos estudantes que vinham de outros Estados a fim de fazer os cursos preparatórios para o ingresso nas Escolas do Rio de Janeiro. As viagens interurbanas eram feitas de trem, o que costumava levar mais de 5 horas de Belo Horizonte para Ouro Preto. Mesmo sem existir sistemas de transportes e comunicação eficientes no Brasil, “*os estudantes que vinham de fora do Estado, geralmente faziam a opção de se dirigirem de trem até o Rio de Janeiro, e em passagem rápida, pegar um outro para Ouro Preto*” (MACHADO, 2007, p.06). Assim, muitos jovens se sentiam atraídos pela cidade e durante suas incursões incluíam um modo de vida boêmio e liberal perante a juventude local, formada por ouro-pretanos (até então eram assim entendidos os próprios universitários).

David Dequech, engenheiro formado pela Escola de Minas e autor do livro “*Isto Dantes em Ouro Preto*” (1984), uma das poucas fontes existentes sobre o modo de vida dos repúblicos e a formação de um ambiente universitário, relata que o método de ensino ensejado por Gorceix, baseado no modelo francês de acompanhamento individualizado do aluno pelo professor, proporcionou maior interação cotidiana, relações afetivas e recrutamento dos alunos praticamente em tempo integral para o desenvolvimento de atividades acadêmicas:

O aspecto provinciano da cidade, o seu notável passado, a boemia, a descoberta da liberdade por uma juventude pouco vigiada, o espírito acolhedor do ouro-pretano com sua compreensão e bondade, as contas penduradas, e, acima de tudo, a presença

constante dos professores, seja nas escolas, fora delas, e até em casa, a incutir o culto ao dever e à responsabilidade (DEQUECH, 1984, p. 66).

Nesta passagem temos uma primeira forma de enunciação das culturas e lugares juvenis em Ouro Preto, como a busca pela liberdade e a vida boêmia sem o controle familiar. Contudo, nesta citação ainda não é possível designar um estilo de vida dos repúblicos, com suas práticas autônomas. De toda maneira, para entendermos a formação desse ambiente universitário é preciso levar em conta a fundação da Escola de Minas e sua relação com a cidade. Nas atividades de pesquisa “*tanto professores quanto alunos passavam o dia inteiro na Escola e os fins-de-semana, feriados e férias fazendo investigações empíricas ao redor de Ouro Preto ou em outros estados, havendo alguns alunos que chegavam mesmo a ir para o exterior*” (TEODORO, 2003, p. 18).

Como foi dito, neste modelo adotava-se tempo integral para alunos e professores durante toda a semana e até durante as férias, para o que eram destinadas à realização de pesquisas, com bolsas e condições para o aproveitamento dos alunos carentes, além do ensino gratuito. Visava-se não somente ao mercado de trabalho, mas à formação extensiva do corpo discente, para que assumissem a posição de professores da Escola de Minas. Enquanto isso recorriam a professores franceses ou brasileiros que aplicassem o método proposto por seu fundador. Esta perspectiva trouxe como resposta a relação dos alunos formados com a cidade.

Com o retorno dos ex-alunos, já como professores, famílias foram formadas, em que mostrou-se inclusive a sucessão de pais, filhos, sobrinhos etc. no âmbito da Escola, em sentido de demarcação do processo de identificação entre os estudantes, a Escola de Minas e a cidade (CARVALHO, 1978). Este fato é chamado de *inbreeding* por Carvalho (1978) e Crivellari (1998), referindo-se ao papel de Gorceix “*como forma de aumentar a estabilidade do corpo docente em Ouro Preto, uma cidade pequena e distante dos grandes centros da época*” (CRIVELLARI, 1998, p.124). De qualquer modo, a vida e a sociabilidade estudantil nas repúblicas baseavam-se na solidariedade e nas relações afetivas entre os alunos e professores, diferenciando-se das relações entre os estudantes das faculdades localizadas nas grandes cidades. Este ambiente favorecia então à formação da tradição entre os repúblicos e, por fim, a constituição de lugares e sociabilidades estudantis.

Antes de prosseguirmos nossa análise sobre as demais práticas dos estudantes, trataremos da inscrição destas tradições, de forma que podemos situar este universo e seu grau de interdependência e institucionalização de hábitos internos. As repúblicas são diferenciadas entre modos de gestão (federais e particulares), divisão sexual (masculinas, mistas e femininas); e a continuidade das casas, o que releva os aspectos tradicionais e não-

tradicionais. Estas distinções tornam-se importantes para a compreensão do modo de vida dos repúblicas e como é possível a continuidade das mesmas após um período longo de existência, a qual é expressa através dos quadros colados nas paredes das casas.

Imagem 03



Tradições: Quadros dos ex-alunos na República Aquarius. Foto do autor, 2010.

As tradições orientam a continuidade de práticas cotidianas e modos de habitar a casa. Além disso, o estilo de vida do calouro é fundamental para sua permanência no grupo. Neste sentido, a liberdade individual de cada morador é articulada às regras coletivas da república, que determina, por exemplo, quando os membros devem fazer algum programa juntos, como sair às festas, embora não em caráter de obrigatoriedade etc. (MACHADO, 2007). Nas repúblicas a individualidade de cada morador é reconhecida à medida que convivam com as diferenças, pois todas elas possuem linguagens, vocabulários e formas particulares de sociabilidade (SARDI, 2000).

Entendemos, então, que não são somente as regras normativas que orientam a ação de cada sujeito, mas como este se articula no espaço da diferença, em que o reconhecimento de sua identidade perpassa o jogo da sociabilidade, como também o processo de socialização interna das repúblicas. As regras, de certa forma, legitimam certos usos e ações no âmbito

próprio do grupo, no qual há meios que possibilitam a continuidade das práticas tradicionais através do entendimento mútuo do lugar. Em primeira consideração, o conhecimento da autogestão possibilita a inserção do indivíduo no lugar. Em segunda consideração, a autonomia, a cooperação, a solidariedade e o apoio mútuo são formas de interação com as práticas tradicionais. Por exemplo prático, podemos referir a demanda de o calouro se autorreconhecer como “bixo”, seguindo uma cadeia hierárquica por ordem de chegada à casa, até que ele passe a ser o “decano” (membro mais velho da casa).

Em Ouro Preto, as tradições não são exclusividade das repúblicas federais. Há também repúblicas particulares que seguem práticas tradicionais que compõem o sistema das repúblicas: a Festa do 12 de Outubro (aniversário da Escola de Minas), o 21 de Abril (aniversário das repúblicas fundadas no Morro do Cruzeiro), o uso de placas, o corte de cabelo, os trotes, as hierarquias, as “cumadres”, os hinos, os vocabulários e os quadrinhos dispostos na parede da sala com fotos dos ex-alunos formados. Nas palavras de “Thumiaio”, morador da República Saudade da Mamãe e presidente da Refop, podemos visualizar a ideia de tradição deste “sistema de repúblicas”:

Eu tenho certeza que a república federal, por mais questionável que seja essa modalidade de assistência estudantil, eu sou exemplo que não estaria em Ouro Preto se não fosse uma república federal. A situação de muitas pessoas aqui não é boa. A gente preza esse sistema de autogestão e autonomia justamente pra continuar a república. A gente tem autonomia pra escolher quem vai morar e dar prioridade pra quem precisa, mas não dá pra continuar com pessoas que não vai continuar com a tradição que a gente preza. Que é uma tradição que às vezes impõe contradições. Mas há tradições que são boas. E a tradição de república federal é uma tradição boa, existe uma irmandade, uma família. Tem os quadrinhos nas paredes das pessoas e elas sempre voltam aqui pra saber como que tá a casa. Sempre ajudam pra saber se o espírito que eles deixaram aqui e levaram pra fora ainda tá continuando na casa. No meu ponto de vista morar 12 pessoas sem um critério de afinidades não dá. Eu não vou conversar com um cara que não vai comigo²⁷.

Por outro lado, há um expressivo número de repúblicas particulares consideradas não-tradicionais. Estas seguem critérios de ocupação que as diferem das repúblicas tradicionais. Não há uma tradição constituída, pois grande parte destas formam-se com 3 ou 4 alunos em apartamentos alugados, não tendo então um referente espacial ou mesmo possibilidade de continuidade da república por questões internas, como as brigas entre os moradores ou a falta de condições em manter o aluguel, visto que em Ouro Preto a especulação imobiliária tornou-se alta. “Thumiaio” explica que além da falta de estrutura de muitas pequenas repúblicas que

²⁷ Depoimento concedido pelo estudante-morador da República Saudade da Mamãe, Jorge Benedito de Freitas Teodoro, Thumiaio, em 28/04/2010.

surtem ao longo do tempo, há ainda o fator geracional relacionado à dificuldade de se morar em uma cidade patrimonial como Ouro Preto:

A gente luta pra manter essa tradição porque afinal todo ano chega gente. E uma coisa, eu cheguei com 21, mas a maioria da galera tá chegando com 17, 18. Cada vez mais novos e é uma vida diferente, é um convívio diferente. A gente requer um período de adaptação. Precisa-se se adaptar à nova família, longe dos pais, pra compreender Ouro Preto que é uma cidade complicada²⁸.

Neste sentido, além das mudanças no espaço-tempo referente à inserção de novos moradores cada vez com idade menos elevada, o que tem sido uma tendência das universidades brasileiras através dos recentes programas do Ministério da Educação (MEC) como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o Programa Universidade Para Todos (PROUNI), há a questão patrimonial que sabemos ser pouco entendida segundo a confusa equação público-privado no Brasil. Assim sendo, os repúblicos mais velhos devem orientar os novos moradores sobre a preservação do bem público. Ao passo em que preservam a casa e a dá continuidade à república, os moradores, devem, via de regra, adequarem-se às leis de preservação do patrimônio histórico atribuídas pelo IPHAN, pela UFOP e conforme o Plano Diretor do Município do Ouro Preto²⁹.

As repúblicas estudantis são então constituídas pela autonomia e autogestão, porém são amparadas por estatuto legal, o que exige nossa atenção. A preservação do patrimônio edificado enquadra o uso das casas apropriadas como repúblicas federais na resolução CUNI nº 779 da UFOP, pela qual os moradores são responsáveis por qualquer dano ao patrimônio. Com a criação da Universidade em 1969, os imóveis pertencentes às entidades representativas das repúblicas – Casa do Estudante de Ouro Preto (CEOP) e Casa do Estudante da Escola de Minas (CEEM) – foram doados ao patrimônio edificado da UFOP.

A Resolução CUNI nº 779, aprovada no ano de 2006 pelo Conselho Universitário da Universidade Federal de Ouro Preto, durante a gestão do atual Reitor João Luiz Martins, refere-se ao Estatuto das Residências Estudantis que integram a política de incentivo à permanência dos discentes na UFOP. O objetivo do Estatuto, que considera Residência

²⁸ Idem.

²⁹ O Artigo 2º do Plano Diretor do Município de Ouro Preto, estabelece, conforme a Lei Complementar Nº29 de 08 de Dezembro de 2006, que “Os bens artísticos, arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos de relevante valor cultural e natural localizados no Município e tomados individualmente ou em conjunto, são considerados bens inalienáveis de sua população, cabendo a ela exercer de forma concorrente às diferentes esferas da Administração Pública, a sua guarda, proteção e gestão”.

Estudantil as chamadas Repúblicas Federais legalmente cedidas aos moradores, é assegurar a moradia aos estudantes regularmente matriculados.

No Artigo 2º disposto no Capítulo I deste Estatuto, dispõe-se algumas atribuições necessárias ao bom funcionamento da república e convívio dos moradores. A ideia geral é oferecer ao estudante morador um ambiente de sociabilidade e estudos com boas condições de moradia. Há também a atribuição para que a república seja lugar de desenvolvimento da formação humanística do estudante, na qual o dever e responsabilidade com o patrimônio seja incentivado pelo espírito de solidariedade e cidadania. Visa-se então o cumprimento de deveres e a compreensão dos deveres para que ocorra um vínculo comunitário (RESOLUÇÃO CUNI, UFOP, 2006). Nos capítulos seguintes, dispõe-se as atribuições das residências estudantis segundo a ética de responsabilidade dos moradores e as sanções nas esferas administrativa, penal e civil advindas pelos atos praticados no uso interno da casa.

Por isso em cada república há um morador responsável por representá-la oficialmente. Surge então a figura do “Decano”. Membro com maior tempo de residência e responsável pela administração da casa e que assegura os deveres aos novos moradores. Para isso, indica-se no Artigo 5º do Estatuto que *“cada Residência Estudantil deverá ter seu próprio Regimento Interno, que estará subordinado a este Estatuto, bem como ao Estatuto e ao Regimento Interno da Universidade Federal de Ouro Preto”* (RESOLUÇÃO CUNI, UFOP, 2006). Neste sentido, a UFOP elaborou junto à Associação dos Moradores das Repúblicas Federais os critérios de preenchimento de vagas, não admitindo a existência de vagas ociosas. Este critério democratiza o acesso às casas, o que impossibilita a exclusão de pessoas por atos individuais dos moradores.

Dentre os direitos dos moradores é permitido o uso das instalações conforme as necessidades diárias e a adoção de procedimentos de auto-gestão de cada residência. Assim sendo, o uso e a apropriação dos espaços para alojamento de terceiros não é vedada para visitas de familiares, colegas e eventuais convidados. No entanto não é permitido o alojamento para fins lucrativos como o aluguel de quartos para visitantes. Entre os deveres, a administração e a conservação do patrimônio estabelece-se em primeiro plano. Entre outros deveres deve-se manter respeito mútuo entre os pares envolvidos no uso das casas e o cumprimento com as normas de conservação do imóvel. Chamou-nos a atenção um item que resvala diretamente nas tradições das repúblicas, o qual refere-se aos trotes acadêmicos e tem em vista coibir qualquer tipo de ato que constranja os moradores ou que venha a ferir os princípios de dignidade humana.

Por fim, as repúblicas particulares também se amparam em regime legal pelo Estatuto da Associação das Repúblicas Particulares Autônomas de Ouro Preto³⁰. L. Sayegh aponta que no final da década de 60, começam a proliferar as repúblicas particulares em Ouro Preto, reflexo do aumento de vagas na instituição. “*As repúblicas particulares também têm seus nomes e tradições próprias, a grande diferença entre essas e as repúblicas federais é o pagamento do aluguel, rateado pelos moradores*” (2009, p. 118). Deste feito, as mais de 300 repúblicas de caráter particular, localizadas no Centro Histórico e no Bairro Bauxita, têm experimentado um grande desafio para sua manutenção. A especulação imobiliária de Ouro Preto converge para a exaustão da patrimonialização do acervo socio-histórico e do turismo – o que tem dificultado a continuidade de muitas repúblicas não amparadas pela Universidade.

Devido à grande quantidade de residências têm ocorrido muitos conflitos entre estudantes e a população da cidade. Além disso, as leis de preservação patrimonial estabelecem códigos de conduta que vêm sendo discutidos amplamente com os repúblicos e pela Prefeitura do município. Estas questões e outras serão abordadas nos capítulos seguintes, nos quais discutiremos como as tradições dos repúblicos têm elaborado os espaços da “cidade universitária” através de práticas que nem sempre convergem com a identidade atribuída à cidade de Ouro Preto.

³⁰ Cf. <http://www.republicanotredame.com/estatuto.pdf>, Acesso em 20 de Julho de 2010.

4. INSCRIÇÃO DAS TRADIÇÕES ESTUDANTIS DE OURO PRETO

A cultura oscila mais essencialmente entre duas formas, das quais uma sempre faz com que se esqueça da outra. De um lado, ela é aquilo que “permanece”; do outro, aquilo que se inventa (CERTEAU, 1995, p. 239)

Vive-se em uma república compartilhando modos de habitar um determinado espaço físico, por vezes restrito de equipamentos e espaços próprios, assim como modos de vida mais ou menos convergentes. Será que as limitações físicas são empecilhos para a boa convivência e o desenvolvimento da sociabilidade cotidiana? Como os jovens estudantes de diferentes lugares, culturas e valores sociabilizam-se em um dado espaço? O que permeia a adaptação de uma pessoa na república é como seu estilo de vida, valores, fazeres, interesses e linguagens torna-se presente entre os demais membros da casa. Além disso, cada república possui regras específicas que atingem principalmente o calouro, o qual tem que se adaptar para que continue vivendo na casa. Nesse processo de mudança há diversos aspectos favoráveis e desfavoráveis de se viver em uma república. Ademais, para quem foca o estudo como principal perspectiva dessa mudança pode se deparar com uma convivência dinâmica entre rotina, estudos e festas.

Grande parte da literatura que conseguimos sobre repúblicas no Brasil enfatiza que viver longe da família, do comprometimento mútuo com os pais, por mais conflitivo que seja, estabelece uma demarcação espaço-temporal na vida dos jovens que arriscam sair de casa para conviverem com outros até então desconhecidos. Alguns valores nucleares tornar-se-ão dissonantes para os jovens que migram de outro Estado ou cidade. Entretanto, o contato diário, do estranho ao familiar, com outros jovens em um mesmo espaço descerra as fronteiras do que pode ser considerada uma família ou não. Não substitui o núcleo familiar, mas hibridiza a noção de família através dos multipertencimentos dos grupos característicos (VELHO, 2006), visto que o período de pelo menos quatro anos já estabelece uma ponte para a o entendimento de novos valores.

As diferenças socioculturais dos jovens com a família são sempre demarcadas ao longo do período de convivência com os amigos do bairro, condomínio e colégios/universidades, assim como pelos meios de comunicação: internet, televisão, rádio, revistas etc. Os novos valores disseminados pelo “outro” adentram a casa, levando o público ao privado, consistindo nas primeiras dissonâncias de valores, linguagens e estilos de vida. Da mesma forma, viver em república corresponde a situações próximas, pois nunca se sabe quem é ou como vivem os demais jovens que habitam a casa. Por isso são criados, para o

entendimento do lugar, as regras e regimentos internos subordinados ao Estatuto e Regimento interno da Universidade Federal de Ouro Preto (RESOLUÇÃO CUNI, UFOP, 2006). É como se essa demarcação estabelecesse o ponto de partida para a interação dos membros da casa.

4.1 A cidade das repúblicas e as práticas rituais

A cultura universitária ouro-pretana existe desde a fundação da Escola de Minas de Ouro Preto, em 12 de outubro de 1876. Com a fundação da Universidade Federal de Ouro Preto em 1969 foram integradas as Escolas de Farmácia e de Minas e nos anos posteriores foram criados outros núcleos como o Instituto de Ciências Exatas e Biológicas (ICEB/1982), a Escola de Nutrição (ENUT/1978), o Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC) e o Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS/1979), sendo este último criado na cidade de Mariana. A partir dos anos 1940, com a fundação da Casa do Estudante de Ouro Preto (1964) e mais tarde com a fundação da Casa do Estudante da Escola de Minas (1953), ocorreu a construção de casas para estudantes e a compra de antigas casas que abrigaram várias repúblicas, a exemplo da Canaan, Sparta, Pureza, Reino do Baco e Formigueiro. A UFOP assume a responsabilidade pelas casas somente em 1975, visto que os repúblicos tiveram dificuldades na manutenção (MACHADO, 2003).

No entanto, a consolidação das repúblicas através da compra ocorreu após um movimento organizado pelos estudantes em 1968, que reivindicaram casas para moradia. A especulação imobiliária da cidade tornou-se, por um lado, um empecilho para a continuidade das repúblicas; por outro, motivou a manifestação que ocorreu com um acampamento na Praça Tiradentes sob a liderança do Diretório Acadêmico da Escola de Minas e a ocupação de algumas casas no centro histórico. Como consequência dos protestos, a Escola de Minas, com o apoio financeiro do Ministério da Educação, optou por comprar diversas casas para abrigar as repúblicas, tornando-as patrimônio da Escola (MACHADO, 2007).

Já a partir da década de 70, com o crescimento da UFOP, aos poucos o fluxo de estudantes foi aumentado e no entretanto de sua consolidação a presença maciça dos jovens no espaço público imprimiu novas formas de sociabilidade, práticas sociais e hábitos que construíram tradições e modos de vida diferenciados. Ouro Preto passa a ser não somente a “cidade das repúblicas”, mas uma “cidade universitária” em que se enunciam formas diferenciadas de culturas urbanas, marcadas pela instalação das repúblicas estudantis que se caracterizam pela forte inscrição sociossimbólica na paisagem cultural da cidade. A vida

urbana cotidiana e a cultura universitária inscreveram um vasto conjunto de relações sociais e espaços identitários, demarcando “lugares” na cidade.

Diversos espaços da cidade, como a Praça Tiradentes, o Cine Vila Rica, a Rua I. Bretas (Rua da Escadinha), o Centro Acadêmico da Escola de Minas (CAEM), assim como as próprias repúblicas, podem ser qualificados como espaços híbridos ou fragmentários, ao enunciarem usos que os transformam em *locus* de sociabilidades públicas. No entanto, a apropriação e o uso dos espaços e as práticas sociais que neles se estabelecem são motivos de conflitos tanto institucionais quanto sociais. Como veremos, os usos cotidianos dos estudantes são questionados à medida que a noção preservacionista do patrimônio material parece ameaçada. Ainda assim, devemos questionar por quais razões não são as próprias repúblicas parte desse vasto acervo cultural ouro-pretano.

Viver em repúblicas não se traduz em uma escolha aleatória. Neste caso, sair de casa e do município de origem para ingressar nas universidades de outras cidades torna-se um desafio pessoal e coletivo para os jovens estudantes. A coabitação e o convívio com pessoas desconhecidas, desiguais e diferentes, faz da república um lugar em que compartilhar a identidade e os estilos de vida torna-se um aspecto necessário para que um morador permaneça na casa até o fim do curso. Além disso, compartilham-se as experiências comuns não somente no espaço da casa, mas na própria inserção dos estudantes na cidade.

Os jovens possuem então um quarto próprio, mas que agrega diferentes significados do quarto na esfera familiar. Ter um quarto próprio não significa exatamente que desde o primeiro dia cada estudante terá seu lugar próprio. A cultura do quarto próprio enunciou-se desde as gerações dos anos 60 em diante quando o quarto foi reivindicado primeiramente pelas jovens como espaços de sociabilidades e de exercício da intimidade femininas, pois é comum na cultura juvenil feminina não haver disjunções na intimidade do corpo ao trocar de roupa ou ir ao banheiro, além da troca de artefatos e signos culturais (os diários, os cosméticos, roupas etc). Como é sabido, as mulheres (mãe, filhas, amigas) costumam estar mais à vontade e próximas entre elas. Já os homens reivindicaram os equipamentos públicos como praças e quadras de esportes, *pubs*, cafés etc, ganhando as ruas mais cedo. Contudo, os jovens em geral apropriaram-se dos quartos para formar associações e desenvolverem atividades práticas como ouvir e tocar músicas, ver filmes etc.

A questão que se levanta é outra. Enquanto que geralmente os jovens-adolescentes buscam maior liberdade, fogem da vigilância dos pais ou vivem nos seus próprios quartos, transformando-os muitas vezes em um lugar íntimo, fechado; também abstém-se de algumas responsabilidades da casa e procuram construir suas identidades ao lado dos amigos

percorrendo os lugares distantes do bairro; os jovens repúblicos de Ouro Preto, embora estejam distantes da família, deparam-se com a responsabilidade de cuidar da casa e com o aprendizado de tarefas domésticas, mesmo que tenham uma “cumadre” para fazer o almoço e limpeza diária.

Não é possível afirmar que um repúblico tenha a casa inteira só para ele. A república é também lugar de convivência e divisão de bens e espaços. As repúblicas diferem-se dos pensionatos e de muitos tipos de moradia em que as pessoas dividem um apartamento, mas não compartilham bens, tais como comidas e produtos diários. O chamado “sistema das repúblicas” compreende por um lado, regras, princípios e tradições que orientam os moradores sobre que pode ou não ser feito na república: são responsabilidades para com a casa (saber trocar uma lâmpada, consertar uma torneira etc.) e com os outros (o bem-estar de cada um). Além da divisão de tarefas há a divisão das hierarquias da casa que começa pelo membro mais velho (o Decano) até os recém-chegados (semi-bixo e bixo), preza-se o respeito mútuo e confiança entre os membros. Este “sistema” é válido para qualquer república masculina, mista ou feminina. Neste caso as ações e comportamentos individuais são de alguma forma observados, críveis de um controle interno. Por outro, os moradores dispõem de liberdade individual, do respeito com o modo de vida e a cultura de cada morador, mas sobretudo, da sociabilidade cotidiana.

As repúblicas são um tipo de moradia regulada e administrada pelos próprios estudantes e que são, no caso de Ouro Preto, ou públicas (federais) de propriedade da universidade ou particulares alugadas pelos estudantes. Ao todo são 444 repúblicas, das quais 66 são federais (58 em Ouro Preto e 08 em Mariana) e 378 particulares (329 em Ouro Preto e 49 em Mariana), sendo grande parte delas constituídas de tradições. São ainda divididas entre masculinas, mistas e femininas (Anexo 01). (É preciso ressaltar que em Ouro Preto, ao contrário de Mariana, possui somente uma república federal de caráter misto. As informações levantadas durante a pesquisa de campo sugerem que este fato advém da descontinuidade das repúblicas mistas ao longo dos anos. Não há informação institucional para este tipo específico de sociabilidade). A UFOP oferece aos estudantes duas possibilidades de moradia, que são de propriedade da Instituição, sendo elas (MORADIAS ESTUDANTIS, UFOP):

1. Alojamento: possui 64 quartos individuais e fica localizado no Centro de Convergência, campus Morro do Cruzeiro. A seleção é feita por meio de uma avaliação socioeconômica e de uma entrevista com a equipe da Prace (Pró-Reitoria de

Assuntos Comunitários e Estudantis). O ingresso acontece a partir da disponibilidade de vagas.

2. Repúblicas Federais: são os imóveis que a Universidade cede aos alunos para a moradia estudantil. Em Ouro Preto são 58 repúblicas. Elas se localizam no entorno do campus Morro do Cruzeiro e espalhadas pelo centro histórico de Ouro Preto. Às moradias é assegurada a autogestão, em que cada casa tem seu regimento interno. Assim sendo, cada moradia tem um critério de seleção próprio que dura três meses, e no qual é avaliado o espírito de solidariedade e senso de comunidade.
3. Já em Mariana, são sete casas pertencentes à Instituição que se localizam próximas ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS). A seleção é feita em parceria com a Prace, que seleciona previamente os alunos por critérios socioeconômicos.
4. As Repúblicas Particulares são outra opção de moradia para os alunos em Ouro Preto, Mariana e João Monlevade. São aquelas onde grupos de estudantes se unem e alugam um imóvel particular, dividindo os custos referentes à manutenção da casa. Este valor é muito variado, pois depende do número de moradores. A UFOP colabora com o apoio jurídico, por meio de projeto de extensão do curso de Direito, no que diz respeito ao relacionamento com os locatários.

A distribuição de vagas/curso e os dados referentes à naturalidade do aluno podem ser visualizados no Anexo 02 deste trabalho. Referem-se a dados sobre 1) alunos nascidos em Ouro Preto e outras cidades de Minas Gerais; 2) de outros Estados. No período de matrícula dos calouros, os alunos moradores das repúblicas federais e particulares divulgam as vagas existentes. São montadas tendas no campus localizado no Morro do Cruzeiro, onde os moradores recebem os calouros e divulgam em folhetos as informações sobre a história da república e a estrutura da casa, além de estabelecerem os primeiros contatos com os pretendentes às vagas (ver Imagem 04 e 05). É neste momento que se conhece também o funcionamento das repúblicas: organização e manutenção, custos, batalha por vagas e o processo de escolha etc.

Imagem 04

Venha conhecer a República e bater um papo conosco!

Rua Paraná, nº40 - Centro - Ouro Preto
Tel.: (31) 3551-1379
www.nausemrumo.com.br
e-mail: nausemrumo@hotmail.com

REPÚBLICA
NAU SEM
RUMO

PARABÉNS
CALOURO!

“...em toda saudade
que ficou
Tanto tempo já se
passou e eu não te
esqueci
Quantas vezes eu
pensei em voltar
E dizer que meu amor
por ti, NAU, nada
mudou...”

Imagem 05

Estrutura...
Nosso navio conta com toda estrutura que um estudante precisa. 9 quartos amplos e mobiliados com cama, guarda-roupa e mesa de estudos; 6 banheiros, cozinha completa e sala mobiliada com aparelhos de TV 29", DVD, PS1 e PS2. 3 computadores modernos ligados em rede com Velox auxiliam em pesquisas acadêmicas e facilitam nosso estudo cotidiano, assim como nossa biblioteca que contém livros indicados a todos os cursos. Temos também uma quadra de peteca e um campo de futebol society para momentos de lazer e relaxamento. Nossa ampla área de churrasqueira e boate totalmente equipada, são usadas pelos moradores nos momentos de festas e confraternizações. A República está localizada bem no centro de Ouro Preto, na rua Paraná nº40, próxima à rua Direita, praça Tiradentes, rua São José (onde se encontra todos os bancos de Ouro Preto), às farmácias, padarias, quitandas, locadoras, escolas de idiomas, ao cinema, CAEM (local de festas e eventos universitários), REMOP (restaurante universitário), aos correios, açougues, mercados; e logo em frente a um ponto de táxi e ônibus (que levam para o Campus do Morro do Cruzeiro). Contamos com uma comadre 6 vezes por semana e máquina de lavar roupa.

Os Piratas...
Os atuais moradores da República mantêm suas tradições desde a época de sua fundação, sendo a amizade o fator principal para um convívio saudável, o que torna a República um ambiente tranquilo e familiar. O calouro, para se tornar um Pirata, deve passar por um período de adaptação no qual é principalmente observado seu convívio em conjunto. Calouros de todos os cursos são bem-vindos em nossa embarcação, visto que temos como prioridade formar grandes profissionais em diversas áreas.

Um Pouco da nossa história...
O nome da República vem da década de 50 e deve-se ao vinho usado para sua inauguração. O vinho Nau Sem Rumo era o mais barato encontrado pelos estudantes na época e vinha em garrafas, de vidro ou louça. Ainda hoje existe a fábrica e o vinho Nau Sem Rumo, produzido em Andradás (MG). Como na garrafa deste vinho existe um desenho de uma caravela, esta também passou a ser adotada pela República, e seus moradores se denominam piratas (saqueadores de corações e mercadores de alegrias). O ano oficial de criação da República é 1966. Naquele ano a República estava instalada em uma casa alugada ("Nau Velha"), próximo à Praça Tiradentes. Em 1968 os moradores fizeram uma manifestação, acampando na Praça, até que a diretoria da Escola de Minas por fim cedeu uma de suas casas para a República: o seu atual endereço, Rua Paraná, 40. Todos os anos, no 12 de outubro, data do aniversário da Escola de Minas e da República, é comemorado também o reencontro dos Piratas. É uma festa de confraternização e um verdadeiro encontro de gerações. A Nau Sem Rumo moram, em geral, 15 Piratas.

Venha fazer parte desta tripulação!!!

Cartaz-convite aos calouros ingressantes na UFOP. Fonte: República Nau Sem Rumo

Somente após o ingresso do calouro na república é que os estilos de vida do novato e dos demais moradores se publicizam de maneira que possam compartilhar da liberdade de escolha e permanência na república. Forma-se então um espaço-tempo liminar, cria-se uma identidade para ele no momento em que é escolhido como novo morador, que se traduz no “apelido”. Os calouros têm em média 6 meses (1 período letivo) para adaptar-se à república e deve compreender sobretudo os aspectos mais importantes da casa: organizar, respeitar e aprender para dar continuidade à república quando passar a ser o Decano da casa. Este primeiro contato abre múltiplas possibilidades para o calouro escolher em qual república tentará “batalhar” para morar. Uma república em Ouro Preto é habitada por um número que vai geralmente de 6 a 15 pessoas, conquanto que seja preenchido corretamente o número de vagas.

O calouro passará então pelo período de adaptação na república, conhecido pelos estudantes como “batalha” de vagas. Neste entretempo ele é chamado por “bixo”, o que constitui uma identidade compartilhada entre os estudantes repúblicos. Sendo um ritual tradicional, a batalha existe e tem sua continuidade devido a objetivos considerados importantes pelos repúblicos, tais como a vivência e o aprendizado do calouro segundo as normas da casa, o amor e zelo pela casa, o companheirismo e cumplicidade com os demais moradores, o entendimento de alguns códigos e situações que são criadas para o pretendente (troles como o “vento”, por exemplo – cf. expressões linguísticas de Ouro Preto, inscritas no Anexo 03 deste trabalho). É considerada uma experiência única, pois é neste período que o calouro deve mostrar maturidade tanto com a vida acadêmica quanto com o convívio entre os repúblicos. O estudante “Barrigada”, morador da República Aquarius, explica que a adaptação dos calouros depende de cada pessoa. Há jovens que já moraram fora para estudar ou trabalhar e há outros que chegam ainda imaturos não só pela idade, mas porque nunca realizaram uma tarefa doméstica ao depender sempre dos pais³¹. Durante o período da batalha é avaliada a “personalidade” do bixo, suas atitudes, iniciativas pessoais, assim como seu comprometimento com os problemas cotidianos da república e dos moradores.

A tradição da “batalha” não é uma prática compartilhada por todos de maneira franca. Este ritual tornou-se polêmico e criou uma imagem conflitiva dos repúblicos, que são acusados de fazer do “bixo” um verdadeiro serviçal, ao tratá-lo de maneira humilhante. Na internet é possível encontrar relatos de ex-repúblicos que acusam os moradores mais velhos da casa de explorar os calouros nas tarefas da casa, na organização das festas, impedindo-os

³¹ Depoimento concedido pelo estudante-morador da República Aquarius, Ronan de Freitas Santos (Barrigada), em 27/04/2010.

de agir por conta própria. Esta polêmica deve-se ao fato de que alguns repúblicos traduziram as hierarquias como uma distinção de poder, de modo que ocorreram abusos e conflitos entre os mais velhos e o recém-chegado, como informa-nos um ex-repúblico:

Já morei em uma república onde o decano queria mandar em todos. Confundi seu papel de líder com o de ditador. Até hoje me surpreendo com um fato: houve uma festa na república e um dos convidados bebeu muito e vomitou na parede da sala. Eu estava cumprindo meu papel de bixo, servindo as cervejas e comidas, abrindo porta, atendendo telefone, coisas que são feitas em várias situações e não só em festa. Mas aí, ao invés dele limpar o vômito, virou-se para mim e disse esbravejando: Limpe! Limpe isso tudo aqui! Eu recusei na hora, pois aí já é abuso. Depois disso “catei” antes do dia da escolha mesmo. Fui morar num pensionato, mas hoje moro em uma república particular formada com alguns amigos³².

Este problema citado refere-se não exatamente a um modelo de hierarquia rígido e legitimado, pois tradicionalmente as hierarquias servem como uma forma de ordenar as responsabilidades. O presidente e o vice-presidente (decanos) coordenam as contas da casa, telefone e as despesas, sendo rotativa a responsabilidade para estas tarefas entre os mais velhos da casa. A principal preocupação com o “bixo” é que ele aprenda sobre os aspectos intrínsecos à manutenção da casa para assumir posteriormente a função de presidente. Precisa-se criar confiança entre os moradores para que o lugar não desmanche devido aos conflitos internos. Assim, os decanos orientam as atividades dos demais membros, não necessariamente impondo as regras. Entretanto, segundo este informante, “*muitas repúblicas novas não compreendem o sistema das repúblicas tradicionais e a distinção hierárquica, aproveitando-se deste período de vulnerabilidade do calouro para mandar, dizer o que fazer*”. Para o filósofo Flávio Tonnetti, ocorre a seguinte situação:

Para um turista que queira ir a Ouro Preto, ficar numa república estudantil é acolhida boa e diversão certa. Organizados, proverão o visitante de cerveja e churrasco. E compartilharão suas vidas e sua casa com quem de lá se aproxime. São, em suma, ótimos anfitriões. No entanto, se o processo é acolhedor para os turistas que vão passar dias numa república, o mesmo não se dá para com os calouros, recém-chegados na cidade. Para o estudante novato, não é simples descolar uma vaga numa república. Para ser acolhido como morador, o candidato, doravante chamado bicho, deverá seguir regras severas para se adequar ao funcionamento da casa dentro da qual está pleiteando uma vaga (TONETTI, 2007)

Tal situação é compartilhada por inúmeros estudantes que não se adequaram ao sistema das repúblicas. Durante nosso incursão na cidade e a pesquisa feita em *blogs* e *sites* na internet obtivemos vários relatos sobre o período de batalha e levantamos inúmeros conflitos entre os estudantes. Alguns alunos preferiram abrir mão de batalhar para não sacrificar os

³² Depoimento concedido por Gustavo Tenório, estudante do curso de direito, em 29/04/2010.

estudos. No entanto, para Tonnetti, esta constatação não chega a ser um problema grave para os calouros, sendo também uma forma de inscrição do novato na vida republicana:

Primeiro terá seu cabelo cortado de maneira típica, um trote tradicional entre estudantes – sendo que neste caso cada república tem um jeito próprio de cortar o cabelo do seu bicho. Depois, terá que mostrar que se adequou às rotinas e normas da casa. Embora possa ser um choque, os novatos logo se acostumarão com seus novos cabelos, que em nada os atrapalhará, já que na cidade todos conhecem o ritual: as moças não deixam de paquerar os rapazes por conta do cabelo esdrúxulo. E o bicho retirará daí seu primeiro aprendizado: mudar seu visual não significa mudar quem você é. A mudança de quem você é virá com as rotinas da casa. O bicho passará seis meses acordando mais cedo, limpando os banheiros e preparando o café para o demais moradores. Estes, por sua vez, avaliarão o comportamento do candidato, tirarão sarros homéricos e transformarão a vida do bicho num período muito, muito, difícil (TONNETTI, 2007)

De outro modo, o estudante “Maldada”, morador da República Nau Sem Rumo, argumenta que a “batalha” é apenas um momento de adaptação e de socialização. O período de adaptação ou “batalha” torna-se importante também na sociabilidade cotidiana e não se configura como uma disputa entre os calouros. Segundo informou, há diversos mitos sobre as repúblicas que generalizam a visão negativa sobre suas tradições. Situações pontuais, que ocorreram em uma ou outra república tendem a ser generalizadas e criam um senso comum acerca do sistema de repúblicas. “Ligador”, morador da República Aquarius, explica que não há sentido em humilhar ou “sacanear” uma pessoa que vai compartilhar um mesmo espaço que os demais por 4 ou 5 anos.

O que pode ser considerado são as punições àqueles calouros relaxados e desinteressados em fazer as tarefas domésticas. O aluno faz uma interessante comparação entre as hierarquias nas repúblicas e nas universidades ou empresas, o que fundamenta a *Praxe Acadêmica* conceituada por Aníbal Frias (2002, 2003). A punição assim como a distinção hierárquica refere-se às obrigações de cada um. Se não cumpriu com o dever de casa haverá outros em dobro, e caso não se adapte o aluno poderá não ser escolhido como morador. “*Se você trabalha numa empresa e não cumpriu alguma coisa, de algum modo o seu chefe vai te punir. Seria mais ou menos nessa linha e para até que nossa formação tanto acadêmica quanto profissional saia melhor*”³³.

É preciso observar que as repúblicas são divididas entre masculinas, mistas e femininas, onde há modos de habitar e usos distintos. Deste modo, também há diferenças entre estes três tipos de repúblicas na sociabilidade cotidiana em diversos aspectos. Os

³³ Depoimento concedido pelo estudante-morador da República Aquarius, Gustavo Dimas Chaves Barbosa (Ligador), em 27/04/2010.

“bixos”, por exemplo, dormem nos quartos coletivos, com duas ou mais pessoas para que os recém-chegados possam compartilhar experiências, hábitos e demandas entre eles. “Ligador” explica que a divisão de quartos ocorre também para que os calouros possam interagir ao passo que vão se integrando na república. O espaço íntimo (privado) torna-se necessário não só nas repúblicas, mas como uma demanda própria dos jovens-adolescentes. Assim, nas repúblicas em geral há a preocupação de evitarem preconceitos contra o novo membro, dado que seu estilo de vida possa diferenciar-se dos demais.

De acordo com “Maldada”, o ritual da batalha de vagas não constitui uma disputa entre os calouros, pois as repúblicas oferecem somente a quantidade de vagas que dispõem. Não podem 3 calouros batalhar por 2 vagas na república. Como também não há exploração, há tarefas específicas e as cobranças são feitas para que os calouros não se abstenham dos afazeres e do zelo pela casa:

A batalha... eu nunca falo esse nome porque soa estranho. Você não tá numa batalha, numa guerra. Na verdade não é isso. É um período de adaptação do calouro. Porque você já tem o calouro que já mora aqui e ele vai tentar passar pra eles como é a convivência em grupo, como é a organização da república. Então se o calouro se adequar a isso e gostar ele vai batalhar pra ficar. Na verdade não é batalhar para ficar. Ele se esforçar, demonstrar interesse, mostrar convivência, mostrar o método de socialização dele principalmente, né. Que ele tá disposto de morar na república, que gostou de conviver³⁴.

Como é retratado neste depoimento, a socialização torna-se o método de inserção do novato na casa. Entretanto, é preciso que ele esteja disposto a inserir-se também, publicizando sua identidade. O estilo de vida de cada um é avaliado pelos demais moradores, observado cotidianamente, não como uma forma de controle, mas para que no dia da escolha estes possam fazer um julgamento contundente. Por isso o quarto coletivo torna-se importante na configuração fragmentária da casa. Este é o lugar do calouro em que seus signos e identidades são reforçados à medida que se reconhecem na sociabilidade cotidiana. Um jovem mais tímido e frágil pode não ter “táticas” para apropriar-se de um lugar (CERTEAU, 1994), deste modo, ele tenciona ficar à margem nas relações que se estabelecem na república. Inscrevendo-se no lugar e socializando-se com os demais calouros ele pode enfrentar as indeterminações de estar na república:

³⁴ Depoimento concedido pelo estudante-morador da República Nau Sem Rumo, Thiago César da Silva (Maldada), em 29/04/2010.

Você não tem como aceitar um calouro, por exemplo, que não gosta de morar com muita gente, que quer ter tudo dele individual, separado como se fosse assim... uma pensão *memo*. Você chega numa casa, vai pro seu quarto, você tem suas coisas ali, fulano tem as coisas dele, então a gente não tem isso. Tem uma geladeira que é da república então a gente faz as compras tudo em conjunto e todos os gastos são divididos pra todo mundo. Então não tem como você ter sempre só suas coisas. O calouro passa por esse período de adaptação pra ver se ele se adapta ao sistema. Se não se adaptar não tem como a gente escolher morar com uma pessoa que não tem a mínima característica de morar em conjunto³⁵.

A vida em república rompe com a ascensão do individualismo. No entanto, isto não significa a queda da individualidade do morador. Cada repúblico tem estilo de vida, cultura, linguagem, educação familiar e posições políticas diferentes, e por isso a república torna-se um espaço híbrido, no qual as interações cotidianas implicam formas distintas de contato entre todos. Os conteúdos culturais e as diferenças são reconhecidas e compartilhadas reflexivamente pelos moradores, desde quando não quebrem as normas pertinentes à república. No caso das repúblicas federais, embora existam normas que regulem os usos e responsabilizem os moradores por qualquer ato considerado ilegal ao bem público, a república tem a característica dos *lugares* urbanos, visto que para além de ser uma casa de estudantes restrita para tal uso, ela é uma demarcação espacial permeada de ações simbólicas e sociabilidades gregárias.

Uma das principais formas de identificação dos calouros ocorre através de dois aspectos primeiros: o uso de placas e os cortes de cabelo³⁶. Estas “placas” são feitas geralmente de papelão e têm por objetivo identificar o calouro de cada república. Consideram-na fundamental para a socialização do novato e para sua livre inserção em cada república. Com esta forma de identificação o calouro tem certa visibilidade, o que descerra, de algum modo, a possibilidade de considerarem aquela pessoa um completo estranho no lugar – não sendo nem turista, nem “nativo”. A prática de cortes de cabelo também tinha este objetivo, embora o calouro não tivesse escolha como seria o corte. Em alguns casos os estudantes escreviam o nome da república ou faziam algum corte que destoasse da estética visual dos novatos.

O uso das placas ocorre desde a fundação da república Castelo dos Nobres. As placas eram pequenas e continham uma breve informação indicando em qual república o calouro morava. Esta prática, embora não seja unânime, permite que o novo morador tenha uma

³⁵ Depoimento concedido pelo estudante-morador da República Nau Sem Rumo, Thiago César da Silva (Maldada), em 26/04/2010.

³⁶ O uso de placas foi proibido pela UFOP há 1 ano. Segundo os depoimentos coletados, o MPF argumenta que o uso de placa é considerado trote, prática proibida em todo o território nacional através da Lei 1023/95, aprovada no ano de 2009.

identidade vinculada à república quando sai às ruas da cidade. Usar a placa, de acordo com os repúblicos entrevistados durante nossa pesquisa, não é uma mera prática para os fins dos trotes ou perturbar o calouro, pois é vista como uma forma de inserção do novato na comunidade republicana. É através dela que o calouro torna-se conhecido entre os repúblicos e assim ele poderá ter a liberdade de transitar em qualquer uma, pois ele não é considerado um estranho. Nas festas que são realizadas nas repúblicas qualquer estudante novato tem acesso, pois conseguem visibilidade na sua rotina de estudos e nas “sociais” que fazem ao longo do período. Vejamos este quadro de entrevista³⁷:

Quadro 01

<p>Entrevistador – Qual a opinião de vocês sobre o uso da placa?</p> <p>Só-Ri – É legal, porque todo mundo sabe que você é bixo, por exemplo, todo mundo sabe que você é bixo da Lumiar!</p> <p>Teka – Por exemplo, tem uma história de um amigo meu que foi lá no centro para sacar dinheiro e ir para aula, mas não tinha nenhum centavo para sacar dinheiro. Aí ele olhou e tinha um bixo com o cabelo feito e ele perguntou “Meu irmão de batalha, você tem R\$ 1,40 para eu subir de ônibus? Depois vou lá para te dar” E o cara deu sem problemas. Porque, tipo assim, acaba que aquela pessoa te identifica. Mesmo que você não conheça a pessoa, você tem a liberdade de chegar. Ou você tá na mesma situação que ele ou você pode fazer isso por mim.</p> <p>Só-Ri – É como você ver um irmão de batalha. Mas agora eu não sei quem é bixo da onde, porque não tem placa. A placa é para te identificar.</p> <p>Teka – Eu andava de placa e o povo chegava tipo assim “nossa caloura, você é bixo da Tim? Que trote hein?”</p> <p>Só-Ri – Aí você tem o seu nome lá identificado, tem lá seu apelido! Aí todo mundo já sabe seu nome, porque, tipo assim, você é novo e as pessoas esquecem seu nome ou seu apelido.</p> <p>Teka – Outra coisa é que se você vai de placa num dia e no outro não, todo mundo pergunta se você “catou”!</p> <p>Entrevistador – O que quer dizer “uma pessoa catou”?</p> <p>Só-Ri – É quando você não é escolhido na república! E quando você é escolhido usa a placa de escolhido as pessoas dizem “nossa, fulana parabéns!”</p>
--

A placa é considerada um meio de socializar o calouro. Considera-se a “carteira de identidade” do repúblico, onde logo é inscrito o apelido do “bixo” e em nome de qual república ele batalha. Além disto, ela é considerada pelos repúblicos como uma indumentária, um artefato que diferencia os estudantes de qualquer outra pessoa – seja ele nativo ou turista. Entretanto, por ser um trote, o uso das placas e os cortes de cabelo são contestados por muitos

³⁷ Depoimentos concedidos pelas estudantes-moradoras da República Lumiar, Ana Paula Costa Aguiar (Só-Ri) e Juliana Almeida Rocha (Teka), em 28/04/2010.

estudantes que não se adaptaram ao sistema e às tradições dos repúblicos, pois são usadas no pescoço e variam de tamanho.

Para o estudante Maldada, a placa não é um trote, nem uma forma de abuso pessoal, mas o Ministério Público Federal e o Ministério Público Estadual de Minas Gerais entenderam que a UFOP deveria coibir por se tratar de um duplo ato de ilegalidade. Primeiro consta que as placas, por serem de uso obrigatório do calouro, feriam sua liberdade de escolher usá-la ou não. Segundo porque provocava uma imagem negativa na cidade, devido aos excessos referentes ao tamanho das placas. No entanto, argumentam os estudantes Ligador e Barrigada que as relações (entre repúblicos e turistas ou com outros estudantes que visitam a cidade) se ampliaram e tornou-se uma forma de ser conhecida cada república e sua história. Os turistas tiram fotos com os estudantes que passeiam com as placas na Praça Tiradentes e costumam não somente conhecer o patrimônio histórico material, mas também o imaterial, o que inclui o modo de vida das repúblicas – embora não seja este reconhecido institucionalmente como parte do patrimônio cultural de Ouro Preto.

Não somente as placas foram proibidas, mas todo tipo de trote que se publicize no espaço público da cidade, a exemplo dos trotes que envolvem situações constrangedoras para os calouros, como andar pelado nas ruas à noite (isto ocorre quando suas roupas são transferidas para outra república) ou quando saem com algum corte de cabelo, roupa semitransparente etc³⁸. O artista plástico Roberto Segabinazzi, gaúcho que transita em diversas cidades turísticas brasileiras para vender seus desenhos, relata sobre alguns trotes que presenciou, já que em Ouro Preto ele se apropria da calçada do Cine Vila Rica, na Rua São José, por onde transitam vários estudantes. Segundo contou, já foram observados calouros fazendo cambalhotas no cruzamento entre as Ruas São José e Conde de Bobadela (Rua Direita).

Para Roberto, a prática da cambalhota não é o trote em si, mas o local, visto que as ruas de Ouro Preto são pavimentadas com pedras, o que causa desconforto até para andar. Outra situação penosa para os bixos deriva do aspecto lúdico da brincadeira e o constrangimento. Roberto conta que uma república fez com que seus três calouros corressem praticamente pelados nas ruas do centro histórico, em período diurno, tendo suas “partes íntimas” cobertas somente por um saco de gelo³⁹. Este trote ficou conhecido na cidade como “bixo pelado” e causou diversas polêmicas, sendo também um dos mais citados pelos nativos

³⁸ Tais situações foram relatadas por diversas pessoas na cidade, incluindo nativos, repúblicos e turistas.

³⁹ Depoimento concedido no Cine Vila Rica, em 29/04/2010.

ouro-pretanos. Estes casos podem ser considerados peripécias ou travessuras de jovens-adolescentes à medida que subvertem não somente o cotidiano, as espacialidades e a identidade designada à cidade por processos políticos que se orientam por uma paisagem social saneada e estilizada visualmente.

Tais situações incentivaram a ação do Movimento Anti-Trote que formou uma carta de princípios com relação ao que ocorria na UFOP. A carta intitulada “Movimento pela Democratização da Moradia Estudantil na Universidade Federal de Ouro Preto” tece uma crítica aos critérios de admissão nas repúblicas de Ouro Preto, considerando que o sistema de autogestão não possui um regulamento bem sucedido, pois não mantém a estrutura física das casas, forçando os alunos a pagarem taxas para se manterem. A admissão dos novos alunos em repúblicas, até meados de 2006, baseava-se em critérios de “tradição”⁴⁰: ritual da “batalha” e solidariedade. Segundo o Movimento Anti-Trote, este critério negligencia a democratização das moradias a partir da perspectiva socioeconômica⁴¹. A principal crítica delibera o fim dos trotes nas repúblicas, considerando que é um ritual de iniciação nas Universidades que degrada a imagem das instituições em todo o país, ao passo que é humilhante para as pessoas que passam por tal ritual. O Movimento lista alguns exemplos:

- 1) O apelido é obrigatório, o ingressante abandona o seu nome próprio;
- 2) Uso da placa: carregar uma placa de papelão, em tempo integral, com o seu apelido e nome da república, durante esse período chamado “batalha”;
- 3) Vento: “bagunçar” os objetos pessoais do novo aluno, deixá-los fora de casa ou escondê-los;
- 4) Varal: amarrar as roupas dos ingressantes nas sacadas, atravessando as ruas, deixando-as ao relento, etc;
- 5) Capote: virar a cama do ingressante enquanto ele dorme;
- 6) Baldada: jogar um balde de água gelada durante o sono;
- 7) Bicho pelado: colocar o novo aluno para correr nu pelas ruas de Ouro Preto;
- 8) Servir as bebidas durante as festas, permanecendo nelas obrigatoriamente.

Ao fim da lista, o Anti-Trote conclui que em Ouro Preto os trotes são ainda diferentes de outras universidades brasileiras, pois depois da árdua “batalha” dos novos alunos, os

⁴⁰ Não obtivemos dados sobre este procedimento.

⁴¹ Atualmente este é o critério adotado pela UFOP, com base na RESOLUÇÃO CUNI Nº 779, Estatuto das Residências Estudantis em Ouro Preto, UFOP, 2006.

moradores mais antigos se reúnem, tendo cada um deles poder de veto e decidem sobre “a escolha” do novo morador.

No trabalho de Rosa Teodoro (2003) há depoimentos de ex-alunos sobre as atuais práticas e rituais das repúblicas. Nos depoimentos contestam-se os modos de fazer dessa tradição, já que a Festa do 12 tornou-se uma festa de rua e as placas eram pequenas, usadas apenas para criar um ambiente universitário em que todos se conhecessem. Como referimos, as tradições são “traduzidas” e apesar de haver continuidades há também uma mistura entre várias práticas que se complementam com inovações culturais em escalas local e global. Tratando-se ainda que os novos modos de vida dos sujeitos não estão fixos em um contexto dado, eles expressam novos usos e formas de enunciação das práticas sociossimbólicas, a exemplo das sociabilidades virtuais. Deste modo, quando várias práticas articulam o espaço-tempo da sociabilidade pública, emergem concomitantemente os conflitos simbólicos e culturais.

Em contrapartida, “Junta”, estudante de Direito e moradora da República Lumiar, defende que o uso da placa (ou até mesmo os trotes em geral) se fizeram destoar do controle da tradição. Isto ocorreu por causa do grande número de repúblicas particulares que surgiram sem considerar os princípios – tão caros aos repúblicos – de solidariedade. Desta forma, coube aos moradores de repúblicas federais, através da Refop, que acatassem a recomendação do Ministério Público para evitar problemas judiciais. Contudo, como refere M. Certeau (1995), as práticas sociais são realizadas à medida que tenham significado para os sujeitos e, desse modo, os trotes são realizados em um lugar de enunciação da cultura juvenil, no qual o jogo da sociabilidade evidencia aspectos lúdicos e dissonantes. Nos “lugares”, as práticas estão longe de serem consensuais, elas derivam de uma possibilidade de entendimento sobre os códigos culturais inscritos no espaço público (LEITE, 2007), e por isso os trotes tornaram-se mais dissonantes, abrindo margens para um conflito entre repúblicas federais e particulares, assim como entre repúblicos e estudantes diversos que não moram em repúblicas constituídas.

Imagem 06



Imagem 07



Estudantes de Repúblicas Particulares praticando uma tradição das Repúblicas Federais.
Fotos do autor, 2009.

Para a estudante “Junta”, os repúblicos adaptaram-se à recomendação do Ministério Público tendo em vista evitar conflitos com a comunidade ouro-pretana. No entanto, ela defende que com esta determinação as repúblicas privaram-se de práticas importantes (que refere a uma cultura compartilhada pela maioria dos jovens que passaram pela experiência de morar em república):

Olha, antes a gente tinha coisas que eram assim... “eu passei, e eu me garanto sem ofender a minha dignidade”. Mas pra muita gente que tá de fora aquilo é sim uma ofensa à dignidade da pessoa humana. Enfim, fere diversos preceitos constitucionais e por causa disso e pra gente tentar harmonizar nossa relação com a comunidade, pra gente tentar entrar num equilíbrio mesmo e incomodar menos, digamos assim. [...] Por exemplo, o uso das placas. A gente usou isso durante a vida inteira em Ouro Preto, todo mundo tinha a sua e hoje não existe mais. Só algumas particulares têm. É aquela coisa que eu tava falando, as particulares surgiram em cima do sistema das federais, e nesse evoluir histórico a gente deixa de usar por um problema a princípio nosso, mas elas continuaram usando. Mas assim, eu não posso responder por eles, eu não tenho nada a declarar em relação a isso. [...] É uma coisa inofensiva isso. A gente quando chega aqui, em Ouro Preto, querendo ou não, as pessoas são muito unidas. E com uma placa, se você chega num lugar, você tem identidade, você não é simplesmente um calouro qualquer que acabou de chegar. Você é fulano, calouro da república tal. Isso é muito importante. No fundo das placas tem assinaturas. As pessoas que te conhecem vão assinando⁴².

Podemos observar que para a estudante a identidade “caloura” deve ser reconhecida e compartilhada de forma que os recém-chegados não fiquem dispersos nos espaços universitários. Neste depoimento corre-se o risco de essencializarmos a identidade do calouro como singular para entendermos a enunciação dos conflitos, da sociabilidade e das práticas culturais dos repúblicos. Pelo contrário, ser “bixo”, calouro, constitui o espaço-tempo liminar do estranho até que ele se torne parte de um “grupo”, mesmo que possa ser efêmera sua passagem ou porque conseguiu ser escolhido após muitos esforços.

No entanto, os conflitos jurídicos relacionados a esta prática não são casos isolados em Ouro Preto. O trote é considerado crime pela Lei 1023 e após as deliberações da UFOP houve mudanças que institucionalizaram esta prática. A batalha que durava um período letivo passou a vigorar por até 3 meses, tendo sua designação mudada para “período de adaptação”, com vistas a proteger o calouro das dificuldades de integrar-se à república que pretende morar. Ao invés de “batalhar”, ele precisa adaptar-se e reconhecer primeiramente a importância de viver em conjunto e preservar o patrimônio público, fazendo as tarefas de casa, as quais são descritas no regimento interno de cada república e nas disposições do Estatuto das Repúblicas Estudantis da UFOP.

⁴² Depoimento concedido pela estudante-moradora da República Lumiar e diretora jurídica da Refop, Juliana Rodrigues Martins (Junta), em 28/04/2010.

A partir destas informações podemos inferir que as tradições acadêmicas de Ouro Preto descerram qualquer polarização entre o que seja moderno e tradicional na sociedade contemporânea – elas enunciam *transições identitárias*. Se considerarmos que os mundos juvenis elaboram sociabilidades a partir de contextos inovadores, em que as culturas de gerações passadas tendem a oscilar para formas de essencialização da identidade adulta, como poderíamos então conceber que os modos de habitar uma casa apropriada por jovens descentrados perpassa a ideia de tradição?

Logo que iniciamos nossa análise referimos que as tradições pressupõem a continuidade de estruturas sociais baseadas em crenças, memória e práticas coletivas vinculadas ao passado. As tradições expõem-se à integridade de valores que persistem mesmo em contextos de grandes mudanças socioculturais. No entanto, ao referirmos, como indica o título deste trabalho, à noção de identidade – qual seja sempre supõe elementos tradicionais – estamos investindo na noção de hibridação, que recorre, por exemplo, à realocização estética do passado e à tradução de práticas sociais. Ao afirmarmos a noção de descentramento, queremos dizer que a “cidade dos estudantes” de Ouro Preto não só detém práticas socioespaciais próprias, como também fragmentadas no contexto relacional da cidade. Grande parte dos estudantes desloca-se de outras cidades mineiras e estados brasileiros para estudar nesta cidade, o que confere uma multipolarização de socioespacialidades, conformando lugares diferenciados (LEITE, 2007).

Devido às demarcações espaços-temporais, os conflitos entre os jovens tornam-se mais evidentes. Muitas práticas foram traduzidas de forma conflitiva, a exemplo da noção de solidariedade, que se confunde com a noção plena de hierarquia nas repúblicas. A tradição da “batalha” e os trotes (que inclui o uso de placas e responsabilidades especiais) é vista por muitos estudantes como imposição, exploração e humilhação. Enquanto que para outros é uma forma de ordenamento e aprendizagem. Por não ser uma prática compartilhada por todos este ritual tornou-se conflitivo para a imagem e para as narrativas sobre as repúblicas. De outro modo, muitos informantes argumentaram em entrevistas que graças às tradições acadêmicas e a maneira como elas estão inscritas no cotidiano dos estudantes é que as repúblicas continuam a existir.

O capítulo seguinte versa sobre os conceitos de culturas e identidades juvenis que serão empregados para tratar dos jovens repúblicos de Ouro Preto. As noções apresentadas fundamentará o capítulo empírico, tendo em vista que a proposta é articular a temática contemporânea das identidades e sociabilidades jovens ao tema que justifica o interesse deste trabalho.

5. CULTURAS E IDENTIDADES JUVENIS

“Somos jovens! E jovem incomoda”.
(Junta, Estudante da República Lumiar)

5.1. A categorização das culturas juvenis

O trabalho de Pierre Bourdieu (2003), intitulado “*A juventude é só uma palavra*”, traz-nos uma importante discussão acerca da concepção de juventude. Sua contribuição destaca-se pela proposta de definir a categoria *juventude* não como uma unidade socialmente construída, mas como uma categoria que apreende distintas posições de classe e representa um espaço de possibilidades intermediárias. Para o autor, as representações correntes feitas às divisões entre jovens e adultos concede uma relação de conflito quanto às aspirações das sucessivas gerações. Esta sucessão geracional, de pais e filhos, ocorre em épocas diferentes e está constituída em “*estados diferentes da estrutura da distribuição de bens e de oportunidades de acesso aos diferentes bens: o que para os pais era um privilégio fora do comum [...] tornou-se estatisticamente banal*” (BOURDIEU, 2003, p.159). Neste sentido, por que os jovens “incomodam” os valores sancionados pela sociedade? Quais as razões para que as ações práticas dos jovens sejam consideradas subversivas?

Bourdieu parte da crítica de que a conquista de uma geração é dada como a estrutura de um sistema socialmente construído às novas gerações. Em cada campo há “leis específicas de envelhecimento” para permitir a inserção dos jovens na produção literária, artística, na moda etc. Por isso ocorrem discriminações “antijovens” por parte das gerações mais velhas, principalmente as mais tradicionais, quanto às práticas, ou como o autor chama, às aspirações dos mais jovens⁴³. Desse modo, classificar a idade é uma forma de ordenar o lugar de cada um e onde cada qual deve se manter. A classificação etária se confunde, por exemplo, quando se observa as “diferenças entre as juventudes”, o que torna esta categoria um *objeto de manipulação*. Antes, há relações de diferença entre a idade biológica e a idade social, tratando-se de um duplo recorte – etário (adolescentes) e economicosocial (SPOSITO e CARRANO, 2003).

⁴³ Sobre estas práticas ou aspirações, Bourdieu fala que as gerações mais tradicionais são também “anti-artistas, anti-intelectuais, anti-contestação, são contra tudo aquilo que muda, tudo aquilo que se move, etc., justamente porque eles deixaram o futuro para trás, enquanto os jovens se definem como tendo o futuro, como definindo o futuro” (2003, p.160).

O que se entende por idade social está relacionado às posições sociais dos jovens, ao acúmulo de capital e às relações de poder em um determinado campo: condições sociais, origens de vida, mercado de trabalho etc. A idade biológica torna-se antes uma demarcação do espaço, resultante da manipulação das estruturas sociais, remetendo à posição que o jovem ocupa em termos etários. Deste modo, Bourdieu avança ao criticar estas concepções: “*é por meio de um formidável abuso de linguagem que se subsume no mesmo conceito universos sociais que praticamente nada têm em comum*” (2003, p. 153). Esta afirmação, defende o autor, deve-se à confusão feita quando se opõem diferentes classes sociais, mas tomadas como uma realidade unitária: a juventude, uma palavra. Deve-se então conceber a juventude como um espaço de possibilidades intermediárias, isto é, como a descoberta de um *status* temporário: “meio-criança, meio-adulto”; “nem criança, nem adulto” (BOURDIEU, 2003, p.154).

Bourdieu traz-nos importantes reflexões para o entendimento sobre a juventude, para a qual, em sua análise, o autor utiliza critérios de distinção entre jovens burgueses e operários. Tal análise tenciona demonstrar as diferenças de classe e o posicionamento dos jovens quanto ao sistema educacional. Os jovens burgueses, na visão do autor, têm maior mobilidade social, já que costumam aspirar às profissões de maior *status*, de maior capital econômico e cultural, enquanto que os jovens de origem humilde geralmente aspiram antes a entrar na vida adulta, seguindo as profissões que cabem aos pais, senão, estando incluídos no sistema educacional, tornam-se apenas detentores de títulos de menor valor social.

A questão que se levanta na análise deste autor é que os “agentes” estão posicionados na estrutura de um campo e convivem com a distribuição desigual deste campo. Considerando tal posicionamento, cada agente possui recursos distintos de capital (financeiro, cultural, tecnológico, simbólico etc.) e depende deles para agir, levando em conta os limites pela estrutura do campo. Mesmo que Bourdieu destaque a dimensão simbólica da mudança nas relações, nas estruturas e nas trajetórias pessoais, dos gostos e dos estilos de vida, a noção de *habitus* permite pouca flexibilidade (mobilidade) para entendermos a questão da fragmentação social, política, cultural e econômica da contemporaneidade, devido às relações de poder e à distribuição desigual dos bens.

Assim destacamos a discussão levantada por Featherstone (1995) sobre a noção de “*estilo de vida*”, fazendo avançar a análise de Bourdieu quanto às noções de *gosto* e *habitus*, pois aquela noção permite maior flexibilidade para entendermos a fragmentação cultural e econômica da contemporaneidade. Para este autor a noção de “estilo de vida” designa não mais as afinidades dos grupos de *status* específicos, como apreendeu Max Weber em sua

análise sobre os grupos sociais na modernidade – o que fez também Pierre Bourdieu –, mas as diferenças dos grupos e suas diversas afinidades. Estas mudanças empreendem à esfera cultural um valor simbólico descentralizado das distinções entre estética e estilo (de vida) ou entre cultura popular e alta-cultura, o que faz com que alguns bens e equipamentos culturais sejam, de algum modo, recentralizados sob inúmeras perspectivas e apropriações. A cultura ganha, assim, certa autonomização com os processos de produção cultural ao reproduzir um amplo repertório de imagens e signos que constituem a vida social.

Esta expressão compreende a individualidade dos grupos e uma forma de autoexpressão, como também uma consciência de si estilizada, o que leva aos indivíduos buscarem usos, práticas e formas de consumos distintos, manifestados no interesse e nas escolhas. “*A implicação é que estamos rumando para uma sociedade sem grupos de status fixos, na qual a adoção de estilos de vida fixos por grupos específicos (manifestados na escolha das roupas, atividades de lazer, bens de consumo, disposições corporais) está sendo ultrapassada*” (FEATHERSTONE, 1995, p.119-120). Com a globalização da cultura, a repercussão de bens simbólicos deslocados de seu contexto original ganha novo significado no âmbito do consumo. Estas notas são importantes para compreendermos a manifestação das identidades juvenis na contemporaneidade, tanto na esfera do consumo como no âmbito das práticas culturais e nos usos e apropriações dos espaços.

Neste sentido, segundo José Machado Pais (2003), os jovens articulam em suas práticas cotidianas as formas sociais, culturais, econômicas, familiares e individuais nos seus diferentes modos de vida. Os usos que os jovens fazem dos espaços e do tempo constituem um domínio de afirmação das identidades, das linguagens e estilos de vida, tanto em nível simbólico e discursivo quanto em nível prático. Deste modo, a sociabilidade juvenil se traduz em diferentes formas de consumo do tempo e na apropriação dos espaços urbanos, o que possibilita o “*desenvolvimento de tensões e conflitos, latentes ou abertos, entre éticas estruturais tradicionais e novos horizontes sociais de realização individual*” (PAIS, 2003, p. 14). As culturas juvenis constituem grupos de *status* que afirmam um estilo de vida eivado de diferenças intra e intergeracionais. Os jovens tencionam relativizar suas posições sociais, vivendo uma “vida de inconstâncias”, seja no trabalho, na família, nos estudos ou mesmo nas relações amorosas e afetivas, provocadas pelas determinações estruturais do cotidiano (PAIS, 2003, 2006).

Diante de tal perspectiva, o autor aponta para a necessidade de situar distintamente o problema sociológico sobre a juventude dos “problemas sociais” referentes aos grupos jovens. Duas tendências da Sociologia da Juventude “englobaram” problemas sociais pertinentes à

cultura juvenil como um todo. Segundo Pais, por um lado, a corrente *geracional* concebeu a juventude “*como um conjunto social em que os indivíduos são pertencentes a uma dada ‘fase de vida’, prevalecendo a busca de uniformidade e homogeneidade*” (PAIS, 2003, p. 29). Por outro lado, a corrente *classista* considerou a juventude como “*um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis em função de diferentes pertencas de classe, situações economicas, parcelas de poder, interesses, oportunidades ocupacionais*” (PAIS, 2003, p. 29).

Na primeira corrente, a juventude é definida em termos etários, contrapondo-se à geração adulta através da inovação de valores, práticas e códigos culturais dominantes. Na segunda, entende-se, em termos de classes sociais ou culturas de classe, as diversas situações que constituem os grupos juvenis e como estes se diferenciam. No entanto, admite-se *não* à existência de culturas juvenis tomadas no sentido de diferença entre identidades culturais, mas através de diferentes subculturas juvenis, “*como produto de relações antagônicas de classe. Daí surgiram os estudos sobre as ‘culturas de resistência’, isto é, culturas negociadas no quadro de um contexto cultural determinado por relações de classe*” (PAIS, 2003, p.61). Segundo Wivian Weller (2006) o conceito de *subcultura* foi bastante difundido pela Escola de Chicago e pela CCCS de Birmingham, sobretudo quando empregado em relação a grupos juvenis.

Carles Feixa (2006) demonstra que ambas as correntes enfatizaram tais concepções desde os anos de 1960, obscurecendo a escala das mudanças na esfera cultural. Na década de ‘60, no momento anterior ao Maio de 1968, iniciou-se uma crescente necessidade dos jovens com vistas à conquista de um espaço próprio que não estivesse compartilhado com os pais, transformando, historicamente, o fato de que os jovens se caracterizavam por não possuírem espaços privados. É neste ponto da discussão que nos parece necessário revelar que “*a reivindicação por um quarto próprio passou a ser o símbolo de um sujeito social emergente: a juventude*” (FEIXA, 2006, p. 97), a partir da qual os jovens passaram a reivindicar espaços para desenvolverem sociabilidades autônomas, longe da vigilância e controle dos pais, embora ainda circunscritas à casa, isto é, reivindicava-se um quarto próprio, individual, onde se pudesse formar associações juvenis ou um lugar para o convívio com os amigos, para exercício da intimidade, da troca de signos culturais (*posters* de ídolos, escutar músicas e fazer festas nos fins de semana – quando da ausência dos pais, é evidente).

Então, na década de ‘70, iniciaram-se nos Estados Unidos e Europa – com reflexo em vários países do mundo – os movimentos da contracultura, do feminismo e os movimentos populares urbanos. O *rock’n’roll* e a geração *hippie* protagonizaram reivindicações por

demandas de equipamentos de consumo coletivo e maior qualidade de vida nas cidades. Ao mesmo tempo em que enunciaram concepções particulares de inserção dos jovens nos espaços urbanos, reivindicavam o espaço próprio, o qual se define através de uma nova concepção, articulando o público e o privado:

Nos anos 70, com o reflexo posterior a Maio de 1968, a reivindicação por um quarto próprio perde espaço para a luta por uma privacidade alternativa: **apartamentos de estudantes, mansardas e comunidades, habitadas por jovens de ambos os sexos se convertem na nova utopia**. A norma passa a ser: sair da casa dos pais para construir uma nova privacidade comunitária, na qual o quarto próprio deixa de ter uma importância tão grande (FEIXA, 2006, p. 99, grifo nosso)

Mas foi a partir dos anos '80 que as culturas juvenis passaram a produzir novas formas de identificação com o espaço público e de “*novas imagens da conflitividade social na cidade*” (SPOSITO, 1993, p. 162), a exemplo dos movimentos de filhos de trabalhadores que questionaram a exclusão “da juventude” no mercado de trabalho. Há, assim, a presença dos jovens – nos EUA, a chamada geração *yuppie* – de ambos os sexos no espaço urbano das grandes cidades, ganhando as ruas, os bares, os cafés etc., ao passo que também assistiam as inovações tecnológicas de bens de consumo. Isto é o contrário do que ocorria nos anos 60, quando particularmente os jovens do sexo masculino tinham acesso aos espaços urbanos e, segundo C. Feixa, como parte de um mercado do ócio; “*logo, a sociabilidade no quarto é deslocada e ampliada da juventude para a fase de “pré-adolescência” e da última infância, que passa a desenvolver a obsessão por um espaço autônomo*” (FEIXA, 2006, p. 99).

A geração *zapping* dos anos 90 em diante, ficou conhecida também como a geração MTV, McDonald's e *shopping center*. Os modos de vida transformaram-se drasticamente diante da massificação da indústria cultural e das tecnologias de informação e comunicação. Os jovens passaram a conviver com novos hábitos e modos de viver a cidade, ao conviver entre os espaços urbanos e os ciberespaços. Daí os novos léxicos empregados para descrever as culturas juvenis como *clubcultures*, neotribos, estilos de vida, pós-subculturas, *networking*, ciberculturas (NILAN & FEIXA, 2006). De acordo com Canclini (2007), as práticas culturais dos jovens contemporâneos decorrem também do uso da televisão em cores, do vídeo, do controle remoto, e – para uma minoria – do computador pessoal e da internet. Se antes se questionavam como as gerações entre as décadas de 1970 e 80 lidariam com a TV, hoje assistimos a uma intensa proliferação e espetacularização das imagens, videoclipes, corpos e artefatos culturais.

Entre as décadas de 1960 e 1980, muitas iniciativas, como afirma Weller (2006), foram consideradas como consequências não da inovação dos estilos de vida juvenis, mas como *subculturas*, que compreende as culturas juvenis como culturas alternativas. Esta concepção generalizou-se aos diversos e diferentes grupos de jovens, associando suas práticas cotidianas como formas de resistência às normas e valores tradicionais da sociedade. Por isso o termo passou a ter associações depreciativas, em que acaba por englobar as culturas juvenis como segmentos específicos e alvos de políticas de controle social. Segundo esta autora

O termo subcultura sugere a existência de uma cultura superior, que, atualmente, deixa de fazer sentido em face da pluralidade de modos ou estilos, que não são mais específicos de uma dada cultura, uma vez que se manifestam em distintas localidades e em distintos continentes [...]. “Cultura juvenil” ou “culturas juvenis” seria o conceito mais indicado porque amplia a possibilidade de compreensão das distintas manifestações dos jovens, seus estilos ou modos de vida, que vêm sendo criados e recriados em diferentes localidades e contextos sociais (WELLER, 2006, p.115-116)

Segundo José Machado Pais (2003), embora as duas correntes oferecessem o primeiro passo para a formação de um campo de estudos sobre as culturas juvenis, ao observarem como as identidades jovens se estruturam em torno de instituições (família, educação, trabalho etc), elas limitaram-se a descrever esta categoria de modo sistemático. Fosse a partir da segmentação do curso da vida, ao basear-se na contraposição jovem/adulto, ao valorizar as noções de *continuidade* e *descontinuidade intergeracionais*, no que concerne à inovação dos valores dominantes das gerações mais velhas; fosse a partir das distinções econômicas e ideológicas e das distinções simbólicas entre os jovens quanto à linguagem, vestuário, gênero e etnia, às práticas de consumo etc., definidas em termos de determinações de classes, politizando assim a noção de cultura juvenil (Cf. Pierre Bourdieu, 1983). Em suma, estas abordagens primaram pelo binarismo e sua aparente distinção: unidade/diversidade.

Deste modo, as diferenças e o conflito geracional foi muitas vezes concebido através de um período de “rebeldia” do jovem, muito enfatizado após a emergência dos movimentos sociais a partir da década de 60 e dos novos estilos de vida dos anos 80. Esta noção enfraquece o argumento de que os sujeitos se identificam de maneiras diversas com as esferas simbólicas da vida cotidiana. Atitudes rebeldes podem ser até consideradas como parte das mudanças cognitivas na fase da adolescência e juventude, mas não são elas que “determinam” o “desvio” dos valores familiares. De outro modo, o conflito geracional surpreende quando os pais já vivenciaram momentos de liberdade de fazer e experimentar sensações diversas, ao sair de casa para morar com amigos (constituindo ou não uma república), com o uso de drogas

e bebidas alcoólicas, com o *footing* na cidade, com as viagens e diversas formas de atividades ao longo dessa fase da vida.

A crítica de Weller (2006) sobre estas correntes deve-se também às publicações recorrentes sobre as culturas juvenis. Estes recentes textos compreendem a categoria “juventude” como um todo, não diferenciando, por exemplo, as sociabilidades entre jovens e adolescentes do sexo feminino e masculino (o que gera o problema de que os trabalhos sobre os estilos de vida, estética, estilos musicais e práticas espaciais são em grande parte realizadas através de observações sobre as práticas exclusivas dos sujeitos do sexo masculino). Baseando-se na teoria feminista, a autora, então, propõe demonstrar o que ela chama de *invisibilidade das jovens* nas pesquisas sociológicas e antropológicas em diversos espaços socioculturais como o *hip-hop*. Este foco pretende não polarizar as pesquisas mas incrementá-las com uma perspectiva em que se possa articular ambos os sexos.

Segundo Stuart Hall (2006), o impacto do feminismo, tanto como uma teoria crítica quanto como um movimento social que impulsionou o *descentramento*, levou à ruptura de distinções no âmbito social como o público/privado, dentro/fora. Neste sentido também questionou a identidade e o processo de identificação a que somos subjetivamente atribuídos enquanto homens/mulheres, mães/pais, entre outros pares. Este questionamento contribuiu para a inscrição de novos processos de identificação para as sociabilidades de gênero no próprio cotidiano, para o que teceu fortes críticas às noções liberais e marxistas e dentre os vários aspectos mencionados, a política de identidade tornou-se uma estratégia de globalização das identidades sociais que fortaleceram os movimentos culturais e políticos não só de gênero e sexualidade, mas de minorias, religiões e etnias.

Para aquela teoria as análises e discursos relacionados às questões sobre sexualidade, relações de gênero, maternidade e trabalho são recorrentes, em que poucos são os estudos que abordam as identidades e as práticas culturais das jovens nos espaços públicos. Carles Feixa (2006) refere que a reivindicação do quarto próprio e a criação de associações juvenis foi manifestada primeiramente pelas jovens, visto que a juventude foi geralmente referida como um “*território masculino vinculado à sociabilidade no espaço público*” (FEIXA, 2006, p.96), enquanto que a sociabilidade das mulheres pouco foi estudada, devido em parte à reclusão e ao controle familiar e sexual no espaço privado.

A perspectiva destes autores é de que devemos *desconstruir* as representações sobre a juventude como parte de uma cultura juvenil “unitária” e homogênea. De modo que esta categoria situa-se em um conjunto socialmente definido através do pertencimento a classes sociais ou a uma “fase de vida” portadora de uma essência identitária, de sentimentos e

ideologias comuns em contraposição às gerações adultas. Logo, a segregação, a “delinqüência”, as práticas sexuais, o uso de drogas; e as noções empregadas às culturas juvenis como *subculturas* ou *contraculturas* são representadas como problemas de ordem social, ao criar um senso comum, “um mito ou quase mito” (PAIS, 2003, p. 34), muitas vezes difundido pela mídia e pelas instituições acadêmicas.

5.2. Identidades Urbanas Juvenis

“Juventude” é entendido aqui como um léxico que não se limita a descrever uma “fase de vida”, um intermédio ou contraponto entre a adolescência e a passagem para a vida adulta (PAIS, 1993). Tal léxico é muitas vezes entendido como um conjunto homogêneo, não examinado pelos atributos sociais que diferenciam os jovens uns dos outros. Podemos lançar mão de premissas que permitem múltiplas possibilidades para entender os diversos e diferentes grupos de jovens urbanos ao articularmos a noção de fase de vida à de enunciação das identidades dos sujeitos.

A cultura juvenil é uma expressão da construção social do sujeito no seu curso de vida. Deste modo, devido às indeterminações das identidades, enuncia uma condição de temporalidades e significações dos modos de vida e das práticas cotidianas, assim como exprime narrativas e espacialidades indeterminadas, conformando a passagem para a vida adulta. Margulis e Urresti elucidam sobre como o conceito é social e historicamente construído:

Esa palabra, cargada de evocaciones y significados, que parece autoevidente, puede conducir a laberintos de sentido si no se tiene en cuenta la heterogeneidad social y las diversas modalidades como se presenta la condición de joven. *Juventud* es un concepto esquivo, construcción histórica y social y no mera condición de edad. Cada época y cada sector social postula formas de ser joven. Hay muchos modos de experimentar la juventud, y variadas oportunidades de presentar e representar la persona en las múltiples tribus que emergen en la estallante socialidad urbana (MARGULIS e URRESTI, 2000, p. 11).

Para Weller, devemos explorar “*a condição juvenil como espaço-tempo – no qual estilos de vida são descobertos e experimentados, experiências geracionais são constituídas, identidades são construídas e/ou reconstruídas*” (2006, p. 116). É importante entendermos que a propagação de novos símbolos e signos identitários na vida social tem influência na mudança de significação dos modos de vida adotados pelas pessoas, neste caso, por muitos

jovens urbanos, consumidores-cidadãos. Significa que na passagem para a vida adulta, ao invés de circunscreverem-se em um *locus* identitário fixo, baseado no *status*, nos valores tradicionais e comunitários, nas posições de classe, a cultura juvenil enuncia-se descentrada, através do olhar panorâmico, em escala global, no qual as novas identidades criam diferentes e dissonantes estilos de vida, que possibilitam manifestações de sociabilidades de cunho comunicacional ou conflitivo.

Para Nilan e Feixa (2006), a compreensão das novas gerações como subculturas marginais, gangues ou grupos etários, podem esvaziar os sentidos das práticas juvenis. Além disso, ao restringirmos a noção de juventude aos limites etários, geralmente compreendidos da adolescência até os 20-25 anos, estaríamos correndo o risco de obscurecer as transições que o próprio adulto/jovem adulto vive em sua fase plena. A condição juvenil demarca não só um período, mas uma trajetória indeterminada dos sujeitos⁴⁴. Margulis e Urresti referem que esta temporalidade pode ser considerada “*una condición constituida por la cultura pero que tiene una base material vinculada con la edad. A esto le llamamos facticidad: un modo particular de estar en el mundo, de encontrarse arrojado en su temporalidad, de experimentar distancias y duraciones*” (2000, p. 18) e, embora os espaços da juventude possam ser considerados indeterminados, compreende-se também um modo particular de estar no mundo.

Partimos então da concepção de identidade cultural urbana que propõe António Firmino da Costa, a qual deve ser analisada à luz de seu “*caráter plural e plástico, contextual e interativo, mutável e entrelaçado das identidades culturais, e as profundas ambigüidades de que muitas vezes se revestem nas suas manifestações simbólicas e nas suas dinâmicas relacionais*” (2002, p. 16). Para o autor, as identidades são socialmente construídas nos diversos campos de possibilidades, de múltiplos e contingentes mundos sociais. Tais mundos são concomitantemente criados em contextos globais e locais, desalinham as fronteiras sociais e conflitivas da identidade (criadas pela tendência de homogeneização econômica para uma heterogeneização dos estilos de vida das pessoas) e são, portanto, vivenciados na experiência urbana, pois

As *identidades experimentadas*, ou vividas, têm a ver com as representações cognitivas e os sentimentos de pertença, reportados a coletivos de qualquer espécie (categoriais, institucionais, grupais, territoriais, ou outros), que um conjunto de pessoas partilha, emergentes das suas experiências de vida e situações de existência social (COSTA, 2002, p. 27).

⁴⁴ Para M.P. Sposito e P. Carrano (2003), há diferença entre condição juvenil (modo como é significado este ciclo de vida) e situação juvenil (percursos desta condição juvenil em seus diversos recortes).

De acordo com tal proposta, podemos conceber que a condição juvenil na cidade contemporânea registra, para ainda usarmos as palavras de Costa, “*um conjunto de processos e efeitos identitários*” (2002, p. 23). Expressam-se, portanto, através das práticas de produção artística e cultural na literatura, no cinema, no teatro, na música; como também das novas práticas da cidadania e do ativismo; e das tendências do consumo, da moda, dos artefatos, das marcas corporais etc. Estes processos manifestam-se no espaço público como expressão das culturas urbanas juvenis entre os lugares, articulados à globalização da cultura, da informação, dos signos e imagens.

Conforme Featherstone, as práticas cotidianas dos jovens “sujeitos descentrados”, quando se articulam com a proliferação de novos signos, com a experimentação e a estilização da vida, tendem a descontextualizar a tradição dos espaços da cidade. Estes novos signos se projetam em diferentes formas culturais a fim de “extrair citações do lado imaginário da vida” (FEATHERSTONE, 1995, p.98), de modo que a sociabilidade juvenil enuncia-se de maneira descentrada de um paradigma estético,

rompendo com os padrões tradicionais de regulação social que vinculam estreitamente os estilos de vida às classes, faixas etárias e normatividades [...]. Há algumas evidências de que os estilos de vida juvenis estão migrando para faixas mais altas da escala etária; a geração dos anos 60, à medida que envelhece, leva consigo algumas de suas disposições de orientação juvenil, e os adultos vêm desfrutando maior liberdade para se comportar como crianças e vice-versa (FEATHERSTONE, 1995, p.142).

A situação pós-moderna de fragmentação tenciona romper com os modelos tradicionais de divisão entre jovem/adulto. Esta ruptura apela para a distinção dos estilos de vida para além dos grupos etários e de *status*. Para Nilan e Feixa (2006), não importa exatamente em quais mundos os jovens estão, pois eles não vivem um modelo linear de transição. Mesmo que inseridos nos aspectos tradicionais de transição para a vida adulta, a exemplo da formação educacional, da entrada no mercado de trabalho, da iniciação sexual, da separação da família, do casamento e da formação da própria família, os jovens vivem como jovens plurais, suas identidades são híbridas.

Além disso, independente da posição socioeconômica em que se encontram na sociedade, os jovens disseminam culturas e identidades em âmbito global através da mídia e internet. Entretanto, não abre uma franca possibilidade de aceitação e tolerância às diferenças, visto que criam fronteiras socioespaciais através dos usos que os sujeitos fazem dos lugares.

Neste sentido, importa-nos evidenciar a diferenciação entre as identidades juvenis, de modo que a expressão “estilo de vida” descerra as fronteiras culturais entre as diferentes

identidades no âmbito da cultura de consumo, das novas tendências de mercado e das mudanças nas técnicas de produção. Segundo aqueles autores, “*through the ‘new’ media youth (seemingly regardless of actual age) are central to the global leisure market, not just the ‘marketing focus’ for cultural industry innovations, but the source of their inspiration*” (NILAN e FEIXA, 2006, p. 8). Desta forma, os jovens não são meros receptores dos produtos e imagens lançados no mercado e na mídia. Os usos que fazem dos bens tecnológicos e artefatos culturais modifica a estrutura de produção do mercado que deve se adaptar às novas demandas. A “juventude” tornou-se um mercado promissor no período pós-guerra. A acumulação flexível do capital proporcionou a partir deste período uma grande variedade de bens e serviços que logo foram apropriados pelas camadas sociais de acordo com seus estilos de vida.

Entretanto o que se observa são as reapropriações que os jovens fazem das marcas e grifes de vestuários, artefatos e equipamentos diversos. Se estamos rumando para uma sociedade sem *status* fixo, a busca pela distinção através do corpo, por exemplo, tornou-se algo mais dinâmico visto que não somente as “marcas” dos vestuários publicizam as diferentes identidades, mas também as marcas corporais; o modo de vestir (e não propriamente o que veste) e os adereços (piercings e tatuagens) têm sido um dos principais bens que identificam as culturais juvenis (FERREIRA, 2004).

Outro importante aspecto são os espaços virtuais que transformaram significativamente a sociabilidade juvenil. Para Jesús Martin-Barbero (1997) os usos que os jovens fazem do ciberespaço e a sociabilidade construída na cidade virtual podem ser comparados com os usos noturnos da cidade, já que estão isentos, de algum modo, das “autoridades” institucionais (pais, escolas etc.). A autonomia juvenil nos espaços urbanos noturnos e nos espaços virtuais descerra caminhos para a construção de novas sensibilidades, sociabilidades e universos simbólicos. Para o autor, a visualidade eletrônica tem reestruturado os lugares e produzido novas práticas, saberes e comunicação cotidiana. Por isso torna-se necessário observar os “modos de fazer” da cultura juvenil e como produzem um entremeio de cultura urbana e virtual, de modo a articular seus espaços.

No que concerne às relações de trabalho e atividades práticas, Leila Blass (2006) elucida que as análises sociológicas têm ignorado as escolhas, o exercício profissional e as atividades de jovens na produção artística ou nas manifestações culturais contemporâneas. Toda produção artística requer práticas próprias de uma cultura, uma arte no seu fazer, seja na música, pintura, desenho, DJ, fotografia, teatro, VJ’s, esporte etc. Muitas das atividades realizadas pelos jovens tornam-se um posto de trabalho profissional na vida adulta, entretanto,

muitas delas são definidas como um não-trabalho, sendo realizadas como um processo constante de reinvenção da vida cotidiana e que atendem às demandas, performances e práticas de lazer. São “maneiras de fazer” que refletem valores, criatividade e imaginários juvenis.

Já Márcia Regina da Costa (2006a) discute como as noções empregadas às culturas juvenis no Brasil desde os anos 60 foram tomando novas abordagens, chegando a um novo estado conceitual no contexto contemporâneo. A globalização tornou-se um importante processo que logrou mudanças tanto na concepção midiática quanto científica sobre o comportamento e as manifestações dos jovens no espaço público. Com o fluxo das culturas globais em diversas localidades, as sociabilidades e práticas culturais, assim como os estilos de vida juvenis, passaram a ser concebidas não mais como forma de rebeldia ou resistência, como divulgavam os estudiosos da Escola de Chicago.

Os estilos juvenis e suas práticas ganharam novas dimensões conceituais em consequência da circulação de imagens e informações transnacionais, que muito contribuíram para a construção de novas percepções sobre as identidades jovens e como estas se tornaram um fenômeno cultural de ampla visibilidade, pondo em cena novas demandas sociais e econômicas, comportamentos, formas de consumos e identidades. As temporalidades juvenis enunciam os sinais de mudança da própria pesquisa acadêmica. Para Martín-Barbero (2008), estamos vivendo diante de novas e alternativas sensibilidades, mesmo com a forte exclusão social e “desconexão” de muitos jovens nos novos recursos das tecnologias digitais.

Principalmente a partir da década de 1980, no contexto da reestruturação econômica e das cidades (HOLLANDS, 1997; HARVEY, 2008), as pesquisas sobre a juventude passaram a focalizar os jovens das “camadas subalternas”. As novas formas de abordagem procuraram não estigmatizar esta categoria, visto que muitas vezes eram descritas sob os termos “delinquentes” e “gangues”. Nos últimos anos, a cultura juvenil experimentou importantes transformações com as mudanças dos estilos de vida, do consumo cultural e com a emergência da cultura digital, através dos computadores e *video games* (FEIXA, 2006), assim como das novas formas de estar junto mediada pela comunicação audiovisual (MARTÍN-BARBERO, 2008). Várias identidades urbanas fortemente visíveis nas metrópoles desde os anos ‘80, como os *punks*, *funkeiros*, *rappers*, eram anteriormente taxados de gangues, mas os pesquisadores passaram a construir noções explicativas como “*turmas*, *bando*, *galeras* e *tribos*”. Assim, buscou-se nestas novas abordagens a compreensão das diversas formas de associação e organização próprias dos jovens.

Em vista disso, para discutir amplamente os processos de diferenciação inter e intragrupal das culturas juvenis preferimos adotar o léxico *identidades urbanas juvenis*, ou simplesmente, *identidades juvenis*. Esta escolha explica-se porque esteticamente as condutas jovens “*são vistas como desalinhadas, confrontativas, exóticas*” (PAIS, 2004, p. 13), portanto, expressam formas de sociabilidades conflitivas. A estetização da vida cotidiana exprime diversas identidades com suas linguagens correntes, maneiras de vestir, atividades de lazer, bens de consumo, artes corporais; ou mesmo a maneira como se identificam com a rua, os bairros, os lugares etc. Os novos estilos de vida surgem no espaço público ao criar um cenário de liminaridade na paisagem urbana e, ao mesmo tempo, inscrevem um *circuito de jovens*, “produto da prática social acumulada” dos atores sociais (MAGNANI, 2008).

É neste sentido que usamos tal expressão ao invés da metáfora “tribos urbanas” utilizada por alguns autores aqui citados⁴⁵, pois entendemos que as culturas juvenis enunciam seus vínculos de pertencimento publicizando seus símbolos, escolhas e valores, ou para usar a expressão de Pais, “*para se fazerem crer que pertencem a um sedimento identitário*” (2004, p. 17). Assim, segundo Sérgio Costa (2006b), mesmo que certas práticas apontem para a defesa da territorialidade e nelas se observem, por exemplo, ações ilegais ou violentas, não devemos adotar premissas generalizadas e associadas às noções de “problemas sociais” ou resistência, ou termos que considerem os tempos e espaços da cultura juvenil como desviantes das normas e do que é socialmente aceito.

O senso comum, as esferas institucionais e midiáticas tendem a generalizar os grupos, criar “etiquetas” e estigmatizar algumas identidades juvenis que adotam estilos de vida diferenciados. Eles formam bandas, usam vestuários “tribais” ou marcas corporais (PAIS, 2004; FERREIRA, 2004). Assim tomadas as definições de forma generalizada, através de aspectos fragmentados das culturas juvenis, criam-se estigmas que afetam a forma como a juventude e suas sociabilidades são socialmente definidas. Neste sentido, como afirma Costa (2002), as identidades quando simbolicamente designadas através de construções discursivas, manifestam *conflitos identitários* que produzem representações coletivas, principalmente por entidades tradicionais ou sujeitos sem relação subjetiva de pertença.

Em última instância, José M. Pais retoma algumas bases das correntes geracionais e classistas. Exemplo disto são as noções de inovação e diferenciação, que ultrapassam as perspectivas mais comuns, ao definir a cultura juvenil em termos mais amplos, concebendo

⁴⁵ Para uma discussão sobre o uso do termo “Tribos Urbanas” ver Pais (2004) e Magnani (2007). Em muitos casos é preferível o uso do termo “Circuito de jovens” sugerido por Magnani quando pretendermos mapear os usos dos espaços públicos e privados da cidade. Termos como *Straight Edges*, *graffiters*, *skaters*, *punk*, *funk*, *raves* etc são alguns exemplos de tribos ou circuitos.

que “*em sentido lato, pode entender-se o sistema de valores socialmente atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase de vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais*” (PAIS, 2003, p. 69). Para o autor, os modos de vida dos jovens são exemplos que elucidam a ressignificação da vida cotidiana. Apontam para diferenciação entre grupos, práticas e formas de sociabilidade que expressam um conjunto de significados, rituais e usos que simbolizam pertença às identidades; estas práticas e formas partilham também valores, códigos, signos, linguagens, espacialidades e temporalidades. É desusado salientar que tais “modos de vida” não estão apenas circunscritos em nível institucional, mas também na própria vida cotidiana.

É através dessas ideias que o autor levanta uma importante problemática sobre as formas como os jovens compartilham cotidianamente os modos de vida e o conjunto de significados. A observação básica revela como e porque os jovens vivem e como o fazem identificando-se ou diferenciando-se no curso de suas interações, nos usos do tempo cotidiano, nas práticas culturais e espaciais, nas formas de sociabilidade e no lazer. Como referimos, entendemos que as identidades juvenis estão situadas em fragmentadas formas de sociabilidades nos espaços urbanos, em que para os nossos fins interessam mais sua dinamicidade que os referentes estruturais, visto que delimitam de modo pouco flexível os vários níveis de interesses culturais juvenis. Tentaremos então expor tais noções no capítulo construído a partir das observações feitas na cidade de Ouro Preto, o que compreende os estilos de vida juvenil e como as repúblicas tornam-se espaços importantes da sociabilidade universitária.

6. AS REPÚBLICAS UNIVERSITÁRIAS DE OURO PRETO: LUGAR DE MORADIA, FESTAS E SOCIABILIDADES

*“Algumas das pessoas que nos acompanharam em excursões a Ouro Preto, ao verem aquele **mundão de repúblicas de estudantes**, perguntavam se os rapazes do meu tempo eram dados a patuscadas como os rapazes de agora. Em Ouro Preto, as famílias sempre fecharam os olhos às travessuras dos estudantes. Conheço várias que deixam muito pra trás a **travessura dos estudantes** que moravam na Pensão Vermelha, fazendo soar a horas mortas o sino da Igreja de São Francisco de Assis, ali bem defronte, o que conseguiram amarrando um fio de náilon no badalo do sino e levando-a até as janelas do casarão, num alarma que fez muita gente sair do leito e correr até aquele local, pois em Ouro Preto, naquele tempo, sino tocando fora de hora era aviso de incêndio, e pasmou a todos, pois de pronto ninguém com a sua causa atinou. E o sino a badalar invisível, como se fosse tangido por almas do outro mundo. Esse fato foi sobejamente noticiado por jornais de Belo Horizonte, da época”.* (LESSA, 1981, p. 140-142, grifo nosso).

Este trecho do livro de Maria Aracy Lessa destaca algumas das práticas ou travessuras dos estudantes universitários de Ouro Preto. O “mundão de repúblicas” que se instalou em diversos bairros da cidade registrou formas de interação com a comunidade “nativa” através de apropriações lúdicas e subversões dos usos dos espaços. Relatadas pela autora como “patuscadas”⁴⁶, as travessuras – jogos da sociabilidade – realizadas pelos estudantes tornaram-se referências na cidade à medida que provocavam uma inversão do cotidiano na cidade tradicional e religiosa.

“Os ouro-pretanos são geralmente pacatos, de costumes severos e probidade proverbial, inteligentes, porém destituídos de pretensões. Raros são aqueles que aspiram alargar seus horizontes além das elevadas montanhas do Itacolomi. (...) A essas qualidades reúne um espírito de hospitalidade elevado a tal grau que nunca foi possível em Ouro Preto manter-se um hotel em prosperidade. Uma simples apresentação dá, ao recém-chegado, o direito de ser acolhido como de casa e, desde que é de casa, a vida se torna uma amenidade indescritível. Não nos faltam cuidados e carinhos de que são pródigos os ouro-pretanos para com os hóspedes” (Relato do estudante Francisco, *apud* Dequech, 1984, p. 29).

O próprio David Dequech, ex-aluno do curso de engenharia da Escola de Minas, em seu livro *Isto Dantes em Ouro Preto* (1984), através de 85 contos – os quais em grande parte

⁴⁶ C.f. Dicionário Houaiss: 1) reunião festiva para comer e beber; 2) folia animada, divertida e barulhenta; pândega, farra.

relatam o cotidiano dos alunos e suas formas de interação com moradores, comerciantes, políticos e com as autoridades militares e religiosas – demonstra em linhas poéticas como enunciou-se a vida estudantil no espaço público ouro-pretano em diversas esferas sociais e institucionais. Não só de travessuras viviam os universitários, mas de manifestações próprias do mundo estudantil, fossem elas politizadas ou culturais. Desde os trotes que pregavam com moradores ou comerciantes ao enfrentamento político em diversas ocasiões (ditadura militar, reivindicação por moradias etc.), os agregados da Escola de Minas demonstraram formas próprias de sociabilidade no espaço público de Ouro Preto.

Assim, aos sons dos sinos, os jovens estudantes foram descobrindo os lugares, descortinando a cidade para a qual se deslocaram. Este *deslocamento* para fins estudantis não se resume através dos sentidos últimos atribuídos pelos sujeitos que foram garantir uma vaga na Universidade. Pelo contrário, expande-se ao comprimir a presença e os valores do estranho no local, disseminando novas culturas ao passo em que realocaliza no espaço-tempo a identidade cultural da cidade, através das práticas sociais e da cultura urbana inscrita por uma população flutuante de estudantes. À medida que descerravam as fronteiras socioespaciais e culturais, as repúblicas universitárias construíram formas próprias de sociabilidades, hábitos e práticas sociais, tornando-se então um *lócus* identitário enunciatório de estilos de vida distintos.

É preciso ressaltar desde logo que a dita hospitalidade do ouro-pretano resvala em duas situações distintas: 1) Os repúblicos possuem aspectos do modo de vida do ouro-pretano ao demonstrar hospitalidade e abertura para com o estranho. Este argumento foi bastante citado por turistas que se hospedaram nas repúblicas; 2) As repúblicas reforçaram suas identidades ao tornarem-se lugar de consumo e moradia, desde que a especulação imobiliária e o custo de vida em Ouro Preto tornou-se um fator evidente do enobrecimento do centro histórico. A especulação e o alto preço dos aluguéis, que se reveste em “prosperidade” ouro-pretana, já engloba outros bairros mais afastados, a exemplo dos bairros Bauxita e Morro do Cruzeiro, onde se localiza a UFOP. Tal fator inverte, em certo sentido, os ditos do estudante Francisco, relatados por Dequech.

A cultura universitária ouro-pretana existe nos interstícios do redescobrimento do barroco mineiro e sua patrimonialização subsequente. Com a lei de tombamento do centro histórico que consistiu na feitura dos códigos de posturas para o uso do solo e dos antigos sobrados, o Iphan almejou, por tais prescrições, a preservação e os usos institucionalmente concebidos (QUEIROZ, 1984). Mas a incidência recorrente de uma população juvenilizada e flutuante fez com que a cidade crescesse para além dos morros, ao passo que sua universidade

se expandia física e simbolicamente. A UFOP possui 7.561 estudantes (Dados até junho de 2010; ver Anexo 02) e adequou, nos fins da década de 60, normas de assistência de alojamento estudantil às leis sociais de proteção ao patrimônio público. Desta forma, alguns conflitos perpassam a vida universitária quanto ao uso e apropriação destas casas segundo os aspectos acima citados.

No jogo da sociabilidade e das práticas socioculturais produzem-se algumas “fraturas” dos códigos sociais, da memória, do concebido. Existe um jogo, *“um divertimento, uma transgressão, uma travessia ‘metafórica’, uma passagem de uma ordem a outra, um esquecimento efêmero no interior das grandes ortodoxias da memória. Todos esses movimentos estão relacionados a organizações e a continuidades”* (CERTEAU, 1995, p. 244). Ouro Preto é então chamada pelos estudantes como a “Terra do Nunca”, numa alusão à *Neverland* da clássica história do Peter Pan, terra onde a vida juvenil sempre florescerá. Esta alusão contrapõe a designação de uma cidade envelhecida e tradicionalizada. A Universidade Federal de Ouro Preto é chamada pelos estudantes de “Universidade Federal de Outro Planeta (UFOP)”. Os moradores ouro-pretanos são chamados de “nativos”. Os repúblicos não têm nomes, mas apelidos. A Praça Tiradentes e a Rua São José são os palcos principais da aglomeração do Carnaval universitário e da Festa do 12, enquanto outrora foram os espaços políticos por excelência. A balada é o *rock*, numa alusão ao *Rock’n’Roll*, estilo musical que perdurou entre os repúblicos por muitas décadas. Os encontros são chamados de “Social”, léxico que inscreve as repúblicas como espaços de enunciação da sociabilidade estudantil em sentido amplo. Neste sentido, destacaremos como as práticas culturais estudantis enunciaram modos de vida e sociabilidades descentradas de um contexto local.

Ao que se refere às práticas, os estudantes tomaram as ruas para diversos tipos de manifestações. A Praça Tiradentes, como já citado, tornou-se o lugar apropriado para as reivindicações estudantis por moradia em 1968 e diversos movimentos politizados no percorrer dos anos. É também um espaço híbrido, pois outras formas de apropriação podem ser observadas. Isto é, as repúblicas são lugares de consumo cultural tanto pelos turistas quanto pelos estudantes, onde ocorrem diversos shows e eventos promovidos pela UFOP, como o “Festival de Inverno de Ouro Preto e Mariana”⁴⁷. Muitos estudantes participam como atores, debatedores e produtores culturais deste evento, o qual é considerado um dos principais, visto que ocorre há quase 50 anos e congrega uma série de atividades propostas

⁴⁷ O nome oficial do evento é “Festival de Inverno de Música Erudita, Artes Cênicas e Visuais de Ouro Preto e Mariana”, também conhecido como “Festival de Inverno de Ouro Preto e Mariana – Fórum das Artes”. A instituição promotora do evento é a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) em parceria com a Fundação Educativa de Rádio e Televisão Ouro Preto e as prefeituras dos municípios de Ouro Preto e Mariana.

pelas curadorias nas áreas de música, literatura, patrimônios cultural e natural e nas artes cênicas, plásticas e visuais.

Imagens 08 e 09



Estudantes da UFOP em atividade no Festival de Inverno. O “palco” principal do evento é o Centro Histórico. Fotos do autor, 2009.

Devemos dizer que o Festival de Inverno tornou-se importante para evidenciar o debate sobre as questões patrimoniais e culturais das cidades de Ouro Preto e Mariana. Através de suas curadorias ocorre também um resgate da cultura popular e acadêmica. Acompanhamos o evento, que ocorre durante o mês de julho, por um período de pelo menos 2 semanas. Atividades lúdicas, como as apresentações teatrais e musicais e as oficinas de artes cênicas ocorrem principalmente na Praça Tiradentes e em diversas outras ruas e bairros do centro histórico (Rua São José, Largo de Coimbra, Bairros Antonio Dias, Rosário e Pilar) e formam um quadro dinâmico de intervenções cotidianas durante as semanas do evento. Há também cinema e teatro itinerante, que se deslocam para outros bairros fora do centro e habitados predominantemente por ouro-pretanos (Alto das Dores, Saramenha, São Cristóvão). Entretanto, constatamos a baixa participação dos moradores desses bairros – fato confirmado pelos organizadores do evento.

Imagem 10



Festival de Inverno no Bairro Alto das Dores e no Largo de Coimbra. Diferenças no consumo cultural local e turístico. Foto do autor, 2009.

Imagem 11



Festival de Inverno no Bairro Alto das Dores e no Largo de Coimbra. Diferenças no consumo cultural local e turístico. Foto do autor, 2009.

Imagem 12



Lugar híbrido: Conexão vivo na Praça Tiradentes. Consumo cultural local e turístico. Foto do autor, 2010.

A Praça Tiradentes, as Ruas Direita (Conde de Bobadela), Paraná e São José localizam-se na área mais visível da cidade, o centro histórico, onde concentra-se grande parte dos locais de comércio e serviços, como os ateliês de joias e artesanatos, as pousadas; cafés, *pubs*, restaurantes, bancos etc. Através de fotografias panorâmicas e dos mapas de Ouro Preto constata-se como estas áreas são interligam as demarcações físicas e simbólicas dos espaços públicos, fragmentando a paisagem ao passo que constitui uma *imagem cenográfica de lugar* (ARANTES, 2000). A Praça Tiradentes ostenta importantes monumentos, que podem ser concebidos como expressivas paisagens de poder (ZUKIN, 2000) condizentes com a identidade histórico-política de Ouro Preto, como a estátua de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, o Museu da Inconfidência (antiga Casa de Câmara e Cadeia de Vila Rica, construída em 1780) e o antigo Palácio dos Governadores construído entre 1738 e 1748, onde hoje está instalada a Escola de Minas. Nas Ruas Direita e Paraná existem grandes sobrados, formando uma moderna paisagem estetizada através da hibridação de sua arquitetura colonial e a fragmentação dos usos. Estes sobrados confundem-se entre lojas, restaurantes, pousadas, bares e repúblicas. Já na Rua São José, da mesma forma, localizam-se vários serviços como os bancos e a rede hoteleira da cidade e algumas repúblicas. Além disso, ostenta paisagens e bens culturais que reforçam a identidade turística da cidade: Cine Vila Rica, Casa dos Contos e Grande Hotel de Ouro Preto.

Imagem 13



Mapa da Praça Tiradentes e ruas do Centro Histórico. Fonte: Google maps, 2010.

Imagem 14



Lugar de consumo e moradia: Na Rua Direita coexistem repúblicas e comércio. Foto do autor. 2009.

Imagem 15



Repúblicas Estudantis na Rua Paraná. Foto do autor, 2009.

Imagem 16



Na Praça Tiradentes: consumo de bens culturais. Foto do autor, 2009.

Esta formação arquitetônica demarca as assimetrias urbanas que são reforçadas com os processos de globalização e sua composição mercadológica. Para Sharon Zukin (2000) a infiltração desses empreendimentos turísticos nos espaços centrais das cidades sugere uma assimetria, de sentido visual, através de um repertório de imagens que sucede às paisagens reais e simbólicas, de modo que vincula o fluxo de capitais à mudança da paisagem material e impõe múltiplas perspectivas à visibilidade paisagística, objetivando destacar a beleza do lugar. Conforme A. Arantes,

seus efeitos sociais são as obras de natureza cenográfica, geralmente localizadas nos centros históricos das grandes cidades ou nas zonas mais diretamente vinculadas às atividades formadoras do processo de globalização. [...] são ícones que identificam cada cidade, multiplicados infinitamente nos cartões postais e fotos turísticas. Essas configurações particulares da paisagem tendem a ser sequestradas de seu contexto físico e social imediato, por intervenções que as estilizam dramaticamente e que – nessa nova roupagem – oferecem-nos para resgate pelo comércio e para o *consumo visual* de moradores e visitantes (2000, p. 152).

Apesar desta constatação, as ruas do centro histórico constituem uma paisagem híbrida, não apenas sucede das intervenções urbanas que empregaram uma restauração de caráter modernizante, mas devido ao fluxo de pessoas que compreendem três categorias de

análise das identidades juvenis: o “nativo”, o turista e o estudante. A importância destas categorias amplia e reforça uma noção múltipla de pertencimento às diferentes identidades e como elas se publicizam nos espaços ouro-pretanos. Suas diferenças estéticas e de comportamento estabelecem, portanto, espacialidades fragmentárias qualificando os lugares de sociabilidades públicas nos espaços que compreendem o centro histórico, a exemplo do Centro Acadêmico da Escola de Minas (CAEM), do Barroco e da Praça de Eventos da UFOP.

O CAEM, por exemplo, pode ser considerado um lugar híbrido, à medida que neste espaço realizam-se os “*rocks*”⁴⁸ dos estudantes, assim como é o espaço de reuniões do centro acadêmico. Enquanto lugar híbrido refere-se às sociabilidades e práticas estudantis, em que os distintos “grupos” de repúblicas publicizam suas identidades e diferenças. Os estudantes frequentam o CAEM principalmente às quintas e sextas-feiras, enquanto que os “nativos” geralmente vão aos sábados. Mas não significa que necessariamente eles não frequentem o mesmo espaço nos mesmos dias.

Em alguns casos depende do estilo musical e do tipo de festa que ali se produz, a exemplo das festas estudantis como o “Miss-Bixo”, um tipo de festa em que os “bixos” vestem-se a caráter (homens de mulher e mulheres de homem) e dançam no palco do local. Em muitos outros casos há uma grande mistura de estudantes, turistas ou nativos. No entanto, não é difícil perceber como as diferenças se incidem neste lugar. Muitos estudantes comparecem às festas com a camisa da república, demarcando formas subjetivas de pertencimento àquele espaço. O uso da camisa serve também para publicizar esteticamente a imagem da república e dos moradores que procuram interagir com outros repúblicas em diversos aspectos.

Convém assinalar que as festas noturnas não começam em horários convencionais. Os estudantes fazem primeiro as “sociais” no interior das repúblicas para depois, por volta das 2 ou 3 horas da madrugada, deslocarem-se para o CAEM. No período de alta estação, muitos turistas participam destas festas e costumam estranhar tais horários. Enquanto o *rock* não começa, a concentração de pessoas diversas (turistas, nativos, estudantes não-repúblicas) tende a ser na Rua Direita, principalmente nos bares Barroco e Satélite.

⁴⁸ O termo *rock* faz parte da linguagem cotidiana dos repúblicas. Significa balada, *night*, festa.

Imagem 17



Imagem 18



O Rock no CAEM. Fotos do autor, 2010.

O Barroco é um dos bares mais frequentados por turistas e estudantes. Não há neste local nenhuma estrutura especial para que se observe grande fluxo de pessoas principalmente a partir do início da noite. Este bar pode ser considerado também uma importante fonte de análise sobre os usos espaciais de Ouro Preto, já que configuram-se temporalidades liminares. Pela manhã, o bar é bastante frequentado por ouro-pretanos mais velhos que costumam beber no local. Os ruídos são de vozes mais compassadas, expressando um lugar de sociabilidade não-juvenilizada. No período da tarde os usos vão se alterando lentamente e há grande mistura de pessoas mais velhas e jovens que vão aparecendo em pequenos grupos para beber. Aos poucos o bar vai sendo reapropriado pelos jovens, que no início da noite já são grande maioria. Cabe ressaltar que apesar de enfatizarmos os repúblicos como categoria de análise da sociabilidade juvenil em Ouro Preto, não há como distinguir as três categorias juvenis *a priori*, a não ser através de uma observação mais acurada, a partir da interação do pesquisador com os sujeitos em questão. Tal interação ocorre através de várias estratégias de comunicação como uma conversa informal ou prestar atenção na estética, nas disposições étnicas e nos modos de falar.

Imagem 19

O Barroco. *Lócus* da sociabilidade noturna. Foto do autor, 2010.

Imagem 20



Rua Direita. Boêmia e sociabilidade noturna juvenil. Foto do autor, 2010.

A travessia que compreende o Barroco e o Satélite, para usar as palavras de Homi Bhabha (1998), sugere um entrelugar produtor de performances cotidianas de diferenças e identidades. Este espaço configura-se como parte dos lugares noturnos de Ouro Preto, onde negocia-se subjetivamente as diferenças ao passo que articula o passado e o presente, a sociabilidade ou a abstenção do estranho no lugar, e em decorrência das desigualdades sociais também negocia-se a inclusão e a exclusão do outro. A porta do Barroco, por exemplo, torna-se um espaço em que as identidades juvenis e suas formas de expressão através do vestuário, da comunicação, dos usos subjetivos daquele lugar. Por exemplo prático, podemos referir o grupo de turistas que acompanhamos no 2º incurso, durante um período de 3 dias.

Estes jovens flanaram pelas ruas da cidade em busca de diversos locais de entretenimento e lazer noturnos, principalmente pelas repúblicas. Com esta estratégia de pesquisa pudemos compreender como as repúblicas estão ou não “abertas” para o estranho. Os turistas imaginavam encontrar festas regadas a muita cerveja e mulheres para paqueras, pois Ouro Preto é conhecida culturalmente como uma cidade de grande liberdade sexual. Diversos repúblicos estavam “fazendo sociais” durante a semana, onde ouviam-se ruídos e sons distintos que enunciavam a diferença dos modos de vida em cada casa.

Imagem 21



Estilos de vida juvenis. Fotos do autor, 2010.

Imagem 22



Estilos de vida juvenis. Fotos do autor, 2010.

Entretanto, todos os casos observados em que o grupo de turistas tentou participar das festas nas repúblicas não houve nenhum acesso ao espaço interno. Segundo os moradores da República Xeque-Mate, “0x0” e “X-Tose”⁴⁹, em geral os “*rocks*” das repúblicas são abertos somente para as repúblicas amigas que compartilham as afinidades e os modos de vida, não sendo também um tipo de festa comercial. Para que eles tivessem acesso deveriam antes ter algum contato com os repúblicos ou que houvesse uma permissão. Além dos grandes eventos há algumas festas pagas, mas que são de caráter social restrito. As repúblicas promovem os trotes e as festas solidárias, como o Arraiá Universitário, para a arrecadação de dinheiro para ajudar instituições como a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Ouro Preto (APAE). Nestas festas a participação dos “nativos” é comemorada pelos repúblicos, pois conta com sociabilidades menos conflitivas à medida que aproxima os moradores.

Há também uma grande preocupação com o patrimônio edificado, e nestes casos os repúblicos estão enquadrados na Resolução CUNI nº 779 da UFOP, pela qual eles são responsáveis diretos por qualquer dano ao patrimônio. Mas, para além da orientação de preservação do patrimônio, há também o cuidado com a própria casa, em que não é possível cotidianamente liberar o acesso aos turistas, mesmo sendo recorrente a procura. No entanto, as repúblicas não se tornam por isso espaços necessariamente fechados. Sua abertura ocorre em períodos distintos, como o Carnaval, o Festival de Inverno e a Festa do 12. Nestes eventos a abertura para os turistas ocorre, sendo que para uma pessoa se hospedar paga-se um valor entre R\$ 10,00 a R\$ 15,00, embora o acesso seja liberado para os visitantes conhecerem e se divertirem.

As repúblicas são caracterizadas como espaços de muita liberdade e a imagem que os turistas têm estão associadas às festas, diversão, bebidas, drogas, práticas sexuais etc, explica o estudante “Ligador”⁵⁰. Jaime António Sardi (2001) focaliza em seu trabalho a conciliação dos estudos com as “práticas de prazer” dos estudantes. Para o autor há certo exagero em afirmar que as repúblicas constituem-se como um espaço de exacerbação do prazer. Está é uma imagem divulgada amplamente pelos meios de comunicação e reforçada por aqueles que visitaram a cidade durante as épocas de festas. Esta condição é de fato bastante divulgada pela mídia e tem provocado receios entre os repúblicos.

⁴⁹ Depoimento concedido pelos estudantes-moradores da República Xeque-Mate, Luiz Ricardo Morine dos Santos (0x0) e Otávio Jardim Sírio (X-Tose), em 28/04/2010.

⁵⁰ Depoimento concedido pelo estudante-morador da República Aquarius, Gustavo Dimas Chaves Barbosa (Ligador), em 27/04/2010.

O estudante “Maldada” explicou que o Profissão Repórter⁵¹, da Rede Globo, fez uma reportagem sobre repúblicas em várias cidades brasileiras. A República Nau Sem Rumo foi o destaque em Ouro Preto e os repórteres fizeram tomadas durante todo o dia para acompanhar o cotidiano dos estudantes dentro e fora da casa. No entanto, os moradores da Nau, assim como muito outros moradores de repúblicas federais, frustraram-se ao ser apenas exibido o “rock da república” em sua *boite* própria, enquanto que o programa enfatizou o cotidiano de estudos e organização nas repúblicas de outras cidades.

Os repúblicos diversificam o cotidiano da casa entre lazer e estudos não só pela ausência dos pais, mas também devido ao alto custo do consumo cultural ouro-pretano, pois muitos serviços e oferta de bens tornaram-se caros para os estudantes, sendo prioritariamente voltados para o turismo. “Kamikaze”, moradora da República Virada pra Lua, argumenta que faltam espaços em Ouro Preto que comportem estudantes e principalmente os nativos. Para ela os empreendimentos da cidade focalizam o turismo em detrimento dos moradores locais e por isso os estudantes preferem passar os finais de semana fazendo festas nas próprias repúblicas, o que é também uma tradição.

O que salva são os grandes eventos, tipo o Festival de Inverno e o Fórum das Letras, mas que são em períodos muito curtos. Mas num final de semana qualquer e você quer fazer alguma coisa bacana, diferente, você não vai conseguir. Ou você vai beber, ou você fica em casa lendo. Aí o que a gente faz no final de semana? Ou a gente vai pra cachoeira ou vai pra BH ver filmes... ou a gente vai pra alguma festa em uma república ou no CAEM.⁵²

É notória a falta de opções noturnas e para fins de semana em Ouro Preto. O tamanho e estrutura da cidade, assim como as leis de uso do solo talvez sejam os fatores principais para a ausência de muitos espaços de lazer e entretenimento, mesmo que seja considerável o grande fluxo de jovens durante todo o ano. Logo, as repúblicas possuem equipamentos que as tornam lugar de sociabilidades e entretenimento diversos. Possuem boates, e os mesmos tipos de *freezers* de cervejas que existem em bares.

⁵¹ O tema do programa, exibido em 20/04/2010, destacava os jovens universitários e os desafios de uma nova vida, longe da família, nas repúblicas de todo o país.

⁵² Depoimento concedido pela estudante-moradora da República Virada pra Lua, Bruna Evangelista Rosa Barbosa (Kamikaze), em 30/04/2010.

Imagem 23



Imagem 24



Reapropriação dos espaços e usos das casas: Boates e Freezers das Repúblicas do Centro Histórico. Fotos do autor, 2010.

As boates são equipadas com jogos de luz, aparelhagem de som. Alguns espaços das casas foram reapropriados como boates e são bastante utilizados nas festas e comemorações dos estudantes. J. A. Sardi identifica as festas como uma reapropriação espontânea dos espaços, considerando as possibilidades de conviverem em um ambiente dinâmico e estilizado:

Otra cuestión respecto a la existencia de un ambiente de exacerbación del placer se refiere a su naturaleza espontánea o deliberada, así como su continuidad histórica mantenida a lo largo de tantas décadas. Efectivamente las iniciativas placenteras son conducidas por los propios estudiantes, conducidas y ejecutas por ellos. Las conmemoraciones pueden ser espontáneas cuando tiene lugar un evento inesperado. Consideramos que cuando hay planificación en la realización de eventos placenteros, esto significa que se evidencia el deseo de tener deseos. Equivale a la actitud de producir circunstancias en las cuales se puede hacer brotar los deseos (SARDI, 2001, p. 48)

Este autor considera as festas nas repúblicas como um conjunto significativo para a compreensão da “cidade universitária” e principalmente para o calouro durante as interações iniciais com o “sistema das repúblicas”. Ao passo que batalham para morar na república vão articulando-se com a cultura dos atuais moradores e tendem a acompanhar o cotidiano festivo da casa enquanto tentam conciliar com os estudos. Porém a grande quantidade de tarefas atribuídas aos calouros dificulta que estes consigam conciliar de imediato as atividades estudantis no âmbito da universidade com as sociais. Da mesma forma, devido à imagem designada à “cidade universitária” como “cidade dos prazeres” e “liberdade pura” surpreende alguns estudantes que consideravam encontrar um lugar de consumo em detrimento das responsabilidades para com a casa e os estudos:

Hay un conjunto significativo de relatos en los cuales aparece que el contexto universitario de Ouro Preto, a partir de las interacciones iniciales que el estudiante realiza con el “sistema de placeres”, promueve una ruptura en la trayectoria de los sujetos. En un primer momento, el de la llegada, los estudiantes manifiestan sorpresa con la cantidad de fiestas y oportunidades placenteras disponibles. Algunos afirman que nunca vieron tanta fiesta a lo largo de su vida, otros manifiestan que las festividades van más allá de lo que tenían como expectativa, que “Ouro Preto es una tentación para la orgía”. La declaración de sorpresa presente en diversos relatos deja ver que, en cierta medida, ya que hay una ruptura expresada, que el ambiente de origen del estudiante era más sobrio, comedido, quizás más limitado en función de prohibiciones. (SARDI, 2001, p. 49).

As repúblicas tornam-se lugares fragmentários no contexto relacional ouro-pretano, pois nelas há práticas cotidianas diferenciadas de outros lugares da cidade, compartilhadas como conjuntos de ações próprias. Mas, como já referimos, são híbridas quantos aos diferentes usos que demarcam o lugar. São conjuntos de ações que sugerem não só uma

tradição, mas convergências de sentidos quanto ao que se pratica nestes espaços. Segundo a proposta de R.P. Leite (2007) acerca da existência dos lugares, podemos entender que as sociabilidades entre as repúblicas imprimem ações simbólicas e conteúdos culturais que são compartilhados reflexivamente entre os moradores. Suas fronteiras são flexíveis à medida que permitem interações públicas entre as diferentes identidades e expressam dissensões ou convergência de sentidos e estilos de vida.

6.1 Conflitos e articulações entre as repúblicas e a cidade

Instituições sociais como o Iphan, o Ministério Público Federal e diversos setores locais – Prefeitura Municipal, Federação das Associações de Moradores de Ouro Preto (FAMOP) e o Movimento de Democratização da Moradia Estudantil (MDME) convergem com o discurso de que o patrimônio precisa ser preservado e por isso faz-se necessário o controle e a fiscalização dos usos dos equipamentos urbanos, como ruas, a Praça Tiradentes, o casario edificado (residencial e comercial), as Igrejas e Museus. Entende-se como um dos principais alvos dessa discussão a regulamentação do uso das repúblicas estudantis, visto que boa parte delas é instalada em prédios públicos e localizam-se no Centro Histórico. Além disso, os usos cotidianos são muitas vezes conflitivos com a população local.

Muitos fatos devem-se aos ditos excessos dos estudantes em que os trotes e brincadeiras ultrapassam a noção de civilidade e boa vizinhança. Além da preocupação com a preservação das casas, há os conflitos entre os universitários e a população local. Alguns incidentes não resultam somente do grande fluxo de turistas que visitam Ouro Preto durante o Carnaval e a Festa do 12. Muitos advêm das interações cotidianas ou mesmo os conflitos culturais que decorrem dos eventos e festas tradicionais da cidade, como a Sexta-Feira da Paixão, sobre a qual relataremos abaixo.

No ano de 2006, por iniciativa do MDME e da Famop, foi entregue um abaixo-assinado ao reitor da Universidade Federal de Ouro Preto, João Luiz Martins, e deliberadas reuniões sobre a condição das repúblicas, envolvendo as entidades representativas de interesse público que se reuniram para buscar soluções para a regulamentação do uso das repúblicas federais. O objetivo do MDME foi, conforme notícia extraída do sítio da Câmara Municipal de Ouro Preto, “o respeito ao Código Municipal de Posturas, o fim de trotes violentos, a adoção de critérios sócio-econômicos para a seleção dos moradores das repúblicas federais, assim como um maior aproveitamento do espaço das casas que as sediam [...] a campanha

leva à população um problema que se arrasta há muitos anos: o difícil convívio entre as repúblicas federais e particulares e as comunidades situadas em sua vizinhança” (CÂMARA MUNICIPAL DE OURO PRETO, 2006). Segue ainda em outro trecho: “Se a adoção de critérios sócio-econômicos e o fim dos trotes violentos são as questões mais visadas pelos estudantes, o respeito ao Código Municipal de Posturas é o ponto do abaixo assinado que encontra mais receptividade entre os ouro-pretanos” (CÂMARA MUNICIPAL DE OURO PRETO, 2006). Este conflito iniciou-se com um incidente durante uma das mais tradicionais festas religiosas da cidade, a Sexta-Feira da Paixão, envolvendo os moradores da república Pif-Paf, fundada desde 1946. A república foi denunciada por utilizar músicas em nível sonoro alto, interferindo a passagem do cortejo religioso, que precisou mudar o tradicional trajeto.

O desfecho deste conflito foi um decreto municipal que declarou a desapropriação da república de seu antigo endereço, sendo aprovado por unanimidade o projeto de lei (Decreto Municipal nº 84/2006) do então Prefeito Ângelo Oswaldo, durante a reunião na Câmara Municipal de Ouro Preto, que declarou o imóvel em caráter de utilidade pública. Mas após quatro anos de espera do resultado deste processo (2006-2010), a República Pif-Paf não foi desapropriada por decisão do Superior Tribunal de Justiça (STJ) ao alegar que a Prefeitura Municipal de Ouro Preto não poderia desapropriar o imóvel porque ele pertence aos bens de propriedade da Fundação Universidade Federal de Ouro Preto (FUFOP), sendo então da União (SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA, 2010).

Independente do resultado final evidencia-se, de todo modo, o conflito cotidiano e sociocultural entre a “cidade dos estudantes” e da “cidade dos nativos”. Como referimos, os trotes também foram enquadrados em decisões judiciais desde as intervenções dos Ministérios Público Federal e Estadual que proibiu o uso das placas e designou que o período de batalha diminuísse de 6 para 3 meses. Estes conflitos também ocorrem na vida cotidiana entre repúblicas e “nativos” desde que os estudantes passaram a se apropriar e consumir o espaço público com suas práticas e hábitos dissonantes. No livro *Isto Dantes em Ouro Preto* (1984), de David Dequech, são listados diversos contos que evidenciam trotes de estudantes com moradores e comerciantes da cidade. Segundo relata o autor, muitos trotes foram considerados pelos nativos, que até então eram bastante próximos aos estudantes. Mas no decorrer dos anos a presença maciça de estudantes destoou o cotidiano da cidade, principalmente no que se refere aos conflitos intergeracionais.

Os repúblicas contam que situações pontuais tornaram tensa a sociabilidade pública com os nativos mais velhos. Neste ponto, alguns repúblicas atribuem este conflito à imagem negativa veiculada pela mídia e por moradores mais antigos da cidade. Para “Peposa”,

moradora da República Virada pra Lua, é preciso distinguir (como fizemos na pesquisa de campo) os moradores, os repúblicos e os turistas. Em suas palavras, *“São pessoas muito diferentes. São três tipos de pessoas que passam por Ouro Preto e cada uma vive num tempo diferente. Tem os moradores que vivem num tempo, tem os estudantes que são moradores não permanentes; e os turistas que estão aí de passagem. Pessoas de mundos diferentes que estão aí na rua o tempo inteiro”*⁵³.

Para “Ligeirinha”, também moradora da República Virada pra Lua, não se deve generalizar os conflitos. Há aqueles que são contra a presença de estudantes e os veem apenas como habitantes temporários e baderneiros, que vão às ruas para tomar cachaças e quebrar a rotina da cidade. A estudante acredita que é preciso haver uma conciliação entre as partes e por isso as repúblicas federais fundaram a Refop em 2006, para abrir diálogos com a comunidade e as entidades públicas ouro-pretanas. Ela defende também que os estudantes precisam conhecer melhor a cultura local, a sociabilidade e espaços novos de lazer na cidade, assim como os ouro-pretanos deveriam não criar mitos e aproximarem-se mais da cultura universitária, de forma que conflitos pontuais não separem as duas “comunidades”⁵⁴. Segundo “Junta”

A Refop surgiu em 2006, no momento em que houve uma crise desse sistema. Digamos assim, não uma crise interna, mas uma crise que veio de fora, no momento em que o sistema foi questionado. Porque a partir do momento em que a comunidade começou a crescer, em que vieram vários outros estudantes pra cá, que as repúblicas federais não mais comportavam número de alunos que a UFOP tinha, o sistema passou a ser questionado por aqueles que não faziam parte dele, por pessoas que sequer conheciam. E neste momento surgiu a Refop como uma forma de defesa mesmo, como articulação dos moradores das federais naquela época que se encontraram pra poder manter vivo aquilo que sempre acreditou⁵⁵.

No entanto tais conflitos não impedem a sociabilidade pública juvenil (intrageneracional) entre repúblicos e nativos. Por exemplo prático, podemos citar o caso da estudante “Lu”, moradora da República Indignação, que mantém relações cotidianas com os ouro-pretanos. Ela namora um ouro-pretano e explica que conhece muitos estudantes e “nativos” que não se diferenciam, pois convivem a partir das identificações do estilo de vida. Segundo informou,

⁵³ Depoimento concedido pela estudante-moradora da República Virada pra Lua, Monique Evelyn G. França (Peposa), em 30/04/2010.

⁵⁴ Depoimento concedido pela estudante-moradora da República Virada pra Lua, Fabiana Richter O. da Silva (Ligeirinha), em 30/04/2010.

⁵⁵ Depoimento concedido pela estudante-moradora da República Lumiar e diretora jurídica da Refop, Juliana Rodrigues Martins (Junta), em 28/04/2010.

no início de seu namoro havia uma desconfiança entre os ouro-pretanos quanto à sua presença, mas que foi superada em pouco tempo, visto que ela se inseriu no grupo sem distinções de *status*⁵⁶. Um depoimento nesse sentido foi dado por Jaqueline Bycie, ouro-pretana que pretende tentar vestibular na UFOP. A “nativa” e suas amigas não interagem com os repúblicos e distanciavam-se do modo de vida desses estudantes por considerá-los “arruaceiros”. Após conhecer algumas repúblicas e passar a frequentar o CAEM seu modo de ver mudou e passou a ser convidada para vários *rocks* nas repúblicas⁵⁷.

Jaqueline é teatróloga e foi convidada para participar do Festival de Inverno de 2009, quando manteve seus primeiros contatos com os estudantes de Artes, de Música e de Filosofia da UFOP. Segundo informou, a impressão que tinha era de que os estudantes se diferenciavam mais pelo curso que faziam, mas após sua inserção no lugar percebeu que, diante de quase 400 repúblicas, seria impossível fazer algum julgamento de curso e de forma generalizada. Ela questionava também se os ouro-pretanos universitários deveriam morar em repúblicas para participarem de “sociais” e festas em repúblicas. Esta seria a maior polarização entre os “nativos” (estudantes ou não) e os repúblicos. Mas, em depoimento de Tuca Lobo, ouro-pretano e estudante do curso de música da UFOP, não há nenhuma exigência das repúblicas quanto a este fato. Segundo o estudante, alguns “nativos” resolveram morar em repúblicas apenas para conhecerem, experiência que ele viveu:

A decisão foi minha. Eu morava em um lugar onde o acesso para a universidade era ruim. Então resolvi morar com alguns amigos em uma república. Foi uma experiência e tanto. Conhecer o sistema de repúblicas de perto quebra ou até aumenta o preconceito com elas, mas é fato que eles também desconhecem a cultura de Ouro Preto. Faltam informações a eles sobre quem somos, o que fazemos e o que produzimos. A cultura daqui é linda e tem muita coisa a explorar. Mas os estudantes pouco conhecem. Eu fiz o contrário, fui conhecer as repúblicas⁵⁸.

A questão que reside neste caso são as diferentes identidades e modos de vida juvenis. Nos eventos públicos e em alguns lugares como o Barroco e o CAEM essas identidades diferenciam-se mais através dos estilos de vida, linguagens e artefatos culturais, ao contrário do que se observa na complexa relação entre repúblicos e “nativos”. Entretanto, no que se refere à linguagem há também articulações que reflexivamente transformam os espaços de sociabilidades públicas ouro-pretanas.

⁵⁶ Depoimento concedido pela estudante-moradora da República Indignação, Luciana Martins S. Sampaio (Lu), em 29/04/2010.

⁵⁷ Depoimento concedido pela “nativa” Jaqueline Bycie em 29/04/2010.

⁵⁸ Depoimento de Tuca Lobo. Ouro-pretano, músico e ex-morador de república, em 24/07/2009.

Importante destacar neste momento é a formação lexical na sociabilidade dos estudantes. A. França (2008) fornece-nos um quadro de “itens lexicais especiais dos universitários” (Anexo 03), elucidando a derivação de novos modos de compreender o campo semântico da língua em Ouro Preto. É tradição entre os universitários inventarem neologismos⁵⁹ a partir da linguagem local, como o nome de algumas repúblicas, a exemplo da República Marragolo que significa “marrar o golo”, isto é, beber uma cachaça, uma pinga⁶⁰. A adoção de termos diversos desloca o sentido original da palavra para outros modos de significação, ou, como sugerem Almeida e Tracy (2003), para o deslocamento da cultura que inscreve à sociabilidade contemporânea formas deslizantes de compreensão, em que resulta o contexto de “pós-significação”, isto é, a disseminação de linguagens e de culturas globais às variantes não determinam seu campo conceptual original.

Segundo aquela autora, a *categorização léxica* expõe os modos de falar e de interpretar das pessoas, que registram e armazenam na memória classificações individuais. Para tanto devemos lançar mão da ressignificação do léxico pelas identidades juvenis, ao compartilharem, em diferentes contextos, históricos e contemporâneos, seu novo uso deslocado do sentido conceptual original. A. França aponta que a linguagem concorre para a diferenciação entre estudantes e nativos através dos itens lexicais próprios dos universitários, pois estes não utilizam gírias, mas signos de grupo:

Pode-se afirmar que os itens lexicais próprios dos *Universitários* constituem uma marca distintiva desse grupo, no presente trabalho, considerada, um *signo de grupo* (e, não, gíria). A razão para isso é que as gírias, além de utilizadas como marca de grupo específico, são expressivas, mas se desgastam com facilidade, sendo efêmeras, ou passam a ser adotadas por outros falantes, tornando-se um vocabulário comum, de uso vulgarizado. No que diz respeito à linguagem dos *Universitários*, aqui examinada, a sua especificidade lexical não foi adotada por outros grupos e, além disso, não é efêmera, o que pôde ser comprovado por meio de entrevistas com ex-alunos (FRANÇA, 2008, p. 82).

No entanto, todos os repúblicos entrevistados afirmaram que o quadro de léxicos enuncia-se em Ouro Preto como um todo e não somente nas repúblicas. Neste sentido, podemos considerar que a delimitação e definição das palavras estão “para além do texto”, como é sugerido nas teorias pós-estruturalistas, em que a ausência de fontes seguras para o conhecimento implica fragmentação de linguagem, discursos e textos (SMART, 2002).

⁵⁹ “O processo de criação de novas unidades léxicas denomina-se neologia e ao elemento resultado desse processo dá-se o nome de neologismo” (ALVES *apud* FRANÇA, 2008, p. 32).

⁶⁰ Depoimento concedido pelo estudante-morador da República Marragolo, Rafael Magalhães (Papagaio), em 26/04/2010.

Portanto, como observamos, as palavras estão na sociabilidade cotidiana entre repúblicos e nativos.

Para resumir, devemos observar o uso dos neologismos dos estudantes em nível de sociabilidade cotidiana, quando podem ser divididos em neologismo *formal* e *conceptual*. No primeiro caso uma nova palavra é introduzida na língua vernácula e “*passa a integrar o sistema linguístico por meio do contato com outras realidades linguísticas, sendo, assim, um empréstimo estrangeiro*” (FRANÇA, 2008, p. 31). Ela se torna um tipo de interferência de uma língua sobre a outra, a exemplo de palavras usadas cotidianamente como *Xerox*, *playboy*, *marketing* etc. No neologismo *conceptual*, observa-se não uma interferência ou uma nova criação, mas a atribuição de novo sentido aos termos, que ocorrem por conta das transformações pelas quais a língua passa. Isso ocorre tanto com os processos de formação vernácula quanto com os estrangeirismos. Entretanto, não basta a criação do neologismo para que se possa inventariar o acervo lexical de uma língua local, mas a observação de seu uso, ou a sua não difusão entre as diferentes identidades sociais. Tais “usos” é o que evidenciam, então, a própria sociabilidade inscrita nos neologismos apresentados, a exemplo do uso da palavra *rock* em Ouro Preto.

6.2 Práticas socioculturais e usos dos espaços: *Rock* e Sociais

6.2.1. O *Rock* de Ouro Preto

Márcia Regina Costa (2006a) analisa os fatos e desdobramentos da cultura urbana dos anos ‘50 no Brasil. Data desta época a constituição da cultura juvenil e o interesse das Ciências Sociais brasileira em desenvolver teses a partir de estudos sobre as “culturas locais” dos subúrbios de São Paulo nos anos 80, como o movimento *punk* que inscreveu práticas culturais inovadoras devido à circulação de imagens e signos culturais desde a introdução do estilo no país. O *rock* como música jovem passou a ter ampla identificação como estilo político e culturalmente transnacionalizado. Mas esse estilo não tem a mesma conotação atualmente, em que é mais patente sua definição enquanto mais um estilo cultural na esfera da produção artística e musical, diferente do que se poderia pensar, ao denominá-lo por práticas ideológicas e de contestação a valores institucionalizados, a exemplo da política e da religião.

Para nosso objeto contribui esta temática, pois ao observarmos as sociabilidades dos repúblicos de Ouro Preto, pensamos nas práticas organizadas culturalmente. Alguns

estudantes sugerem que o termo *rock* (não como estilo musical, mas ressignificado conceitualmente) passou a ser usado na época de efervescência do *Rock'n'Roll* na cidade, nos fins da década de '60. Tal fato pode ter convergências se atentarmos para a enunciação da contracultura no Brasil entre universitários. Assim como o *punk* foi politizado e sua produção artística perpassou os movimentos *skinheads*, *darks*, metaleiros, *rappers*, funkeiros, etc (COSTA, 2006a), o uso do léxico *rock* nesta cidade foi ressignificado pelos estudantes universitários, ao ter seu sentido designado para outros usos, assim como a pertença a este estilo foi apropriada como nova linguagem.

O *rock* em Ouro Preto é uma forma de enunciação das práticas cotidianas e das identidades experimentadas na cidade. Não é propriamente um *show* em si, mas são as festas nas ruas e as boates nas repúblicas; são os eventos, os encontros e as baladas; são os churrascos nos fins de semana que ocorrem nas repúblicas ou nos sítios próximos à cidade; são os passeios nas cidades vizinhas em dia de eventos diversos; é o Carnaval etc. Em outras regiões do país, no Nordeste, por exemplo, fala-se em *reggae*, para designar qualquer evento chamado “alternativo”, lazer e entretenimento. No Rio de Janeiro, fala-se em *night* e segundo Almeida e Tracy (2003), termos assim usados são *categorias espaciais* que designam o movimento noturno dos jovens nas cidades, por isso enuncia para além da significação lexical imediata.

No entanto, em todos os casos, esses termos são falados em várias regiões do país, não sendo exclusivos de uma cidade ou outra. No caso de Ouro Preto, o *rock* tornou-se não somente um léxico, mas uma categoria espacializante das sociabilidades cotidianas. Os “*rocks*” ocorrem em períodos diurnos ou noturnos, a depender dos estilos de vida dos diversos grupos juvenis. O termo é generalizado para vários tipos de evento, a exemplo do Carnaval e da Festa do 12, que são tradicionalmente organizados e planejados pelos próprios estudantes. Em nossa pesquisa, observamos seu uso analogamente à categoria *night*, para que compreendamos a dinâmica da cultura urbana na cidade.

Durante o período letivo a vida noturna é intensamente marcada pelos encontros entre os repúblicos. Os encontros ocorrem principalmente nas próprias residências, sobretudo é o momento de articulação entre as repúblicas femininas e masculinas. O que ocorre são encontros entre as “repúblicas amigas” que se comunicam mais diretamente, demarcando estilos de vida e fronteiras espaciais e de sociabilidade entre grupos identitários, embora sejam flexíveis. O *rock* é sinônimo de festa ou comemoração (FRANÇA, 2008). É o momento de fluxo entre os jovens, que fazem do uso do tempo livre uma maneira de fazer o cotidiano (PAIS, 1993).

O que marca esta prática é a forma como os encontros são aguardados como momento de explorar as noites cotidianamente. É com este intento que passam de uma república para outra, de algum local da cidade para as repúblicas que se tornam um típico espaço público constitutivo de sociabilidades e usos múltiplos, diferenciados pelas fronteiras simbólicas que permeiam a “cidade universitária” e a “cidade nativa”. *“A noite, ou começa em um bar, principalmente o Satélite e o Barroco ou, como chamamos, o Bar das Coxas, ou termina nele. Muita festa acontece no CAEM, mas passa tudo pelas repúblicas”*⁶¹. À noite intensifica-se então um modo de vida nômade entre os universitários, que neste período constroem as sociabilidades que espacializam o cotidiano. Para “Pinda”, universitária e cicerone que me acompanhou durante a pesquisa em Ouro Preto:

Ir ao "Rock" significa encontrar de maneira conjunta as pessoas que se vê diariamente na Universidade. Além de ser um local de encontro, é também um espaço com bebida liberada em que os ânimos acabam se exaltando um pouco. Significa também o momento de curtidão com as pessoas da sua república. Como lhe disse, os laços são fortes com as pessoas que moram com você, e não com a sua turma de sala, além das famosas rodinhas de conversas. Vale ressaltar que repúblicas femininas geralmente não se misturam, isto é quase uma regra, ficando essas rodinhas restritas a uma república feminina e outras masculinas. Sempre embalado por funk e sertanejo, com exceção dos *rocks* de aniversário em que contratam uma banda que toca pop-rock nacional e internacional. Ocorrem geralmente de quinta a sábado, mas não é uma regra. Cerveja tem todo dia, portanto é fácil. Aí, acho que é isso!⁶²

As repúblicas tornam-se, então, lugares de lazer e sociabilidade. Observamos em duas oportunidades a apropriação do espaço das casas para usos que não sejam os modos de habitar, como na Rua Paraná, onde há muitas repúblicas instaladas em casas antigas, a exemplo das Repúblicas Aquarius, Xeque-Mate, Nau Sem Rumo, entre outras. Para entender a apropriação dos espaços das casas para novos e diferentes usos que não seja a habitação vejamos a descrição que os moradores da República Aquarius, fundada em 1969, apresentam em seu sítio na internet:

A casa é constituída de basicamente 5 pisos nos quais estão distribuídos os 32 quartos, 5 banheiros, cozinha, copa, sala de TV. Além disso temos ainda, boate informatizada, área de festas, churrasqueira, sala de telefone, sala de computador com internet, impressora e scanner. Possuímos também uma biblioteca com livros e apostilas utilizados pelos diversos cursos em sua maioria de engenharia. Ainda tem quarto de quadrinhos de ex-alunos, cafofo, e quintal, possui também um campo de futebol aos fundos, comum a mais quatro repúblicas da rua (REPÚBLICA AQUARIUS).

⁶¹ Entrevista concedida por Amanda Milad, ex-moradora da República Nômades e ex-aluna da UFOP, em 16/07/2009.

⁶² Idem.

A descrição da casa é elucidativa. A casa tornou-se um espaço público para festas e encontros juvenis. Os equipamentos como a boate e som foram instalados nos porões, quartos ou salas das casas, a área de festas e churrasqueira é geralmente feita nos *halls*. Por serem tombados, os imóveis só podem sofrer alguma intervenção na estrutura física quando submetido ao Iphan para autorização. No entanto, conforme a apropriação das Repúblicas como lugares públicos foi ganhando novas adesões, os estudantes passaram a não informar ao Iphan sobre as construções e reformas dos imóveis⁶³. Segundo a técnica do Iphan de Ouro Preto, Simone Monteiro Silvestre Fernandes, são poucas as repúblicas que não informam sobre intervenções internas de maior impacto. Já existem acordos para que os repúblicos possam fazer alterações nas casas conforme as necessidades. O Iphan reconhece as boates, assim como diversos outros usos e apropriações dos imóveis para festas. A preocupação maior é que os estudantes transformem o bem público em fonte de renda privada.

Retomando a descrição sobre o *rock* em Ouro Preto, compreendemos que nos encontros não há preocupação formal com conteúdos e formas das relações. Entretanto, festas como o Carnaval, o Festival de Inverno e a Festa do 12 são previamente organizadas, contendo patrocínios de empresas locais para mantimentos, de empresas nacionais de cervejas (Itaipava, Brahma, Nova Schin etc.), além de serem maciçamente divulgadas pela internet e sites de relacionamento. A ideia geral é somente se divertir, “*estender os laços de amizades entre os republicanos*”, “*aproveitar a noite*”, “*sair da ferração*”, “*conhecer as camofas*”⁶⁴. Contudo, devemos sumarizar, ao levar em consideração o universo amostral pesquisado: os encontros ou as festas que ocorrem nas repúblicas são circunscritos aos moradores de repúblicas e pouco são abertos aos “nativos”⁶⁵.

⁶³ As repúblicas de Ouro Preto serão obrigadas a reconstruir os imóveis ocupados de acordo com projetos que respeitem suas características históricas originais. A decisão faz parte do “termo de ajustamento de conduta” (TAC) assinado com o Ministério Público Federal, em Belo Horizonte, pelas repúblicas Maracangalha, Ninho de Amor, Necrotério, Casablanca, Formigueiro, Hospício e Quitandinha. Também assinaram o acordo o chefe do escritório regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e a Secretaria Municipal de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano daquela cidade. (<http://www.defender.org.br/republicas-de-ouro-preto-reformam-imoveis/>)

⁶⁴ Os dois últimos termos, assim como o *rock*, é um uso próprio da linguagem construída pelos universitários. O trabalho de França (2008, p. 52-53) traz alguns dos léxicos falados pela comunidade universitária. Assim podemos traduzir alguns deles: **Camofa (a)** subst./adj. • Homem ou mulher que se relacionam afetivamente com muitas pessoas. • *me chamou de camofa... disse que eu não prestava; mas as camofas do centro não deixam*. • camofagem, camofeiro, camofeira, camofando. • Mulher/homem fácil. **Ferrar** v. trans. dir, v. intr. • *tem gente que ferra muito, eu não ferro muito; tive que ferrar constitucional e tava doente*. • ferração, ferrador, ferradora. • Estudar.

⁶⁵ Em nossas entrevistas detectamos apenas em duas falas dos universitários a existência de relações mais diretas entre ouro-pretanos e estudantes que não estivessem circunscritas ao setor de serviços da cidade.

Os aniversários das repúblicas, o Carnaval e a Festa do 12 são exemplos da articulação dos estudantes com as empresas de consumo. Essas festas são melhor organizadas e promovem grande fluxo de pessoas anualmente. Tornam-se as principais fontes de obtenção de recursos para cada república que se articula nestes períodos. Ao receber visitantes de todo país as repúblicas cobram hospedagem, chegando a preços que variam de R\$ 10 a R\$ 15 (dez a quinze reais) por dia. É uma forma de autogestão e manutenção de cada república para sua própria preservação. No Carnaval de Ouro Preto o público que tem acesso às repúblicas é menos seletivo, pois com a adesão aos blocos de carnaval as fronteiras cotidianas se descerram e criam um espaço público menos excludente e mais interativo entre ouro-pretanos e repúblicos. Na Festa do 12, são hospedados principalmente os ex-alunos, sejam os mais velhos ou os recém-formados e o acesso às casas está restrito aos estudantes ou visitantes.

Não fosse o *rock* uma prática constante entre os estudantes, poderíamos afirmar que se tratava somente de um encontro de jovens como qualquer outro, mas que, ao contrário, revelou-se uma festa bastante dinâmica: Comemora-se o quê? “*O que tiver de comemorar!*”, “*Fim de muita ferração*”, “*Datas importantes*”, “*Início de período*”, “*Nada, ué. É só pra beber*”.

Imagens 25 e 26





O mesmo espaço é parte dos modos de habitar e das festas. Fontes República Aquarius (Imagem 25). Foto do autor, 2010 (Imagem 26).

Por outro lado, as festas populares de rua apresentam ruídos sonoros diferenciados dos *rocks* universitários. São percebidos pelo pagode, *calypso* e músicas sertanejas; ocorrem em alguns bairros fora da área enobrecida, compreendida pelo Centro, Antonio Dias e Pilar, principais locais de interação e/ou sociabilidade de moradores e turistas, embora, como referimos, ocorram no CAEM. Não pudemos observar a sociabilidade cotidiana nos bairros periféricos. Somente algumas vezes tivemos acesso a estes bairros, quando acompanhávamos o Cinema Itinerante, programação do Festival de Inverno, que visava levar o Festival a todos os bairros da cidade fora do Centro. Nestas incursões observamos a pouca adesão do público de todas as idades. Desta forma, podemos supor que a estratificação social em Ouro Preto é espacializada não somente pelo plano urbanístico, mas por diferenças socioculturais entre estudantes e nativos.

Diante do exposto, não podemos desconsiderar os conflitos advindos das práticas culturais dos estudantes, bem como as diferenças entre eles, entre os estudantes que divergem de determinados usos das casas. Tanto estudantes quanto profissionais ligados à proteção do patrimônio ressaltam alguns problemas decorrentes de usos dos imóveis considerados indevidos, de conflitos com a vizinhança por causa dos sons altos etc. Estes aspectos são importantes para compreender, pelo menos em parte, porque a cultura universitária ouro-pretana se faz descentrada de um contexto comunitário local.

6.2.2. Fazer Social

Outro momento que acompanhamos não foi exatamente uma grande festa com aparelhagem de som e bebidas à vontade. Fazer “Social” é o momento de interagir com novas pessoas e criar vínculos entre os moradores. O fluxo de pessoas é menor, o que permite maior intimidade entre os participantes, embora isto não signifique que seja um encontro de poucas horas, visto que dura uma tarde ou uma noite inteira até o amanhecer. Segundo alguns relatos é algo que acontece todos os dias da semana, pois são inúmeras as repúblicas que promovem os encontros.

A “Social” é uma forma de enunciação da cultura universitária que cria sociabilidades lúdicas entre os jovens repúblicas. É um espaço para o livre convívio durante o período de formação universitária, o que significa uma média de quatro anos de convívio. Conforme as observações levantadas, *fazer social* é uma forma de interagir as repúblicas masculinas e femininas ou repúblicas até então desconhecidas. Nestes casos, a continuidade destas *sociais* parte dos processos de identificação dos estilos de vida, como segue o quadro que se formou na observação direta em uma social promovida entre as Repúblicas Lumiar (feminina) e Nau Sem Rumo (masculina)⁶⁶:

Quadro 02

Só-Ri: Esse negócio de diferença é engraçado. Por exemplo, aqui é dividido por regiões e tem região que o povo curte mais Axé, Funk. Tem região que é mais Sertanejo, tem outras que é Rock n’ Roll, essa é a melhor região!!! Aqui é Rock! Mas aqui no Morro é tudo muito misturado. Aqui tem muito Rock n’ Roll, mas tem uns sertanejos.

Teka: E geralmente as repúblicas que tem o mesmo estilo são mais amigas. Igual, por exemplo, tem uma daqui do Morro, que amiga de tal no Antonio Dias, que é amiga dos Deuses e Canaã outra no Rosário.

Só-Ri – É! E todas ouvem Rock!

Entrevistador: Ao que parece as repúblicas mantêm certas relações a partir de certas identificações...

Só-Ri: Semelhanças, né!

Teka: A partir do momento que você é federal já tem aquela identificação. Depois você é do bairro tal. E depois dentro de um bairro tal, você gosta de um tal estilo musical ou vive de tal jeito. Mas nem por isso eu deixo de curtir, ser amiga de tal república que gosta de Axé e mora na praça. Vou nos rocks, ouço axé, mas é aquela história se tiver um rock que vai ter Rock ao invés de Axé, eu prefiro ir pro Rock. Entendeu essas coisas? Por exemplo, em termos de amizade a gente frequenta as outras repúblicas.

⁶⁶ Depoimentos concedidos pelas estudantes-moradoras da República Lumiar, Ana Paula Costa Aguiar (Só-Ri) e Juliana Almeida Rocha (Teka), em 28/04/2010.

Neste sentido, torna-se importante compreender o fluxo de estudantes a partir dos dados fornecidos por eles próprios, para que se possa evidenciar os espaços de subjetivação (ALMEIDA e TRACY, 2003) e articular as categorias sociológicas aos enunciados sociais. Ao chamar de “Social”, os estudantes reforçam os signos de grupo (FRANÇA, 2008) e os laços de amizade para enfatizar as identificações entre os estilos de vida:

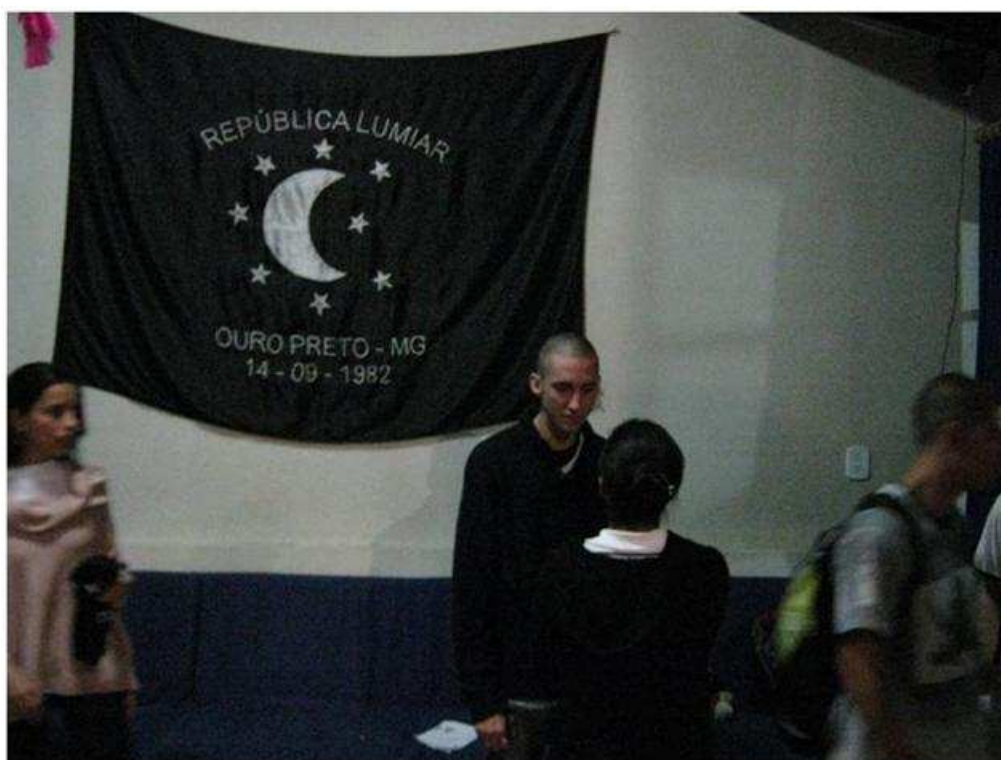
Fazemos uma social para se conhecer ou estreitar os laços entre as repúblicas. Aqui é preciso criar laços, sabe? Logo muita gente chega aqui sem conhecer ninguém. Aí quando entra numa república, fica menos deslocado de algumas coisas. E precisamos nos assegurar que as repúblicas precisam de autonomia; e precisamos levar em conta a ajuda mútua entre elas, sabe? Nesse “trem” todo, pelo menos aquelas mais próximas. Só que tem o problema que muitas vezes também não temos contatos com as outras. Mas são tantas, não é? São quase 400 repúblicas. Não dá pra conversar com todo mundo, “memo” nesta cidade pequena que é OP. OP é pequena, isso é fato, mas parece às vezes uma grande cidade⁶⁷.

É a república uma forma de estreitamento de laços e criação de vínculos afetivos e duradouros entre os estudantes com estilos de vida semelhantes e de inserção dos “bixos” nos lugares. Há também a troca de “bixos”, que passam a acampar na república amiga. Este modo de fazer estreita a sociabilidade entre os jovens que precisam ter seus espaços assegurados através de redes de comunicação cotidiana. As “repúblicas amigas”, como são chamadas, criam formas de sociabilidade como assistir a um filme ou ouvir músicas, fazer programas que acompanham “pingas” e culinárias, passar o tempo a conversar, fazer rodas de violão e churrascos, por fim, torna-se um exercício para aproveitar o momento de troca de experiências. A identificação entre repúblicas reforça “territorialidades”, o que leva muitas vezes ao fechamento de uma para outras, demarcando estilos de vida, que não são propriamente fixos, mas que asseguram diferenças quanto a outras sociabilidades.

A partir destes enunciados podemos inferir não somente a preocupação que os estudantes têm em construir os lugares de sociabilidade, de relações duradouras, mas um lugar interativo, onde o fluxo de pessoas concorre para vários usos e apropriações. O *estreitamento de laços* é próprio da cultura juvenil, constituindo um importante processo de socialização, ao formar grupos de amigos que, com efeito, criam territorialidades que asseguram a pertença de identidades culturais.

⁶⁷ Depoimento de Tuca Lobo. Ouro-pretano, músico e ex-morador de república, em 24/07/2009.

Imagens 27 e 28



Fazer Social enuncia o modo de vida e a cultura republicana. Social entre as Repúblicas Lumiar e Nau Sem Rumor. Fotos do autor, 2010.

Torna-se interessante observar que na esfera da comunicação o nome de cada república é traduzido pelos apelidos diversos que são muitas vezes atribuídos por causa do nome, da estética, do corpo, da altura, modos de falar e andar, gostos, medos, riso, desenvoltura nas tarefas da casa etc. Ouvem-se designações do tipo “Batatinha”, “Bretera”, “Malou”, “Maldada”, “Saqualé”, “Xing-Ling”, “Lerdex”, “Phosfro”, “Bussunda”, “Ligador” etc. Poderíamos então conceber que os indivíduos lançam-se a experimentar viver com as identidades atribuídas e/ou impostas pelo outro? Como refere J. M. Pais: “*de facto, para a generalidade dos jovens, os amigos de grupo constituem o espelho da sua própria identidade, um meio através do qual fixam similitudes e diferenças em relação a outros*” (2003, p. 115). Desse modo, os grupos de amigos asseguram certa identificação dos estilos de vida através de interações e atividades práticas compartilhadas cotidianamente.

Outro aspecto que deve ser considerado é a não-vigilância dos pais. Para que os jovens exerçam suas práticas no espaço da casa a presença dos pais inibe alguns comportamentos. Carles Feixa (2006) demonstra que é próprio das culturas juvenis modernas reivindicarem um espaço próprio, em que os pais não exerçam vigilância sobre seus usos cotidianos. Assim, por exemplo, a prática sexual entre jovens e jovens-adolescentes em Ouro Preto torna-se menos constrangedora, podendo o aluno ou a aluna ter maior escolha e liberdade para sair com seus parceiros e parceiras. O uso de cigarros, bebidas ou drogas ilícitas também são recorrentes, considerando o estilo de vida de cada república. Entretanto, o uso de álcool parece ser mais generalizado, visto que os estudantes geralmente recorrem às práticas tradicionais como o ato de embebedar-se após o dia da “escolha”.

Levantamos, no entanto, que a discussão do uso da noção de “Social” pelas repúblicas sustenta-se a partir do conceito de *sociação* formulado por Simmel (2006, p.16) para discorrer sobre os modos ou as formas pelas quais os indivíduos se relacionam interativamente. Mesmo que os interesses não tenham um conteúdo formal e preconcebido, em que instam prefigurações de relações conflitivas, seu efeito tange por reciprocidade e maior intensidade no conjunto de uma relação. Segundo o autor, a denominação de “social” não remete somente às interações duradouras e objetivadas (como Estado, família, corporações, igrejas, classes, associações etc.), mas àquelas que afluem de relações interdependentes e de reciprocidade (SIMMEL, 2006, p.16).

Para este autor – e esta colocação nos fornece uma perspectiva abrangente para tratar das repúblicas estudantis enquanto espaços que os jovens dispõem para convivência e a socialização, mesmo prevendo, na maioria dos casos, sua partida de volta para a cidade de origem ao final do curso, tornando-se um ex-morador e gerando modos de socializações

descontínuas – “os laços de associação entre os homens são incessantemente feitos e desfeitos, para que então sejam refeitos, constituindo uma fluidez e uma pulsação que atam os indivíduos mesmo quando não atingem a forma verdadeira de organizações” (SIMMEL, 2006, p. 17).

Tratando ainda do contexto pós-moderno de fragmentação, as relações tornaram-se, em alguns casos, menos *duradouras*, visto que podemos adjetivar as identidades como *nomádicas* (ALMEIDA e TRACY, 2003; FEIXA, 2006); *líquidas* (BAUMAN, 2001); ou, como preferimos, *experimentadas* (COSTA, 2002). Entretanto, os vínculos podem ampliar-se. Logo, as relações virtuais promovem a comunicação à distância, mesmo que não haja mais proximidades físicas e no caso das repúblicas de Ouro Preto, o retorno de um ex-morador é geralmente garantido na Festa do 12, quando ocorrem as homenagens aos ex-alunos da Escola de Minas, após certo período de sua saída.

Os usos do tempo cotidiano juvenil são conferidos pela adesão às formas lúdicas de sociabilidade, conceito este que descreve de forma mais ampla as relações entre os jovens, como também a adesão às práticas cotidianas “e da construção de fachadas reforçativas da coesão de grupo” (PAIS, 2003, p. 115). Estas “fachadas” exploram a gratuidade das formas de sociabilidade, de identidades que experimentam a “artificialidade da sociabilidade” em nível de efemeridade e liberdade de associação, com reforço à fluidez com que as relações são mantidas (ou não).

É neste processo de socialização com os amigos que ocorrem discontinuidades dos modos de vida juvenis ainda articulados à esfera familiar. Outrora a casa parecia uma vez opor-se à rua, mas quando observamos que as repúblicas não se estruturam, como um todo, em um espaço privado em contraposição ao público, ela também confere tom articulador de diferenças intrageracionais. Nas repúblicas a escolha de um integrante faz-se através da interação da individualidade dos recém-chegados aos seus valores e regras próprias de funcionamento, rituais e tradições⁶⁸. Contudo, a *indeterminação* referida anteriormente ocorre e fornece ao indivíduo a escolha por continuar ou não batalhando por uma vaga na república, ou que este seja escolhido pelos demais membros como novo morador da casa. Estas escolhas dependem então do estilo de vida de cada um.

“Fazer Social” entre as repúblicas torna-se importante até para a escolha dos novos membros da casa. A integração dos calouros na rede de amizades pode ser determinante para

⁶⁸ Conforme Simmel “a tarefa ética da socialização é fazer com que a junção e a separação dos indivíduos que interagem achem a expressão das relações entre esses indivíduos, embora essas relações sejam espontaneamente determinadas pela vida em sua totalidade...” (2006, p. 78).

o futuro do mesmo como escolhido. Nas repúblicas (ou mesmo nas culturas juvenis) a individualidade do sujeito não tem autonomia própria, pois liga-se às regras e aos valores constituídos para a manutenção da imagem do grupo, como também às indeterminações das linguagens e deslocamentos das culturas autoreferidas. Podemos aqui supor que os grupos jovens desfazem-se ligeiramente quando as identidades entram em conflito em suas linguagens, estilos e práticas cotidianas. Na esteira deste pensamento, entendemos que os estilos de vida demarcam os espaços e inscrevem-se através da diferença cultural.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No entretanto de sua trajetória Ouro Preto cresceu demográfica e simbolicamente para a condição de cidade contemporânea. Diversos processos identitários conformaram o espaço-tempo de seus lugares e sociabilidades. Em suas antigas ruas não se ouve mais os ruídos de correntes e chibatas. Os antigos casarões já não são habitados pelas abastadas famílias patriarcais. Não mais existem escravos acorrentados a carregar pedras para construir casas e ruas. A “identidade” da cidade modificou-se e seu espaço urbano dinamizou-se numa articulação entre passado e presente. A imagem urbana que se tem é da transição da identidade nacional à configuração contemporânea das identidades culturais. Estas transições derivaram da coexistência de agenciamentos em períodos diferentes e resultaram na dinamização sociocultural e espacial de Ouro Preto. A “cidade colonial” tornou-se 1) cidade patrimonial; 2) turística e 3) universitária.

Desde o “redescobrimento do barroco mineiro” as políticas públicas urbanas em Ouro Preto atribuíram uma identidade à cidade em torno do discurso da autenticidade do passado nacional. O legado modernista do Iphan ressaltou a monumentalidade arquitetônica como um recurso de patrimonialização e tombamento do Centro Histórico. O Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Ouro Preto detém significativa representação da colonização portuguesa, além de serem locais convergentes da cultura europeia e africana no Brasil. Este conjunto, idealizado e preservado como principal relíquia do passado colonial, constitui um entretanto que articula as gerações passadas às contemporâneas, por isso enfatiza-se a importância de sua salvaguarda.

A paisagem simbólica e material de Ouro Preto representa na contemporaneidade um sítio de inspiração modernista que conforma as relações entre grupos sociais, que se estabelecem e se diferenciam através do poder político, do poder econômico e de diferenças culturais. Reforçam esta ideia a memória vinculada à produção socioespacial, assim como os investimentos turísticos, que constituíram a *reificação histórico-patrimonialista* da antiga Vila Rica. Com a industrialização da região e o turismo, a circulação de pessoas, signos e capital intensificou-se e inscreveu novas imagens e usos dos espaços através do consumo cultural e das ofertas de bens e serviços. Estes processos sobrefocaram as identidades culturais, a exemplo da vida universitária, que elaborou práticas e usos diferenciados e conflitivos dos espaços ouro-pretanos.

Estas questões revelam a condição contemporânea das cidades históricas, visto que a orientação política de preservação urbana aponta para a disjunção entre práticas socioespaciais, a paisagem urbana e o uso do acervo cultural. Ao mesmo tempo concorrem as inovações culturais e a formação de lugares e sentidos conferidos ao patrimônio histórico-cultural. Foi com tal foco que tecemos os argumentos deste trabalho, com vistas a defender a hipótese sugerida de que as identidades culturais juvenis enunciam e elaboram formas diferenciadas de culturas urbanas, de usos e apropriações espaciais, assim como de conflito cultural. Decorrem, portanto, de estilos de vida experimentados e elaborados cultural e espacialmente.

Em Ouro Preto destacam-se as repúblicas estudantis como *lugares* a partir do modo como os estudantes construíram formas diferenciadas de sociabilidades e identidades urbanas desde a criação da Escola de Minas. Mais tarde, com a fundação da Universidade Federal de Ouro Preto, a “cidade dos estudantes” tornou-se o espaço de enunciação do modo de vida universitário. Desse modo, ao inferirmos que as repúblicas estudantis são lugares em que as práticas ali circunscritas elaboram processos identitários e demarcações de fronteiras, estamos sugerindo que estes espaços publicizam suas diferenças no contexto relacional da cidade.

Os elementos que as diferem conformam os usos e as práticas forjadas na cidade colonial a partir de formas e linguagens contemporâneas. A sociabilidade pública universitária que se desenrolou em Ouro Preto advém da diferenciação dos modos de vida e da autonomização dos signos culturais juvenis que publicizados no cotidiano da cidade e se estende principalmente às atividades práticas dos estudantes repúblicos. Neste sentido, a cultura universitária inscreve-se como uma prática enunciativa de temporalidades, significações, narrativas e espacialidades diversas que articulam de modo reflexivo a vida acadêmica e a sociabilidade lúdica dos jovens estudantes.

As universidades representam também a experiência do desenvolvimento urbano, tecnológico e econômico das cidades. Através desta instituição o fluxo de pessoas, signos, imagens e informações circunscribe o cotidiano urbano ao criar importantes mediações socioculturais na vida das pessoas. A presença da Universidade representou uma nova experiência identitária para Ouro Preto, ao disseminar os campos artísticos, intelectuais e acadêmicos com inovações na esfera sociocultural, na produção de bens simbólicos e de um patrimônio próprio. O Festival de Inverno que ocorre anualmente constitui-se como importante exemplo desta articulação entre a vida cotidiana e turística ouro-pretana e a vida universitária.

Como analisamos, durante sua formação durante o início do século XIX, a Escola de Minas não se autoidentificava com as tradições religiosas e políticas da cidade de Ouro Preto. Criou-se então uma disjunção identitária que levou a certa polarização em razão dos princípios adotados por seu fundador Henri Gorceix. Ao adotar um discurso progressista de caráter modernizante a Escola não reconhecia os aspectos norteadores da vida cotidiana da cidade, posicionamento este que construiu tradições próprias da “cidade universitária” e concorreu para as mudanças nas relações entre os estudantes e os moradores locais de maneira muitas vezes conflitiva. De algum modo, os conflitos socioespaciais foram gerados a partir da patrimonialização da cidade, do turismo, da atividade industrial e das transformações cotidianas devido ao crescimento da sua Universidade, a partir da qual tratamos daqueles procedentes do aumento do número de estudantes e de repúblicas na cidade.

Os conflitos mencionados referem-se ao modo de vida juvenil que se enunciou na “cidade universitária”. É preciso ressaltar que em uma cidade são diversas as culturas juvenis, a exemplo dos próprios moradores jovens-nativos da cidade. Mas para o recorte estabelecido em nossa pesquisa, focou-se os jovens repúblicos, visto que são eles os sujeitos que enunciam o modo de vida da “cidade dos estudantes” (considerados como descentrados de referenciais fixos no contexto relacional da cidade). O fluxo de estudantes para Ouro Preto tornou-se importante para a compreensão das espacialidades, visto que articulam em suas práticas cotidianas as formas sociais, políticas, culturais e econômicas mais propriamente do “sistema das repúblicas”.

Destaquemos ainda a relação destes estudantes com o patrimônio edificado. Como argumentamos, os usos que os jovens fazem dos espaços e do tempo constituem um domínio de afirmação das identidades, das linguagens e estilos de vida, tanto em nível simbólico e discursivo quanto em nível prático. A descrição da cidade contemporânea não concerne necessariamente ao ambiente edificado, mas na incursão das pessoas nos espaços urbanos através de suas práticas e modos de vida espacializantes. Deste modo, a sociabilidade juvenil se traduz em diferentes formas de consumo e apropriações dos lugares. Por isso, em uma cidade como Ouro Preto, os códigos de condutas relacionados à preservação do patrimônio, assim como os modos de vida e estruturas tradicionais da cidade conflituam com as práticas elaboradas pelos repúblicos.

É importante entendermos que a propagação de novos símbolos e signos identitários na vida social tem influência na mudança de significação dos modos de vida adotados pelas pessoas, neste caso, por muitos jovens urbanos. Logo, desde quando a UFOP foi criada, o fluxo de jovens aumentou gradativamente. As repúblicas que já existiam como principais

formas de inserção dos estudantes na vida acadêmica fora de casa tornaram-se também o lugar de conflito em diversos aspectos. Constituídas de práticas e identidades próprias, estes lugares conformam espaços centrados em um conjunto de processos identitários coletivos como a *praxe acadêmica* influenciada pelo deslocamento cultural das tradições e signos das repúblicas de Coimbra. Enunciam-se então tradições, rituais, práticas culturais e modos de organizações materiais e simbólicos: O uso da placa nas ruas, a divisão de hierarquias e alguns ritos festivos são decorrentes deste deslocamento.

Portanto, a inscrição sociossimbólica da Universidade e das repúblicas na imagem e paisagem urbana ouro-pretana pode ser narrada enquanto parte de um acervo cultural bastante ramificado. As repúblicas estudantis consistem em espaços culturais e identitários da “cidade dos estudantes” desde a transferência da capital de Minas para Belo Horizonte em 1897, quando Ouro Preto passou a ser denominada de “cidade das repúblicas”. Decerto podemos afirmar que as repúblicas contribuíram para a conservação e divulgação do patrimônio histórico para um público juvenil. São mais de 400 repúblicas, das quais algumas existem desde o início do século XX, enquanto outras existem no entremeio da efemeridade das relações entre os moradores.

Descrevemos a “cidade das repúblicas” como um espaço cultural cambiante, elaborado e reelaborado constantemente. O público flutuante de jovens estudantes imprimiu à vida urbana cotidiana de Ouro Preto imagens, signos e ruídos que fazem da “cidade dos estudantes” um espaço identitário dissonante de práticas e sociabilidades. As repúblicas são os lugares de moradia, estudo e festas. Como referimos, o que conforma esta multiplicidade de expressões são os usos cotidianos que qualificam as repúblicas como espaços híbridos ou fragmentários, ao enunciarem usos que os transformam em *locus* de sociabilidades públicas. A sociabilidade das pessoas nestes lugares é possível quando seu estilo de vida, valores, fazeres, interesses e linguagens se inscrevem entre os demais membros da casa.

Viver em repúblicas não se traduz como escolha aleatória. A convivência com pessoas diferentes demarca no lugar que se compartilhe a identidade, os estilos de vida e a divisão de bens, o que torna este aspecto necessário para que um morador permaneça na casa até o fim do curso. Além disso, compartilham-se as experiências comuns não somente no espaço da casa, mas na própria vida cotidiana dos estudantes na cidade. É um espaço de liberdade ao mesmo tempo em que ações e comportamentos individuais são observados, críveis de um controle interno. As repúblicas compreendem então as características da flexibilidade dos lugares. Foi neste sentido que procuramos detectar nas entrevistas com os repúblicos as

nuances que caracterizam as sociabilidades públicas entre os moradores e como elas são construídas, de forma que abrange modos de socializações e laços contínuos ou não.

Compreendemos então que os laços sociais e a afetividade entre os jovens são incessantemente fluidos e concorrem para a descontinuidade ou a artificialidade da sociabilidade. Por isso entendemos que na experiência identitária das repúblicas ouro-pretanas as práticas tradicionais como os rituais de adaptação e socialização dos moradores (“batalha”) e os modos de escolhas (“juízo”) podem tornar o lugar constituído de práticas dissonantes e por vezes conflitivas. Ao mesmo tempo, a escolha de um novo morador decorre da interação da individualidade com os valores e regras próprias de funcionamento, rituais e tradições das repúblicas.

Contudo, estes lugares destacam-se como espaços de *indeterminação* da sociabilidade, pois fornece ao indivíduo a possibilidade de ser ou não novo morador da casa. Desse modo os repúblicos construíram táticas de sobrevivência para a continuidade das casas sem a perda de autonomia e autogestão, como o “Fazer Social”, isto é, como se denominam os encontros entre as diversas repúblicas que visam formas lúdicas de inserção do outro. Outra tática são as identidades criadas para cada morador com a designação de apelidos, o uso de placas, as linguagens adotadas e a participação nos “Rocks”.

Por fim, a trajetória histórica de Ouro Preto articula-se à contemporaneidade através dos novos usos conferidos ao patrimônio e da inscrição de novos signos e identidades culturais. A presença marcante de estudantes nos espaços urbanos tem apelado para novas sociabilidades e composições visuais diferenciadas. Dentre as diversas possibilidades de apreendermos os espaços de sociabilidade juvenis, precisamos tratar estas identidades urbanas a partir de seus elementos enunciativos. A prática cultural universitária e sua inscrição sociossimbólica imprimiram ao cotidiano de Ouro Preto imagens e lugares que enunciam as sociabilidades públicas e as formações identitárias estudantis. Além disso, os estilos de vida enunciados pelos repúblicos compõem os lugares de diferenciação dos usos e práticas cotidianas desde a fundação da Escola de Minas no fim do século XIX.

As culturas urbanas juvenis enunciam-se através de diferentes modos de significações que muitas vezes supõem a efemeridade dos espaços públicos e a ausência de lugares. Mas, se estamos a entender de outro modo, com base na fragmentação da cultura e no descentramento do sujeito, os lugares são apropriados e consumidos de diferentes modos, e não vêm a ser necessariamente residuais. Eles são experimentados e descobertos através das diferentes formas de identificação dos sujeitos, as quais podem descerrar as fronteiras socioespaciais resultantes dos conflitos culturais ou mesmo ampliá-las para novas e dissonantes formas de

significação, a exemplo dos usos conferidos ao patrimônio histórico. Através desta percepção, propomos como sugestão analítica a aproximação conceitual dos lugares aos citados espaços públicos de Ouro Preto, visto que a forte inscrição sociossimbólica que essa cultura imprime à vida urbana cotidiana de Ouro Preto faz da cidade um espaço identitário dissonante de práticas sociais e sociabilidades diversas.

Após tantas proposições e análises, é chegado o momento de um balanço teórico final. Ouro Preto foi visitada, enquanto espaço de campo, duas vezes, com o fim explícito de identificar o *modus vivendi* dos jovens estudantes repúblicos. Como se relacionariam, naquele espaço de queda do individualismo (e conseqüente afirmação do grupo)? Ao entendermos o processo cultural que enuncia os “estilos de vida”, enunciamos uma resposta repleta de lugares e demarcações e fronteiras sociossimbólicas. Deste modo, podemos vislumbrar, ainda agora, que Ouro Preto é a reconhecida “cidade das repúblicas” – mas ressalvamos, em tom conciliador finalístico: é também a cidade dos “bixos”, dos “nativos” e dos turistas.

8. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. I. M.. TRACY, K. M. A. **Noites Nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas.** Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ARANTES, Antonio A. **Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público.** Campinas: Editora da Unicamp/Imprensa Oficial, 2000.

_____. Patrimônio cultural e nação. In: Ângela Maria Carneiro Araújo. (Org.). **Trabalho, Cultura e Cidadania: um balanço da história social brasileira.** 1ª ed. São Paulo: Scritta, 1997, v. 1, p. 275-290.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 258 p.

BHABHA, Homi. O pós-colonial e o pós-moderno: a questão da agência. In: _____. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1.

_____. Paris, Capital do século XIX. In: FORTUNA, C. (org.). **Cidade, Cultura e Globalização: Ensaio de sociologia.** Oeiras: Celta, 1997.

BOURDIEU, P. A “juventude” é só uma palavra. In: **Questões de Sociologia.** Lisboa: Fim de Século, 2003. p. 151-162.

BLASS, L. M. S. . Juventude e Trabalho. In: COSTA, M. R. e SILVA, E. M. **Sociabilidade juvenil e cultura urbana.** São Paulo: Educ, 2006, v. 1º, p. 55-77.

CÂMARA DE VEREADORES DE OURO PRETO. **Acompanhe a polêmica sobre as repúblicas de Ouro Preto.** Disponível em <http://www.cmop.mg.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=279:acompanhe-a-polemica-sobre-as-republicas-de-ouro-preto&catid=62:outros&Itemid=1>. Matéria veiculada em 02 de Maio de 2006.

CANCLINI, Nestor G. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

_____. **Diferentes, Desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

_____. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Edusp, 2008.

CARVALHO, José Murilo. **A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória.** São Paulo: Ed. Nacional; Rio de Janeiro: Financiadora de Estudos e Projetos, 1978.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1994.

_____. **A Cultura no Plural**. São Paulo: Papyrus, 1995.

CIFELLI, G. **Turismo, patrimônio e novas territorialidades em Ouro Preto – MG**. Dissertação de Mestrado em Geografia. São Paulo: UNICAMP, 2005.

COSTA, António F. Identidades culturais urbanas em época de Globalização. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo: v. 17, n. 48, Feb. 2002.

COSTA, Márcia R. Culturas juvenis, globalização e localidades. *In*: COSTA, M. R. e SILVA, E. M. **Sociabilidade juvenil e cultura urbana**. São Paulo: Educ, 2006a.

COSTA, Sérgio. Pós-colonialismo e *Différance*. *In*: _____. **Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006b.

CRIVELLARI, Helena, M. T. **A Trama e o Drama do Engenheiro: mudança de paradigma produtivo e relações educativas em Minas Gerais**. Tese de Doutorado em Educação. Campinas, SP: Faculdade de Educação da Unicamp, 1998.

DEQUECH, David. **Isto Dantes em Ouro Preto: Crônicas**. Belo Horizonte: Minas Gráfica, 1984.

ESCOLA DE MINAS. **A Inauguração da Escola de Minas**. Disponível em <<http://www.em.ufop.br/em/inauguracao.php>>. Acesso em março de 2010.

ESTANQUE, Elísio. **As Repúblicas de Coimbra, entre o passado e o presente**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 2005. Não paginado. Disponível em: <<http://www.ces.fe.uc.pt/opiniao/ee/001.php>>. Acesso em: julho de 2010.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FEIXA, Carles. O quarto dos adolescentes na era digital. *In*: COSTA, M. R. e SILVA, E. M. **Sociabilidade juvenil e cultura urbana**. São Paulo: Educ, 2006.

FERREIRA, Vítor Sérgio. Do Renascimento das marcas corporais em contextos de neotribalismo juvenil. *In*: PAIS, J. M. e BLASS, Leila M. S. (orgs). **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. São Paulo: Annablume, 2004.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FORTUNA, Carlos. Destradicionalização e imagem da cidade: o caso de Évora. *In*: _____. (org.) **Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia**. Oeiras: Celta, 1997.

_____. Imaginando a *democracidade*: do passado da sociologia para o futuro das cidades. *In*: LEITE, Rogerio Proença (org). **Cultura e vida urbana: ensaios sobre a cidade**. São Cristóvão: EDUFS, 2008.

FRANÇA, Adriana Altíssimo. **O léxico da comunidade de Ouro Preto - MG: da (im) possibilidade de reflexos do contato lingüístico.** Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano.** 15. ed. São Paulo: Global, 2004. 965 p.

FRIAS, Aníbal. Patrimonialização da Alta e da Praxe académica de Coimbra. **Actas do Congresso de Sociologia.** Sociedade portuguesa: passados recentes, futuros próximos, Coimbra (em CD-Rom), 2002.

_____. Praxe académica e culturas universitárias em Coimbra: Lógicas da tradição e dinâmicas identitárias, **Revista Crítica de Ciências Sociais.** Coimbra, Centro de Estudos Sociais, n° 66, outubro, 2003, p. 81-116.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. *In: Em defesa da Sociologia: Ensaio, interpretações e réplicas.* São Paulo: Editora UNESP, 2001.

_____. **Modernidade e Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GOMES, Carina. Imagens e narrativas da Coimbra turística: Entre a cidade real e a cidade (re)imaginada. **Revista Crítica de Ciências Sociais,** n. 83. p. 55-78, 2008.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; MinC; IPHAN, 1996.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético.** São Paulo: 34, 1992.

HALL, Stuart. Estudos culturais e seu legado teórico. *In: _____.* **Da diáspora: identidade e mediações culturais.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

HOLLANDS, Robert G. As identidades juvenis e a cidade. *In: FORTUNA, Carlos.* **Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia.** Oeiras: Celta, 1997.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2922 p.

IBGE CIDADES. **Estimativa da população 2009.** Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 16 de agosto de 2009.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio.** São Paulo: Ática, 1997.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LEITE, Rogerio Proença. **Contra-usos da cidade: Lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. Campinas: UNICAMP; Aracaju: EDUFS, 2007.

_____. Image Making: notas sobre a estética visual nas cidades contemporâneas. *In*: _____. (org). **Cultura e vida urbana: ensaios sobre a cidade**. São Cristóvão: EDUFS, 2008.

_____. Espaços Públicos na Pós-modernidade. *In*: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogerio Proença. (Org.). **Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos**. 1. ed. Coimbra: CES/Almedina, 2009, v. 1, p. 187-204.

LESSA, Maria Aracy. **Ouro Preto do meu tempo**. 2. ed.. São Paulo: IBRASA, 1981.

LOSEKANN, Silvana. **Repúblicas de Ouro Preto reformam imóveis**. Disponível em <<http://www.defender.org.br/republicas-de-ouro-preto-reformam-imoveis/>>. Acesso em 18 de junho de 2009.

MACHADO, Otávio Luiz . As repúblicas estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 66, p. 197-199, 2003.

_____. O sistema de repúblicas de Ouro Preto e Mariana. *In*: MACHADO, Otávio Luiz. (org.). **As repúblicas de Ouro Preto e Mariana: trajetórias e importância**. 1. ed. Recife: Projeto A Engenharia nacional, os estudantes e a educação superior: a memória reabilitada (1930-1985), 2007, p. 160-194.

_____. Casas de estudantes e Educação Superior no Brasil: aspectos sociais e históricos. *In*: ZAIDAN, Michel; MACHADO, Otavio Luiz. (orgs.). **Movimento Estudantil Brasileiro e a Educação Superior**. Recife: Universitária UFPE, 2007b, p. 191-208.

_____. Reconstrução Histórica das Repúblicas Estudantis da UFOP. **Anais do IV Seminário de Metodologia para Projetos de Extensão**. São Carlos, SP: 29-31 de agosto, 2001. Disponível em: <<http://www.itoi.ufrj.br/sempe/t6-p43.htm>>. Acesso em 20 de abr. 2009.

MAGNANI, José G. C; SOUZA, Bruna M. **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. 1. ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. *In*: Margulis, Mario (org). **La juventud es más que una palabra: Ensayos sobre cultura y juventud**. Buenos Aires: Biblos, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. *In*: BORELLI, Sílvia H.S., FREIRE FILHO, João (orgs). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.

MOTTA, Lia. A SPHAN em Ouro Preto: uma história de conceitos e critérios. *In*: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 22. Rio de Janeiro: IPHAN, 1987.

NILAN, Pam and FEIXA, Carles. Introduction: Youth hybridity and plural worlds. *In*: _____. (Ed.) 2006: **Global Youth? Hybrid identities, plural worlds**. New York: Routledge, 2006.

OLIVEIRA, Lucia Lippi, **Cultura é patrimônio: um guia**. Editora FGV, 2008. 192 p.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. 2. ed. Lisboa : INCM, 2003.

_____. **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. *In*: PAIS, José Machado; BLASS, Leila M. S. (orgs). São Paulo : Annablume, 2004.

_____. Bandas de garagem e identidades juvenis. *In*: COSTA, M. R. e SILVA, E. M. **Sociabilidade juvenil e cultura urbana**. São Paulo : Educ, 2006.

PEIXOTO, Paulo. A identidade como recurso metonímico dos processos de patrimonialização. *In*: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 70, Dezembro 2004. p. 183-204.

PETERS, Michel. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

QUEIMA DAS FITAS. Disponível em < <http://queimadasfitas.org/>>. Acesso em agosto de 2010.

QUEIROZ, M. A. N. F. Ouro Preto e Mariana. *In*: Arantes, A. A. (org.). **Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Brasiliense, CONDEPHAAT, 1984. p. 193-218.

RACIOPPI, Vicente de Andrade. **Estudantes do Rio Grande do Sul em Ouro Preto**. Belo Horizonte: Typ. Castro, 1940.

REPÚBLICA AQUARIUS. Disponível em < http://www.republicaaquarius.com.br/sgr_acasa/>. Acesso em setembro de 2009.

SALCEDO, R. F. B.. **A reabilitação da residência nos centros históricos da América Latina: Cusco (Peru) e Ouro Preto (Brasil)**. 1. ed. São Paulo: UNESP, 2007. v. 1.

SARDI, Jaime Antonio. Estratégias de Auto-regulação por Estudantes Universitários em Ambiente de Exacerbação do Prazer. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, n. 15, jun/dez, 2000.

_____. **Una perspectiva analítica sobre el contexto educacional de la UFOP: educación, subjetividad e exacerbación de los placeres.** Tese de Doutorado. La Habana, CUB: Instituto Central de Ciencias Pedagógicas, 2001.

SAVAGE, Mike e WARDE, Alan. **Sociologia Urbana, Capitalismo e Modernidade.** Oeiras: Celta, 2002, p. 99-149.

SAYEGH, Liliane. **Dinâmica urbana em Ouro Preto:** Conflitos Decorrentes de sua patrimonialização e de sua consolidação como cidade universitária. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Salvador: UFBA, 2009. 240 p.

SILVA, F. F. **As cidades brasileiras e o patrimônio cultural da humanidade.** São Paulo: Edusp, 2003.

SIMMEL, George. **Questões fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. A metrópole e a Vida do Espírito. *In:* FORTUNA, C. (org.). **Cidade, cultura e globalização:** ensaios de sociologia. Oeiras: Celta, 1997, p. 83-103.

SMART, Barry. Teoria social pós-moderna. *In:* TURNER, Bryan S. **Teoria Social.** Lisboa: Difel, 2002.

SPOSITO, M. P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Rev. Sociol.** São Paulo: USP, 1993, n. 5, ano 1-2. p. 161-178.

SPOSITO, M. P; CARRANO, P. Juventude e Políticas Públicas no Brasil. *In:* ANPED. **Revista Brasileira de Educação.** n. 24, São Paulo: ANPED, 2003.

SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA. **Ameaçada de desapropriação, República Pif-Paf mantém posse de imóvel.** Disponível em <http://www.stj.jus.br/portal_stj/publicacao/engine.wsp?tmp.area=398&tmp.texto=97521> . Acesso em 02 de junho de 2010.

TAMASO, Isabella. M. A Expansão do Patrimônio: novos olhares sobre velhos objetos, outros desafios. **Sociedade e Cultura.** Goiás: UFG, 2005. v. 8, n. 2, p. 13-36.

TEODORO, Rosa J. **Fazendo festa, criando história(s) e contando estória(s):** o Doze em Ouro Preto, MG. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

TONETTI, Flávio. **Repúblicas estudantis de Ouro Preto:** uma educação para a vida. Acessado em <<http://www.ensino.blog.br/2007/11/30/republicas-estudantis-de-ouro-preto-uma-educacao-para-a-vida/>>, março de 2010.

UNESCO. **Historic Town of Ouro Preto.** Disponível em <<http://whc.unesco.org/en/statesparties/br>>. Acesso em setembro de 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. **Resolução CUNI,** n. 779. *In:* Estatuto das Repúblicas Federais de Ouro Preto, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. **Moradias Estudantis**. Disponível em <http://www.ufop.br/index.php?option=com_content&task=view&id=56&Itemid=157>. Acesso em setembro de 2009.

VELHO, G. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, M.I.M. de e EUGÊNIO, F.(org.) **Culturas jovens – novos mapas do afeto**. R.J., Jorge Zahar, 2006, p.192-200.

WELLER, Wivian. A invisibilidade feminina nas (sub)culturas juvenis. *In*: COSTA, M. R; SILVA, E. M. **Sociabilidade juvenil e cultura urbana**. São Paulo: Educ, 2006.

ZUKIN, Sharon. Paisagens do século XXI: notas sobre a mudança social e o espaço urbano. *In*: ARANTES, Antonio (org.). **O Espaço da Diferença**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

ANEXOS

ANEXO 01:**QUADRO DE REPÚBLICAS FEDERAIS DE OURO PRETO**

ADEGA	Masc	CENTRO
AQUARIUS	Masc	CENTRO
ARTE E MANHA	Mista	MORRO DO CRUZEIRO
BANGALO	Masc	CENTRO
BASTILHA	Masc	MORRO DO CRUZEIRO
BAVIERA	Masc	ANTONIO DIAS
BEM NA BOCA	Fem	PILAR
BOITE CASABLANCA	Masc	CENTRO
BUTANTAN	Masc	PILAR
CANAAN	Masc	CENTRO
CASANOVA	Masc	PILAR
CASSINO	Masc	PILAR
CASTELO DOS NOBRES	Masc	ANTONIO DIAS
CHEGA MAIS	Fem	PILAR
CONSULADO	Masc	CENTRO
CONVENTO	Fem	MORRO DO CRUZEIRO
COSA NOSTRA	Masc	MORRO DO CRUZEIRO
COVIL DOS GENIOS	Masc	MORRO DO CRUZEIRO
DEUSES	Masc	ROSARIO
DOCE MISTURA	Fem	MORRO DO CRUZEIRO
ESPIGAO	Masc	CENTRO
GAIOLA DE OURO	Masc	CENTRO
JARDIM DE ALÁ	Masc	CENTRO
JARDIM ZOOLOGICO	Masc	PILAR
KOXIXO	Fem	MORRO DO CRUZEIRO
LUMIAR	Fem	MORRO DO CRUZEIRO
MARACANGALHA	Masc	CENTRO
MARIA BONITA	Fem	ROSARIO
MARRAGOLO	Masc	CENTRO
MIXURUCA	Masc	BARRA
NAU SEM RUMO	Masc	CENTRO
NECROTERIO	Masc	PILAR
NINHO DO AMOR	Masc	CENTRO
VELHA NEGRA	Fem	MORRO DO CRUZEIRO
PALMARES	Fem	MORRO DO CRUZEIRO
PASARGADA	Masc	MORRO DO CRUZEIRO
PATOTINHA	Fem	ANTONIO DIAS
PENITENCIARIA	Masc	AGUA LIMPA
PERIPATUS	Masc	MORRO DO CRUZEIRO
PIF-PAF	Masc	PILAR

POLEIRO DOS ANJOS	Masc	ANTONIO DIAS
PRONTO SOCORRO	Masc	PILAR
PULGATORIO	Masc	CENTRO
QUARTO CRESCENTE	Fem	MORRO DO CRUZEIRO
QUITANDINHA	Masc	CENTRO
REBU	Fem	PILAR
SAUDADE DA MAMAE	Masc	CABEÇAS
SENZALA	Masc	MORRO DO CRUZEIRO
SINAGOGA	Masc	CENTRO
TABU	Masc	CENTRO
TANTO FAZ	Fem	PILAR
TERRITORIO XAVANTE - TX	Masc	LAJES
TIGRADA	Masc	MORRO CRUZEIRO
TOKA	Fem	CAMPUS
UNIDOS POR ACASO - U.P.A.	Masc	MORRO DO CRUZEIRO
VERDES MARES	Masc	PILAR
VIRADA PRA LUA	Fem	PILAR
VIRA SAIA	Masc	MORRO DO CRUZEIRO

QUADRO DE REPÚBLICAS FEDERAIS DE MARIANA

B*	Mista	CHACARA
DEVASSA	Mista	Bairro não disponível
POCILGA	Mista	CHACARA
QSQ	Masc	Bairro não disponível
ROCINHA	Mista	CHACARA
SE	Mista	CHACARA
TAQUEUPA	Mista	CHACARA
ZONA	Mista	CHACARA

ANEXO 02: TABELA UFOP

CURSOS	MG		MG	OUTROS ESTADOS	Total geral
	OUTRAS ¹	OP ²			
ADMINISTRACAO	132	23	155	39	194
ARQUITETURA E URBANISMO	87	9	96	49	145
ARTES CENICAS	103	2	105	88	193
CIENCIA DA COMPUTACAO	154	21	175	36	211
CIENCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS	39	13	52	10	62
CIENCIAS BIOLOGICAS	183	18	201	38	239
CIENCIAS ECONOMICAS	102	15	117	32	149
COMUNICACAO SOCIAL - JORNALISMO	128	12	140	45	185
DIREITO	296	18	314	124	438
EDUCACAO FISICA	101	33	134	17	151
ENG. AMBIENTAL	112	7	119	46	165
ENG. CIVIL	200	19	219	83	302
ENG. DE COMPUTACAO	46		46	20	66
ENG. DE CONTROLE E AUTOMACAO	139	12	151	65	216
ENG. DE MINAS	223	10	233	64	297
ENG. DE PRODUCAO	161	13	174	64	238
ENG. DE PRODUCAO - JOAO MONLEVADE	214	2	216	45	261
ENG. ELETRICA	56	2	58	12	70
ENG. GEOLOGICA	219	18	237	61	298
ENG. MECANICA	71	7	78	25	103
ENG. METALURGICA	248	16	264	35	299
ESTATISTICA	42	24	66	8	74
FARMACIA	348	18	366	92	458
FILOSOFIA	77	6	83	43	126
FISICA	57	11	68	16	84
HISTORIA	221	17	238	139	377
LETRAS	253	46	299	100	399
MATEMATICA	80	49	129	12	141
MEDICINA	186	4	190	38	228
MUSEOLOGIA	31	24	55	24	79
MUSICA - MODALIDADE LICENCIATURA	81	15	96	13	109
NUTRICAO	205	27	232	60	292
PEDAGOGIA - LICENCIATURA	72	34	106	9	115
QUIMICA INDUSTRIAL	107	13	120	23	143
QUIMICA LICENCIATURA	51	10	61	10	71
SERVICO SOCIAL	88	43	131	13	144
SISTEMAS DE INFORMACAO	191	4	195	13	208
TURISMO	128	32	160	71	231
Total geral	5232	647	5879	1682	7561
OBS: Dados referentes à cidade de Naturalidade do Aluno somente para cursos presenciais.					
¹ Outras Cidades de MG / ² Ouro Preto-MG					
Fonte: Pró-Reitoria de Graduação/PROGRAD/UFOP. Dados referentes até o ano de 2010.					

ANEXO 03:
QUADRO DE ITENS LEXICAIS ESPECIAIS DOS UNIVERSITÁRIOS
(FRANÇA, 2008, p.53-54)

1. **AGARRAR - Reprovar-se.**
2. **ARRANCAR - Aprovar-se, Passar.**
3. **BATALHA:** Período de experiência pelo qual o calouro passa antes de ser ou não aceito na república - **Luta, Peleja.**
4. **BICHO:** Aluno novato na república - **Calouro.**
5. **BORRACHA - Fácil, Simples.**
6. **CAMOFO (a):** Homem ou mulher que se relacionam afetivamente com muitas pessoas - **Mulher/homem fácil.**
7. **CATAR:** Desistir de algo: república, curso, disciplina, por exemplo - **Desistir.**
8. **COMADRE:** Empregada doméstica - **Empregada, doméstica.**
9. **DOUTOR (a):** Moradores mais velhos na república, estudantes que instruem os calouros das tarefas a serem cumpridas - **Veterano.**
10. **ESCOLHA:** Aceitação do calouro na república - **Seleção, Opção.**
11. **FERRAR - Estudar.**
12. **FINA:** Apostila, cópia reprográfica e anotação que contém conteúdos das aulas, cola - **Apostila, Cola (inf.).**
13. **PENSÃO:** República onde a organização e a amizade entre os moradores não é exemplo para outras - **Casa desorganizada.**
14. **PRESIDENTE:** Estudante responsável por administrar as contas da república num determinado mês - **Administrador, Governanta.**
15. **ROCK - Festa, comemoração.**
16. **ROMBUDO (a):** Estudante que consegue boas notas; disciplina e professor exigentes - **Difícil, Exigente.**
17. **SEMI-BICHO:** Morador da república que passou recentemente pelo processo de 'batalha' e que é o responsável direto por passar as instruções para calouro. Morador ainda não considerado um doutor - **s/correspondente.**

18. TEORIA: Estado de um estudante avesso a festas, metódico, teórico, teórica - **Responsabilidade, Preocupação, Método.**

19. VENTO: Desarrumação dos pertences dos calouros (roupas, livros, etc) - **Bagunça.**

ANEXO 04:

RESOLUÇÃO CUNI 779: ESTATUTO DAS REPÚBLICAS FEDERAIS

RESOLUÇÃO CUNI Nº 779

Aprova o Estatuto das Residências Estudantis em Ouro Preto.

O **Conselho Universitário da Universidade Federal de Ouro Preto**, em sua 191ª reunião ordinária, realizada em 25 de agosto deste ano, no uso de suas atribuições legais,

RESOLVE :

Aprovar o Estatuto das Residências Estudantis em Ouro Preto, cujo documento fica fazendo parte integrante desta Resolução.

Ouro Preto, em 25 de agosto de 2006.

Prof. João Luiz Martins
Presidente

ESTATUTO DAS RESIDÊNCIAS ESTUDANTIS

TÍTULO I

Das Residências Estudantis

Art. 1º As Residências Estudantis integram a política de incentivo a permanência dos discentes na UFOP, e como tal destinam-se a assegurar moradia aos estudantes regularmente matriculados nos cursos de graduação, prioritariamente.

§ 1º - Para efeito desse Estatuto, consideram-se Residências Estudantis as chamadas Repúblicas Federais, especificamente as dispostas no Anexo I.

§ 2º - As Residências Estudantis, pertencentes à UFOP, são legalmente cedidas aos discentes que nelas residem.

CAPÍTULO I

Dos Objetivos

Art. 2º São objetivos das Residências Estudantis:

- a) oferecer ao estudante morador um ambiente sadio, capaz de proporcionar-lhe as condições de moradia e uma melhor aplicação nos estudos, atenuando preocupações de outra natureza;
- b) contribuir para o desenvolvimento da formação humanística do estudante, atribuindo-lhe, ao mesmo tempo, a responsabilidade de administrar o prédio e de promover a boa convivência coletiva e o respeito ao próximo;
- c) estimular e desenvolver, entre os estudantes, o espírito de solidariedade e cidadania, dentro de um clima de permanente compreensão dos seus direitos e deveres no ambiente comunitário;

- d) oferecer ao estudante universitário condições de moradia em ambiente que se assemelhe ao familiar e, conseqüentemente, propicie melhores condições de estudo;

CAPITULO II

Da Residência Estudantil

Art. 3º Cada Residência Estudantil será composta por um grupo de discentes, que serão responsabilizados individualmente pelos atos ali praticados, tanto na esfera administrativa, quanto na civil e na penal.

Art. 4º Para facilitar a comunicação institucional, cada Residência Estudantil terá um morador responsável por representá-la oficialmente, podendo este ser escolhido livremente por seus pares.

Parágrafo único. Caso a Residência Estudantil não indique um morador responsável, a CAC deverá fazê-lo.

Art. 5º Cada Residência Estudantil deverá ter seu próprio Regimento Interno, que estará subordinado a este Estatuto, bem como ao Estatuto e ao Regimento Interno da Universidade Federal de Ouro Preto.

Art. 6º Em cada Residência Estudantil deve ser respeitado o número fixo de estudantes moradores, sugerido por parecer técnico da Prefeitura Universitária, ouvida a Comissão de Repúblicas Federais - REFOP, não se admitindo em nenhuma hipótese a existência de vagas ociosas.

§ 1º - Serão consideradas vagas ociosas aquelas que se mantiverem desocupadas por mais de dois meses.

§ 2º - Serão consideradas preenchidas as vagas ocupadas por moradores e candidatos a moradores;

§ 3º - Caso os moradores da Residência Estudantil não consigam preencher as vagas ociosas por critérios próprios de seleção, deverá a Coordenadoria de Assuntos Comunitários (CAC), ouvida a Comissão de Repúblicas Federais (REFOP), indicar discentes para o preenchimento das vagas.

Art. 7º Pelo princípio da auto-gestão, cada Residência Estudantil utilizará de critérios próprios de seleção, devendo, sempre que possível, priorizar os candidatos mais desfavorecidos economicamente.

Parágrafo único. Os critérios de escolha em casa Residência Estudantil devem ser claros e acessíveis a todo os candidatos, devendo, obrigatoriamente, constar do Regimento Interno da Residência.

Art. 8º Considerar-se-á morador o candidato que for aprovado pelos critérios específicos de seleção estabelecidos pela própria Residência.

Art. 9º É proibida a locação ou empréstimo do espaço da Residência a terceiros, sem o devido consentimento da Universidade Federal de Ouro Preto.

TÍTULO II

Dos Residentes

CAPÍTULO I

Dos Direitos e Deveres

Art. 10 É direito do morador da Residência Estudantil:

- a) utilizar todas as instalações da Residência;
- b) receber visitas de familiares, colegas e de eventuais convidados;
- c) adotar procedimentos próprios de auto-gestão na administração da Residência;
- d) solicitar intervenção do Serviço de Vigilância da UFOP no recinto da casa;
- e) apresentar reivindicações ao Comitê Permanente de Moradia Estudantil (COPEME);
- f) recorrer ao CUNI, como instância conclusiva, contra qualquer ato da Administração Superior desta Universidade.

Art. 11 É dever do morador da Residência Estudantil:

- a) administrar a Residência, zelando pela sua conservação e manutenção;
- b) respeitar os direitos dos demais moradores, colegas e funcionários da UFOP;
- c) indenizar danos e prejuízos materiais causados ao próprio prédio residencial, aos móveis e utensílios da Residência, bem como qualquer dano causado a UFOP em decorrência da utilização do prédio;
- d) manter atualizado o cadastro de moradores na CAC;
- e) garantir a ocupação integral da Residência, mantendo o número exato de moradores previamente definido;
- f) vedar a permanência de pessoas estranhas no recinto das residências,
- g) coibir a aplicação de brincadeiras constrangedoras que atentem contra os princípios da dignidade da pessoa humana, da igualdade e das demais garantias individuais constitucionalmente garantidas;
- h) zelar pela ordem e disciplina da casa;
- i) encaminhar os problemas relacionados com enfermidades e casos de acidentes ocorridos na Residência, comunicando em tempo hábil a CAC;
- j) zelar pela boa convivência com os vizinhos e com a comunidade do bairro em que está inserida a Residência Estudantil;
- l) participar da assembléia dos moradores para apreciar e aprovar o regimento interno da casa e/ou possíveis alterações que sejam apresentadas pelos moradores;
- m) abster-se de fazer uso ou estar de posse de entorpecentes ou alucinógenos no recinto da Residência Estudantil;
- n) vedar a guarda de armas de qualquer tipo na Residência Estudantil;

6

- o) cumprir e fazer cumprir este Estatuto, bem como o Regimento interno da casa.

TITULO III

Das Disposições Gerais e Transitórias

Art.12 Cabe aos moradores de cada Residência adotar as normas complementares necessárias ao adequado funcionamento da casa.

Art. 13 A REFOP, mencionada no presente Estatuto, é formada por representantes de todas as Residências Estudantis da UFOP e é regulada por Estatuto e Regimento próprio.

Art. 14 - Os casos omissos serão resolvidos pelo CUNI, ouvido o COPEME.

Art. 15 Este Estatuto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Ouro Preto, em 25 de agosto de 2006.

Prof. João Luiz Martins
Presidente

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)